



Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Aos mestres, com carinho

História e memória da
Educação Física na
Universidade de Brasília

Alessandra Pessoa Coimbra
Dulce Filgueira de Almeida
Ingrid Dittrich Wiggers
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial : Emily Dias de Matos
Preparação e revisão : Alexandre Vasconcellos de Melo
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Diagramação : Haroldo Brito
Foto de capa : Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos
Estudantis JEBs - Universidade de Brasília. Arquivo
Central/AtoM UnB - <https://atom.unb.br/index.php/00044-10>
© 2022 Editora Universidade de Brasília
Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza dos Santos – Bibliotecária - CRB1/1913

A638 *Aos mestres, com carinho : história e memória da
Educação Física na Universidade de Brasília /
Alessandra Pessoa Coimbra, Dulce Filgueira de
Almeida, Ingrid Dittrich Wiggers (organizadoras). -
Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.
198 p. ; 27 cm.*

ISBN 978-65-5846-118-0 (impresso).
ISBN 978-65-5846-112-8 (e-book).

1. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação
Física - História. 2. Educação física. 3.
Professores. I. Coimbra, Alessandra Pessoa (org.).
II. Almeida, Dulce Filgueira de (org.). III. Wiggers,
Ingrid Dittrich (org.).

CDU 378.096:796



MESTRE!

*Tão poucas letras.
Tão pequena palavra*

*Mestre!
Mestre é professor
Mestre é aquele que ensina.*

*Mestre!
Não, não é isto só.*

*Mestre lida,
Mestre luta,
Mestre ama,
Mestre educa,
E Mestre também ensina.*

*Mestre,
Esta é sua sina.*

*Grande o seu valor,
Grande o seu dever.*

*Ser mestre,
É ser exemplo,
É ser tudo na vida.*

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)
Vitória, ES, 14/10/1970

Emblema do Centro Olímpico: uma das provas documentais resgatadas pelo projeto “História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”



Arte: Ana Rita Grilo/Secom UnB

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), que subsidiou o desenvolvimento da pesquisa sobre a história da Educação Física, esporte e lazer da Universidade de Brasília (UnB), desde o período original, na década de 1960, até a criação da Faculdade de Educação Física (FEF), em 1997.

Ao Decanato de Pós-Graduação da UnB e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa do Programa de Iniciação Científica, que apoiou a realização das primeiras entrevistas com professores pioneiros da Faculdade de Educação Física da UnB, em 2005.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, pelo suporte ao projeto de pesquisa “História e memória da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília”.

À direção da FEF, representada pelo professor Fernando Mascarenhas, por integrar o projeto de memória da Faculdade de Educação Física ao plano estratégico da equipe de gestão – 2018 a 2021.

À Karine Pires Castro, pelo trabalho de transcrição das entrevistas, bem como à Paula Diniz Lins, pela revisão técnica das transcrições.

Ao servidor Éder de Souza Vasconcelos, pela produção de entrevistas em vídeo, e também a Elizeu Dourado, pela produção e edição do material em vídeo.

Aos professores da FEF, Alexandre Luiz Gonçalves Rezende, Aldo Antônio de Azevedo, Luiz César dos Santos, Jake Carvalho do Carmo e Paulo Henrique de Azevêdo, que, gentilmente, colaboraram de maneira significativa para a realização deste projeto, atuando como entrevistadores e prestando homenagens aos professores pioneiros.

Aos professores pioneiros da FEF, que dedicaram sua vida de trabalho à UnB, por contribuírem com suas memórias, documentos e fotografias, fortalecendo, assim, nossa identidade e perfil institucional.

Especialmente aos pioneiros que concederam as entrevistas, professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*), professor William Passos (*in memoriam*), professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar, professor Osmar Riehl, professora Maria Rute Jácome de C. Cavalcanti, professora Solange de Cássia Elias Passos, professor Alcir Braga Sanches, professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*), professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) e professor Iran Junqueira de Castro.

Aos familiares de professores pioneiros, sobretudo a Luana Siqueira Reis, Helena Pessoa Cantarino, Roberto Garcia Nóbrega e Professora Solange de Cássia Elias Passos, que, carinhosamente, prestaram homenagens e compartilharam documentos e fotografias dos acervos pessoais.



Sumário

Prefácio 15

Efemérides 19

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 1

Trajectoria histórica da criação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília 23

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra
Carolina Nascimento Jubé

- 1. Pioneirismo 23**
- 2. História, memória e identidade 26**
- 3. Desenho metodológico 27**
- 4. Linha do tempo 29**
- 5. Professores pioneiros 31**
- 6. Imagens que antecederam a criação da Faculdade de Educação Física 33**
- 7. Rumos da pesquisa histórica 38**

CAPÍTULO 2

Olhares sobre a Educação Física da Universidade de Brasília: perspectivas dos fundadores 43

Dulce Filgueira de Almeida
Fábio de Assis Gaspar

CAPÍTULO 3

Apresentação dos professores pioneiros 51

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) **51**
Por Paulo Henrique Azevêdo e Roberto Garcia Nóbrega
2. Professor William Passos (*in memoriam*) **54**
Por Solange de Cássia Elias Passos
3. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar **55**
Por Aldo Antônio de Azevedo
4. Professor Osmar Riehl **57**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
5. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti **58**
Por Luiz César dos Santos
6. Professora Solange de Cássia Elias Passos **59**
Por Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
7. Professor Alcir Braga Sanches **61**
Por Jake Carvalho do Carmo
8. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) **62**
Por Ingrid Dittrich Wiggers e Alessandra Pessoa Coimbra
9. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) **63**
Por Helena Pessoa Cantarino
10. Professor Iran Junqueira de Castro **64**
Por Alessandra Pessoa Coimbra

CAPÍTULO 4

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2005) 67

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) (R.G.N.) **67**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
2. Professor William Passos (*in memoriam*) (W.P.) **75**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C) **87**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **98**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **104**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
6. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) (M.H.S.) **112**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)
7. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) (M.R.C.F) **120**
Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

CAPÍTULO 5

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2018 e 2019) 135

1. Professor Antônio Carlos Alvarenga Balthazar (A.C.A.B.) **135**
Entrevistador: Aldo Antônio de Azevedo (A.A.A.)
2. Professor Osmar Riehl (O.R.) **140**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C.) **148**
Entrevistador: Luiz César dos Santos (L.C.S.)
4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.) **160**
Entrevistador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (A.L.G.R.)
5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.) **167**
Entrevistador: Jake Carvalho do Carmo (J.C.C.)
6. Professor Iran Junqueira de Castro (I.J.C.) **178**
Entrevistadora: Alessandra Pessoa Coimbra (A.P.C.)

Perspectivas 195

Ingrid Dittrich Wiggers
Alessandra Pessoa Coimbra

Conjugando 197

Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*)

Vista aérea do Centro Olímpico (CO). No lado esquerdo superior aparece o Lago Paranoá; a via L4 aparece cortando verticalmente a fotografia. Veem-se, também, as quadras de esportes e os prédios do alojamento estudantil.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-03>.

Entrevistas realizadas com professores pioneiros (2005)

1. Professor Renato Garcia Nóbrega (*in memoriam*) (R.G.N.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professor, onde foi a sua formação?

R.G.N.: Eu me formei na Escola Nacional de Educação Física e Desporto da Universidade do Brasil. Hoje em dia, é a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

F.A.G.: Em que período que o senhor começou a lecionar na UnB?

R.G.N.: Na UnB, em 1966. Não propriamente lecionar, porque a UnB não entendia a Educação Física ainda como se fosse uma disciplina curricular. Nós não fomos contratados como professores da universidade, fomos contratados como técnicos desportivos. Depois, nós passamos para orientadores desportivos. Nós tivemos uma luta com a administração da universidade por muitos anos até que eles admitiram que nossa atividade era uma atividade docente da universidade. No princípio, nós tínhamos o decano de Assuntos Comunitários, o superintendente da universidade, o reitor, eram todos militares, porque era época do governo militar e eles entendiam a Educação Física como se nós fôssemos monitores. “Não é professor, é monitor.” Talvez, a ideia deles fosse o sargento.

F.A.G.: Conforme seria então nas instituições militares.

R.G.N.: Nas instituições militares, exatamente. Então, a gente levou muitos anos para provar que a nossa atividade era uma atividade docente. Primeiro, nós fomos contratados como técnicos desportivos, depois a gente insistia, e eles arranjavam outro nome: orientadores desportivos. Depois, que eles deram a titulação de professor colaborador.

F.A.G.: Como é que surgiu a ideia do curso?

Inauguração do Centro Olímpico (CO) e Jogos Estudantis (JEBs).
Reitor falando ao microfone; atrás, outras autoridades.
Temos na fotografia: 1 - Amadeu Cury (Reitor).



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em <https://atom.unb.br/index.php/00044-05>.

R.G.N.: A ideia do curso surgiu da própria construção do Centro Desportivo, porque a universidade precisaria estar equipada, preparada para desenvolver as Práticas Desportivas na universidade. O Ministério da Educação do Governo Federal investiu uma verba volumosa para a construção do Centro Desportivo da Universidade de Brasília, mas com uma intenção ou uma pré-condição. Não era uma exigência, mas havia uma condição do Ministério da Educação de que também se criasse um curso de Educação Física, além das Práticas Desportivas. Então, quando fomos contratados pela universidade, pouco tempo depois, já estávamos nos reunindo para elaborar currículos do curso de Educação Física, fazendo o projeto do curso. Trabalhava uma equipe de seis professores: eu, Renato; o professor William; o professor César Bernardes; professor Marco Antônio de Moraes; professor Cleber Soares do Amaral; e tinha um outro, o sexto, que eu não me recordo o nome, não sei se era o Oto Morávia. Então, éramos especialistas da Educação Física, nós que fomos aprovados por concurso de avaliação de currículo e entrevista. Não teve prova, foi só apresentação de currículo e uma entrevista. Nós começamos a fazer alguns projetos de pesquisas curriculares para o curso de Educação Física da Universidade de Brasília. Nesse meio-tempo, estava sendo construído o Centro Olímpico, que era para ficar pronto em 1970, mas houve um atraso. Nós fizemos os Jogos Universitários do Distrito Federal, os Jogos Universitários Brasileiros aqui em Brasília. Era pra inaugurar o Centro Desportivo

da UnB, mas nós não tivemos condições de realizar os jogos lá, porque não tinha nada pronto. A piscina não ficou pronta, a pista de atletismo não ficou pronta, não tinha nada pronto. Ficou tudo no meio do caminho, então nós tivemos que utilizar as dependências desportivas que nós tínhamos no próprio Distrito Federal. Fizemos provas de atletismo no Batalhão da Guarda Presidencial, que tinha uma pista, fizemos alguns jogos no ginásio da Caseb, outras competições no ginásio Santo Antônio do Colégio Santo Antônio... Saímos pedindo emprestadas as instalações para realizar os jogos.

F.A.G.: Como foi a presença... O primeiro chefe de departamento era um militar?

R.G.N.: Houve uma mudança, porque a tal Sessão de Recreação de Esportes depois virou Departamento de Recreação e Esportes, mas sempre ligado ao Decanato de Assuntos Comunitários, não era Decanato de Assuntos de Graduação. Nós não éramos professores... Então, ficou Departamento de Educação Física e Recreação. Nessa época, em 1970... Sabe que sou ruim de data, mas eu acho que em 1972 ou 1973, por aí, já tinha sido realizado o primeiro concurso vestibular para Educação Física, em 1972 – não sou bom de datas, depois confirma. Depois desse vestibular, nós tivemos um professor que veio da área militar também, professor Hélio Bettero, que veio para chefiar o departamento, porque o professor Cleber Soares do Amaral havia sido requisitado para o Ministério da Educação. Quem era o chefe nesse período todo era o Cleber Soares do Amaral, professor de Educação Física formado em Minas Gerais. Para substituir o professor Cleber Soares do Amaral é que veio o professor Hélio Bettero. Depois, virou Departamento de Educação Física e já começou a entrar na área de graduação. Houve um concurso nacional e nós tivemos todos que nos submeter ao mesmo concurso.

F.A.G.: Tiveram que fazer concurso de novo?

R.G.N.: De novo, para ser efetivado no cargo.

F.A.G.: Vocês já eram professores colaboradores?

R.G.N.: Colaboradores, todos.

F.A.G.: Depois do concurso vocês viraram...

R.G.N.: Não, nós não éramos ainda. Até aquela época, nós éramos orientadores desportivos. Nós passamos a professor colaborador depois desse concurso nacional. Então, passaram oito, foram contratados oito professores, os antigos e mais... Esse período foi um período às vezes até de mal-estar, porque alguns professores não tiveram a paciência de ficar lá esperando os resultados. Marco Antônio foi embora, César Bernardes foi embora... Oto Morávia foi embora... Só restaram eu e o William, que ficamos lá ainda na esperança de que a coisa iria mudar. Realmente, depois desse concurso, as coisas mudaram.

F.A.G.: Que matéria o senhor ministrou?

R.G.N.: Eu ministrei Handebol e Administração do Desporto.

F.A.G.: Como era a estrutura curricular no início, a predominância de matérias, para que estavam mais voltadas, matérias mais esportivas...?

R.G.N.: A Educação Física vinha sofrendo uma modificação até do enfoque da Educação Física em si e da formação do profissional da área. No meu tempo, a gente aprendia a jogar

voleibol, aprendia a jogar futebol, aprendia a nadar os quatro estilos, aprendia a jogar basquetebol, aprendia a jogar dardo, tinha que aprender a lançar o dardo, o disco, arremessar o peso... Tínhamos que aprender a fazer isso, porque nós íamos ensinar os alunos como modelos, nós éramos modelos, então a gente fazia para o aluno repetir o nosso gesto, a nossa atuação. Era eminentemente um curso de adestramento, de treinamento. A gente sabia muito pouco do porquê o exercício físico fazia bem à saúde, isso era bem obscuro para a gente. A Cinesiologia dava uma pincelada rápida, quem soubesse passava, quem não soubesse passava também; a Fisiologia não era importante, quem soubesse passava, quem não soubesse passava também; agora, quem não soubesse fazer o giro do macaco na barra não passava de ano; quem não soubesse arremessar o peso a tantos metros... Eu tive que saltar 1,35m no terceiro ano, porque, no primeiro ano, era 1,25m. No primeiro ano, era 1,25m, no segundo ano, era 1,35m e, no terceiro ano, você tinha que saltar 1,35m, em salto em altura. Tinha que ter um treinamento, a gente não saía da pista, do campo, fazendo exercício. Era esse o enfoque da Educação Física, era mais adestramento, porque ela tinha muitas raízes com o adestramento militar. Então, o primeiro currículo que saiu das nossas cabeças não podia ser outro, tinha que ser também com o enfoque muito grande na área esportiva. O peso maior era de Handebol, Basquetebol, Natação, Futebol. Nós, também, dentro da universidade, fomos tomando contato com a Fisiologia... Os próprios professores foram vendo a necessidade de transmitir isso para os alunos. Por outro lado, também, a sociedade forçava que a gente se preparasse melhor, porque os alunos vinham com outra visão do curso de Educação Física. Uma modificação muito grande. A Educação Física... Em 1940 e poucos, vou repetir que eu sou ruim de datas, ela era um curso de segundo grau, ela não era nem curso universitário, para você ver evolução. Em 1950, talvez 1950 e poucos, ela passou a ser curso universitário. Ela é caloura no ensino superior, na universidade. Então, nós chegamos com a nossa bagagem, nós éramos talvez os expoentes da Educação Física no Brasil. Eu era vice-campeão brasileiro universitário de handebol, um título valiosíssimo dentro da nossa classe. “Olha, o cara ganhou o vice-campeonato brasileiro universitário de handebol lá em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, medalha de prata.” Era importante. Na época, isso tinha uma importância muito grande. O professor, quando fazia um currículo dele, montava e falava das equipes que ele tinha treinado e dos títulos que tinha conquistado. Tinha mais valor do que trabalhos científicos que ele tivesse feito, ninguém ligava para isso. O currículo era título conquistado. Quando era aluno, foi campeão de 100m de natação, essas coisas assim. Para completar, houve uma modificação. Nós já começamos esse trabalho, a própria equipe de professores antigos, já começaram a valorizar mais a parte de Didática que o aluno precisava ter, a parte de Fisiologia, para ele conhecer melhor os efeitos do treinamento desportivo e começar a falar que ginástica é bom por causa disso, daquilo, porque faz bem ao organismo humano, quais são as áreas que ele atua, o que ele faz. Então, esse enfoque foi mudando, foi se aperfeiçoando. Hoje em dia, nós temos talvez um currículo bem avançado na Universidade de Brasília, em que a parte técnica desportiva de desporto ficou elevada a um plano secundário. A última proposta de currículo que eu

defendi lá no departamento, eu já estou aposentado há mais de dez anos, não sei como está agora, é que a gente não tivesse mais as disciplinas Voleibol, Basquetebol, Futebol e tivesse uma Metodologia do Desporto e, depois, o aluno, se quisesse, faria essas disciplinas como optativas, porque treinar voleibol, treinar basquetebol, treinar futebol, tudo é igual, é o treinamento desportivo que é fundamental. Eu já tinha essa ideia até de a gente acabar com as disciplinas obrigatórias técnicas e criar as disciplinas obrigatórias de formação. A minha disciplina mesmo, que eu lecionava, começou em um desenvolvimento muito grande, porque os meninos queriam montar academias e nós começamos a estudar técnicas administrativas. Eu não sei o professor que está me substituindo, parece que é o professor Paulo, não sei se ele continua nessa linha, mas ele deve dar Weber, McGregor, deve falar daqueles negócios de administração para dar ideia a vocês do que é um administrador. Não é só a parte de fazer tabelinha de campeonato, aquelas coisas que ainda existem, que a gente tem que saber, mas que precisa de outros dados, de outras informações, e a parte de Didática que cresceu muito. Então, ficou um curso mais teórico, mais voltado para as Humanas e as Ciências de Treinamento Desportivo, que é a ciência que vai fundo... Inclusive, eu conversava muito com o professor, esqueci o nome, ele era da Faculdade de Medicina, eu vou me lembrar o nome dele, de Fisiologia. Ele fez inclusive um livro junto com o Vilmar Baldissera. Se você perguntar a alguém, vão saber o nome dele, ele foi diretor da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Ciências da Saúde. Eu conversava muito com ele e ele dizia: “Renato, eu fico impressionado”. Ele começou a estudar Fisiologia mais a fundo e dizia: “Eu fico impressionado, porque a Fisiologia que a gente estuda no curso de Medicina é totalmente diferente da Fisiologia que vocês estudam. Vocês estudam a Fisiologia do homem em movimento e a gente estuda a Fisiologia do doente, do cara que está deitado na cama doente. É totalmente diferente, então o coração de um é de um jeito e o coração de um atleta é totalmente diferente”. Ele ficava impressionado. É outra Fisiologia e isso foi se desenvolvendo. Teve também uma grande evolução nessa parte do consumo de oxigênio com o professor Kenneth Cooper. Ele revolucionou a Educação Física com o teste dele de 12 minutos, em que ele estabeleceu quantitativos. A coisa toda era feita empiricamente (inint) [00:18:40], escuta o coração, mas ele fez teste de laboratório e quantificou a quantidade de oxigênio que o cara consome, o porquê ele entra em débito de oxigênio, o que esse débito faz nele, e quantificou, por exemplo: 12 minutos de atividade sem intervalo, de corrida; quem corresse 2.400m ia gastar tantos litros de oxigênio e ele precisaria consumir muito mais, então aquele não estava consumindo oxigênio. Em Fisiologia, não quero fazer nenhum tratado, mas o Kenneth Cooper revolucionou, porque ele veio e deu medidas, e, com essas medidas, todo mundo passou a fazer teste de Cooper em todo mundo. Mulher é 2.400m e homem é 2.700m para estar em um nível bom. Ele falava que se você caminhar meia hora todo dia você tem tantos de exercício, então foi por aí essa revolução. Por outro lado, a questão das academias. As academias modificaram também o enfoque da Educação Física, porque a necessidade do ser humano quanto mais ele se urbaniza, mais ele tem carência de atividade física. A atividade física era feita naturalmente e, agora, ela

já não é mais natural, ela é uma coisa feita em laboratório, em academias, e isso teve que modificar também a formação dos egressos da Educação Física, em razão dessa atividade que estava se modificando. Você mandava correr, saltar, pular, trepar e tal e, agora, não tem mais árvore para trepar, não tem mais quintal para o menino correr... Morando em apartamento nos grandes centros urbanos...

F.A.G.: A formação do curso era voltada para o professor, para atuar na escola?

R.G.N.: Era voltada mais para professor do ensino regular, no princípio. Depois, ela foi se alterando um pouquinho, porque a gente via a realidade também desse movimento de academias, cada vez mais as pessoas usando da Educação Física sintética, em vez do natural.

F.A.G.: As primeiras especializações do corpo docente, a partir da década de 1980, quando alguns professores saíram... O retorno dos professores acabou contribuindo para (inint) [00:21:37], alguma teoria, algum direcionamento?

R.G.N.: Sem dúvida. Alguns professores foram fazer mestrado em São Paulo, outros foram fazer especialização um pouquinho antes, porque também a pós-graduação vem com o tempo. A Educação Física, como eu falei, era caloura do ensino superior, ela ainda estava querendo se consolidar como uma disciplina universitária, uma disciplina de curso superior. Então, não dava nem para pensar na pós-graduação ainda. Começaram os cursos de especialização. Eu fiz vários, fiz curso de especialização em Voleibol, porque não existia de Handebol, mas como tinha uma parte de treinamento desportivo, lá fui eu fazer especialização em Voleibol para conhecer um pouco do treinamento desportivo, mas também mais pelo credenciamento, porque eu precisava ser especialista. As duas coisas. Depois, fiz um outro de Ginástica Olímpica, que também era com ênfase, pra mim, no meu caso, no treinamento desportivo, em conhecer essa influência do esporte no organismo humano, eu queria conhecer essa parte. Depois, em Administração Desportiva, quando eu me consolidei praticamente nessa área, centralizei meus estudos mais na área de Administração Desportiva.

F.A.G.: Aconteceu de se voltar a Educação Física para movimentos mais humanistas, sociais?

R.G.N.: Sim, naturalmente. Na volta desses professores... Com toda a nossa evolução, ela deixou de ser de tecnologia para ser mais humanista, mais social. Procurar fazer com que o professor fosse mais didata do que propriamente um técnico desportivo, para ser realmente, na expressão do termo, professor, que fosse uma pessoa que leciona, que transmite conhecimentos de uma maneira geral. Conhecer o ser humano, conhecer... A área humanística começou a ganhar maior enfoque no curso. Hoje em dia, eu acho até que a área humanística está até grande demais, porque... Precisaria ser também, deram uma guinada muito forte. Eu não sei, porque não sei como está funcionando o curso, mas a gente ouve alguns comentários de outras escolas achando que o curso da Universidade de Brasília está muito avançado na área humanística e social e pouco ainda na área de tecnologia. Precisava ter um meio-termo. Eu ouço falar, mas não saí para confirmar nada.

F.A.G.: O curso foi... Ele era filiado à Faculdade de Ciências da Saúde. Como é que era esse debate, porque ficava na Saúde relacionado com matérias de departamentos da

medicina especializada, geral, como era isso de considerar a Educação Física enquanto saúde, enquanto ramo acadêmico de outra área, da Educação, das Ciências Humanas?

R.G.N.: Eles estranhavam... Mas não sei o sentido da sua pergunta se era parte da Faculdade de Ciências da Saúde que estranhava, que tinha a Educação Física como um corpo estranho ou a gente lá?

F.A.G.: Não. O Departamento de Educação Física.

R.G.N.: Não. Nós sempre tivemos uma ligação muito grande com o conceito de saúde. Nós achávamos que estávamos certos ali na área da Saúde, na Faculdade de Ciências da Saúde, até porque a gente considerava que a gente tratava mais de saúde do que o curso de Medicina, que trata de doença. Doença é uma coisa, saúde é outra coisa, exatamente o antônimo, vamos dizer assim, em português, saúde/doença e doença/saúde são antônimos, não são ligados, são bem distantes um do outro. Agora, nós tínhamos uma ramificação na área Pedagógica e uma ramificação na área Sociológica também. O universo da Educação Física era multidisciplinar, ainda é. Você não pode lidar com pessoas sem ter um conhecimento de Didática, sem ter um conhecimento sociológico, sem ter um conhecimento multidisciplinar. É uma área que se expande muito e você pode... Se você quiser estudar Filosofia, você entra para Filosofia da Educação Física e você vai embora, se entrar para Didática, vai embora, se entrar para Sociologia, você faz um curso de Sociologia completo para complementar seu curso de Educação Física se você quiser ser um educador físico-sociológico, para o lado da Sociologia.

F.A.G.: Depois que saiu, o senhor vê que a escola ainda é o norte da Educação Física? Como o senhor vê? Acha que outras áreas são mais contempladas, ou não, lá na faculdade agora?

R.G.N.: Você diz na Universidade de Brasília, se a Educação Física (inint) [00:27:48]?

F.A.G.: Não, a Educação Física.

R.G.N.: Eu não posso te responder isso com muita clareza, porque eu costumo dizer que, quando eu me aposentei, aposentei a personagem, o professor de Educação Física Renato Garcia Nóbrega que se aposentou. Agora, o Renato Garcia Nóbrega indivíduo não se aposentou. Então, eu me afastei um pouco dos... Eu tenho amizades, mas só a parte social com os colegas de lá. Eu nunca mais voltei na universidade para perguntar como está, como está a disciplina, como está o curso, não fui mais lá, eu me desliguei realmente e não posso te informar se há contemplação, mas, na minha época, enquanto eu estava lá, já havia um certo descontentamento, porque a turma estava querendo ir muito pesado para a área Social, para a área de Fisiologia, de Cinesiologia e queria abandonar completamente a área de Técnica Desportiva, a área de Tecnologia Desportiva. Já sentia isso naquela época, não sei a evolução depois como foi, não tenho elementos para te responder agora como é que está. Eu ouço comentários, porque eu tenho amigos que trabalham na universidade, colegas meus, amigos. Meu filho trabalha na Faculdade Católica, é professor de Educação Física lá, então ele, às vezes, comenta comigo. Tem a Alvorada, tem agora umas três ou quatro escolas de Educação Física, ele às vezes comenta comigo, e os professores da Católica

comentam comigo: “Na UnB, forma muito filósofo, foge um pouco...”. Mas é natural, porque ela está em um momento de estabilização. O rumo ainda não foi bem definido, mas estou sabendo que os professores, muitos deles, já fizeram a pós-graduação, a maioria, mestrado, alguns então fazendo doutorado, talvez até encerrando o doutorado. Isso muda a cabeça deles também. A minha não mudou muito, porque eu parei.

F.A.G.: Professor, por curiosidade, como foi o período de 1968 na Universidade de Brasília? O período da invasão militar.

R.G.N.: Foi uma página obscura da universidade. A gente não podia fazer nada, a gente não podia realizar... Nós estávamos trabalhando, queríamos fazer um torneio de futebol de salão entre diversos cursos e era proibido fazer, não podia juntar mais do que dez pessoas em um recinto, então um jogo de futebol de salão ia juntar muita gente. Eu quase fui preso uma vez que, na época do JUBs, 1970, 1971, eu fiz uma reunião... Não, foi antes. Nós fomos para Fortaleza, era o sesquicentenário da Independência – depois, você vê essa data, 1968, 1969, 1972 –, foi no período do... Foi no sesquicentenário da Independência, é só contar. Sesquicentenário são 150 anos, a Independência do Brasil foi em 1922. Fortaleza, 1972. Nós íamos de avião, era uma festa, dinheiro sobrando para tudo que era lado para os universitários viajarem. Eu fiz uma reunião lá na universidade para distribuir para todo mundo o horário do avião, o horário do voo, e aí chegou lá o chefe do serviço de vigilância da universidade, por sinal, muito amigo meu, amigo pessoal, e falou: “Renato, temos que colocar uns quatro agentes dentro desse auditório, porque, qualquer coisa, nós vamos interromper a reunião”. Então, eu fiquei lá no anfiteatro, lá embaixo na mesa, conversando, falando, dando explicação, dando orientação, distribuindo o pessoal: “O handebol vai no voo tal, o outro no voo tal”. Porque nós iríamos em vários aviões diferentes e eu preocupado de alguém soltar algo lá em cima, um protesto, algum negócio e encerrar até a reunião. Então, nós éramos vigiados, fiscalizados... A gente tinha conhecimento: “Fulano de tal sumiu”. Triste, foi um período muito triste. Nós tínhamos metade do pessoal que era contra aquele tipo de regime, principalmente dentro da universidade (inint) [00:02:03] mais liberdade, e existia um outro grupo que estava a serviço da revolução. O próprio colega seu, você convivendo com ele todo dia, ele tinha uma opinião diferente da sua, totalmente contrária, então ele achava que aquilo estava tudo certo, que tinha que colocar a polícia mesmo, prender quem abrisse a boca. Um clima de desconfiança para todo mundo. No entanto, não prejudicou muito a área acadêmica, ela continuou andando. A força do conhecimento é muito grande, não tem quem segure, mesmo com os regimes de força, como existia em vários estados do mundo, sempre a ciência e a educação prevaleceram no final.

Atividade de extensão – Hidroginástica: Centro Olímpico (CO).
Pessoas fazendo hidroginástica na piscina do CO.
Na sua borda, placas de isopor. Dois homens de pé conversam na
beira da piscina. Alambrado v a área da piscina. Ao fundo, árvores.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-06>.

2. Professor William Passos (*in memoriam*) (W.P.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

W.P.: Eu me formei em dezembro de 1967, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que, na minha época, se chamava Universidade do Brasil.

F.A.G.: Primeiro curso de Educação Física?

W.P.: Um dos primeiros cursos de Educação Física. Acho que mais antigo que esse só tem o de Vitória. Não tenho certeza, mas é um dos mais antigos o da Universidade do Brasil.

F.A.G.: Então, o senhor veio trabalhar aqui?

W.P.: Eu cheguei aqui, eu fui convidado... Eu trabalhava na Fundação Educacional na Secretaria de Educação aqui do GDF e o Pedro Rodrigues me chamou para vir aqui. Eu fiz o concurso, passei e, depois, o Cleber Soares do Amaral, que era também diretor da Educação Física da Fundação e era o diretor da DRE, que era a Diretoria de Recreação e Esportes aqui na UnB, me chamou para trabalhar na UnB. Em março de 1968, eu comecei a trabalhar aqui na UnB. Chamava Divisão de Recreação e Esportes e o Cleber Soares do Amaral era diretor.

F.A.G.: Ele era ligado ao decanato?

W.P.: Ele era ligado ao decanato, exatamente. Ele era ligado ao DAC, Decanato de Assuntos Comunitários, era uma diretoria. Ele me chamou aqui, nós fizemos um concurso, então eu e mais o Marco Antônio, o Renato Nóbrega e o Luiz Cesar Bernardes viemos aqui para essa diretoria e nós começamos a treinar as equipes representativas. Por exemplo, eu treinava a Natação e o Polo Aquático, o Marco Antônio, Voleibol, o Luiz Cesar, Basquete e o Renato, Handebol. Então, nós fazíamos, dávamos o nosso curso. No meu caso, eu dava curso de Natação, iniciação, aperfeiçoamento, aprendizagem, e treinava as equipes representativas.

F.A.G.: Ainda não existia o curso?

W.P.: Não, não existia o curso. Nós viemos aqui como orientadores desportivos de nível superior. Tinha mais, que é bom lembrar, o Takeshi Miura, que dava Judô. Isso em março de 1968. Em 1969, novembro de 1969, apareceu o Decreto n.º 69450, que tornou obrigatória a Prática Desportiva nas universidades, em todas as universidades. Então, nós passamos a trabalhar para implementar e pôr em funcionamento esse decreto – é o atendimento da Prática Desportiva, essa Prática Desportiva de todas as universidades. Nós montamos todo um esquema para fazer esse atendimento da Prática Desportiva, Decreto n.º 69450, que tornou obrigatória a Prática Desportiva. Na hora em que estava tudo montado, nós resolvemos – essa turma, eu, o Renato, o Marco Antônio e o Cleber Soares do Amaral, que era o diretor do DAC... Nós falamos assim: “O que vamos atender...”. Foi a maior jogada que aconteceu, foi uma jogada de mestre: “Vamos tentar um curso de...”. Já estava certo, era proposta do governo, inclusive eles tinham interesse, até politicamente, porque o governo tinha interesse. Os caras desviaram a atenção para não ter que mexer com política. Era em plena ditadura, o auge da ditadura mesmo, era 1968, 1969, o negócio estava feio. Então, eu falei assim: “Vamos tentar fazer uma proposta de criação de curso de Educação Física”. Estava tudo montadinho para atender à Prática Desportiva e nós entramos com uma jogada. Nós fizemos, esses quatro professores, fizemos as ementas, os programas de todas as disciplinas. Fizemos uma grade curricular: disciplinas gimnodesportivas, biológicas, psicopedagogias. Montamos aquilo, deixamos tudo prontinho e passou. Então, além de a gente atender à Prática Desportiva, nós já estávamos com o curso também, mas a ideia mesmo era atender à Prática Desportiva. Nessa leva, entrou a criação do curso de graduação em Educação Física. O que estava acontecendo? Na hora que estava tudo montado, o Cleber Soares do Amaral, que era o diretor, foi para a SEED/MEC. Nessa altura dos acontecimentos, isso não abro mão de dizer, cai de paraquedas aqui um coronel do exército para ser o chefe do departamento. Surpreendeu todo mundo. A única coisa que ele tinha era ser coronel. Ele mesmo falava, palavras dele: “Eu não sei nada de Educação Física, sou zero à esquerda em Educação Física”. Nós, que fizemos tudo isso, tivemos que engolir esse coronel como chefe do departamento.

F.A.G.: Vocês tiveram a liberdade de fazer a grade?

W.P.: Tudo, nós fizemos tudo, ficou tudo por nossa conta. Nós fizemos currículo, nós fizemos a grade, nós fizemos o fluxograma, nós fizemos a ementa e programa de todas as

disciplinas... Como nós éramos quatro, então são 30 e tantas disciplinas, chegavam assim: “William, você faz a ementa dessas quatro. Renato, faz mais dessas quatro”. Cada um fez a ementa de várias disciplinas. Então, estava tudo prontinho na hora que o Cleber Soares do Amaral, inclusive já falecido... A gente trabalhava na Fundação e aqui na universidade como orientador desportivo de nível superior. Chegou esse coronel e entrou de chefe de departamento. Em 1973... Só éramos quatro. Esse coronel quis contratar mais orientadores desportivos. Era muita coisa, não sei quantas disciplinas. Nós tínhamos 72 turmas de Prática Desportiva. Ele contratou mais orientador desportivo, só que ele não queria gente da Fundação Educacional, gente que já estava aqui em Brasília. Não sei por que não queria. Não sei, isso é problema dele e até hoje a gente não sabe por quê. Foi quando apareceram outras pessoas aqui, como o Riehl, o Sílcio, a Maria Rute, o Balthazar, a Laura e a Solange. A única que aceitou que já era de Brasília foi a Solange, que foi chefe de departamento aqui, essa já estava aqui em Brasília, mas eu não sei por que também, essa ele teve que engolir. Ele não queria pessoal de Brasília, então chegou pessoal recém-formado também de fora. Começamos a trabalhar, já no curso de graduação...

F.A.G.: Eles foram contratados ou ele...

W.P.: Contratados já, com concurso e tudo, mas fomos contratados, e esses também foram contratados como orientadores desportivos. A gente dava as disciplinas, por exemplo, eu dava Natação, Maria Rute dava Dança, o Renato dava Handebol, o Riehl dava Atletismo, éramos todos orientadores desportivos de nível superior. Na Prática Desportiva e no curso, já tinha o curso. Em 1973... Isso começou em 1969, o decreto-lei começou em 1969, mas o curso mesmo começou em 1973. Agora a gente já estava com disciplinas do curso, na Prática Desportiva, como orientador desportivo e estava um negócio meio irregular. Nós alertamos o pessoal como podia ser feito e a administração superior abriu o concurso. Foi um dos primeiros concursos abertos na Universidade de Brasília o concurso para professor de Educação Física, isso em 1973. Foram aprovados no concurso sem ser da turma de orientadores desportivos – nessa época, de orientador desportivo teve o Sílcio também. Foi aprovado o Fernando Souto Mayor, a Maria Helena, o Riehl, o Sílvio. Foram aprovados sete professores fora da turma de orientador desportivo e mais a turma dos orientadores desportivos e nós começamos a trabalhar com 14 professores. Agora, a gente atacava o curso de graduação e mais 72 turmas da Prática Desportiva. A nossa média, para você ter uma ideia, hoje eles estão brigando aí com carga horária de 8h, a nossa média horária de aula era 20 horas-aula. A Laura, que realmente faleceu esses dias, também veio por concurso. Nós ficamos bastante tempo como departamento e, nesse início do departamento, estava aquela famosa briga: nós vamos ser ligados à FE – como departamento tinha que ser ligado a uma faculdade, sei que você sabe a estrutura da Universidade de Brasília, faculdade tinha tantos departamentos – ou à FS. Então, uma turma pedia para a FE, como o Cantarino, que também passou nesse concurso, outra turma para a FS, e acabou ganhando a gente ficar na FS. Então, ficamos durante muito tempo ligados à FS, sentindo que a gente era muita coisa para ser departamento. Nós tínhamos que brigar para ser faculdade. Então, nós começamos essa briga com faculdade. Nós começamos a montar

um projeto de faculdade. Então, montamos um projeto de faculdade e o projeto de faculdade nosso era o seguinte: a faculdade e quatro departamentos. O primeiro departamento que nós pensamos, não poderia deixar de ser, que teve aceitação total e hoje eles estão renegando é a Prática Desportiva. Ninguém questionava a criação do Departamento de Prática Desportiva. Então, nós criamos uma faculdade com quatro departamentos: Prática Desportiva, Ensino Pedagógico, Biomédicas e Gimnodesportivas. Dentro de cada departamento desse, aquele elenco de disciplinas em cada um desses departamentos. Mas começou sempre aquela velha história, aquelas briguinhas internas, que eu começo a falar brigas por causa do sexo dos anjos. Para você ter uma ideia, foi o seguinte: “Como nós vamos chamar? Instituto ou faculdade?” Eu estou lembrado direitinho. Eu fiz uma reunião lá no anfiteatro, fiz o organograma e não pus os nomes, aí eles falaram: “Mas um organograma sem os nomes?” Para mim, se é instituto ou faculdade não interessa, interessa é a estrutura. A estrutura vai ser instituto ou faculdade com quatro departamentos. As disciplinas também... Depois, pode achar que essa é melhor aqui ou melhor ali, com direito a mudança. Começou aquela brigaiada, aquela discussão do sexo dos anjos e nós perdemos o bonde da história, a possibilidade de criar uma faculdade realmente como deveria ser.

F.A.G.: Essas discussões foram mais ou menos em que época?

W.P.: Isso logo que definiu o departamento. Nós ficamos alguns anos como departamento e nós chegamos à conclusão de que departamento para nós era muito pouco, não resolvia. A Educação Física é muito ampla para ficar ligada a um departamento, porque nós íamos para uma reunião na FS, na pauta isso, isso, isso, isso. Ficava duas horas discutindo problema de hospital. Depois, na hora que chegava na Educação Física estava na hora de encerrar a reunião. Isso era unânime. Então, era a mesma coisa. A gente era uma celulazinha muito pequena como departamento, nós pensávamos maior, mas perdemos o bode da história disso, que, na hora que eles estavam aprovando as faculdades, aprovaram várias faculdades, e nós ficamos com nome, briguinha, se é daqui, se é dali, começou aquela velha história de Instituto das Ciências do Movimento, aquele nome pomposo.

F.A.G.: Crise do nome?

W.P.: Crise dos nomes, exatamente. Falei: “Gente, esquece o nome, vamos definir a estrutura”. Seria aprovado, entrava todo mundo. Cansei de participar das reuniões da FS (inint) [00:11:58]. Eles estavam loucos para se ver livre da gente, porque era mais uma carga para eles, e nós loucos para sair e criar nossa independência. Então, nós perdemos esse bonde da história. Depois, veio esse remendo, que eu chamo de remendo e falo para todo mundo: “Teve um acordo, criar uma faculdade, mas sem um departamento”. O argumento deles da administração central era para diminuir os cursos. Pior é, se você abre um departamento, você teria mais quatro chefes, mais quatro não sei o quê, mais uma secretária. Então, conversaram e conversaram, mas perdemos o bonde da história de aprovar uma faculdade com quatro departamentos. Nós temos potencial para isso e precisávamos disso. Foi aprovada – uma questão de uns oito anos atrás, acho que 1990 e não sei quanto – a faculdade, mas sem departamento, faculdade sozinha. Pegou moda.

A Física fez a mesma coisa, a Química também passou a faculdade sem departamento, mas nós estávamos com o esquema montado, um projeto bem-feito de faculdade com quatro departamentos. Nessa, também veio como orientador desportivo o Iran, na época em que ele deu Ginástica Olímpica.

F.A.G.: Ele deu Ginástica Olímpica, certo?

W.P.: Foi, como orientador desportivo ele deu Ginástica Olímpica. Ele entrou na turma que veio... Como ele era de fora, não era daqui, o Bettero aceitou, aceitou não, o Iran já veio...

F.A.G.: O Hélio Bettero que era o coronel, o primeiro diretor?

W.P.: Não, ele não chegou a diretor, foi o primeiro chefe de departamento.

F.A.G.: A UnB já oferecia espaço físico para a faculdade?

W.P.: Oferecia tudo. O Centro Desportivo foi inaugurado em setembro de 1971, 7 de setembro de 1971.

F.A.G.: A faculdade tinha prova específica, prova física?

W.P.: Até 1988, por exemplo, nós tínhamos aqui a prova específica no vestibular. Uma outra briga minha. Nessa época, eu saí para fazer a pós-graduação e suspenderam os testes para nova avaliação dos testes e, até hoje, estão estudando os testes. Então, não bateram o martelo, suspenderam – eu tenho os documentos aqui, até outro dia eu estava vendo – os testes para nova avaliação. Eu infelizmente não participei disso, porque eu sou favorável que continue o teste específico para a Educação Física, mas eles suspenderam os testes para estudar os testes, a viabilidade dos testes, a importância dos testes e, até hoje, estão estudando.

F.A.G.: Quem? O MEC que está estudando?

W.P.: Não, a turma nossa aqui, nossos professores. Tem uma comissão, eu estava até com os documentos esses dias. Suspenderam os testes para reavaliar e, até hoje, tem mais de dez anos, acho que foi 1989, e até hoje estão reavaliando, e eu sou favorável ao teste específico para Educação Física. Ou senão me mostra. Essa turma que pediu para reavaliar, reavalia e diz que esse cabe ou esse não cabe ou suspende de vez. Então, ele caiu assim no esquecimento, não tem nenhum documento suspendendo. Pediram para suspender para reavaliar e, até hoje, não reavaliaram.

F.A.G.: E os estudantes que viraram professores?

W.P.: Nós temos um grande número deles, tudo ex-alunos nossos aqui. Por exemplo, o Glauco, o Marcelo de Brito, o Luiz Cesar, a Keila, o Zé Gustavo e o Jake. Boa gente.

F.A.G.: Eles passaram a desenvolver uma linha de pesquisa? Não dá para saber?

W.P.: No início, a gente tinha uma carga horária tão grande de aula, além de a gente ter essas 20 horas-aula, outra coisa que eu tenho que te contar, a UnB, era do estatuto da UnB, o diretor técnico da UnB era um professor do Departamento de Educação Física, isso era do estatuto. Então, o Renato foi diretor técnico, eu fui diretor técnico, a Maria Helena foi diretora técnica, o Iran foi diretor técnico. Isso era compromisso nosso e a gente era responsável pelo treinamento das equipes da universidade. Nessa época, sem demérito dos treinamentos feitos pelos alunos ali, a UnB ganhava todas as modalidades.

F.A.G.: Estava bem estruturado esse (inint) [00:16:53] de montar equipe?

W.P.: Exato. A gente tinha o diretor técnico e a gente pegava essas equipes. A gente chegava a pegar duas, três equipes, porque eram não sei quantas equipes para dividir por 14 professores. A gente realmente pegava. Tanto as da UnB, depois pegávamos também as do JUBs, seleção universitária do JUBs. Então, cada um pegava uma seleção, por exemplo, eu pegava Natação, o Renato pegava Handebol, o Luiz Cesar Bernardes, que é um outro Luiz Cesar, pegava Basquete, a Maria Helena pegava Voleibol e por aí vai. A gente pegava as equipes da UnB, da UnB e pegava a da FA/UnB, que é a seleção das universidades.

F.A.G.: A UnB não está mais com os mesmos professores?

W.P.: Não está mais, porque é aquela história, a gente já estava com uma sobrecarga de trabalho muito grande e aquilo ali para a gente não contava para nada, nem como... Chegou ao cúmulo de você fazer um relatório e não tinha onde você colocar as atividades que a gente fazia: treinamento de equipe, diretor técnico de UnB ou técnico de FAUnB. Não tinha onde colocar só um simples relatório. Em compensação, nem um simples relatório, então o pessoal começou a desanimar. Também, no iníciozinho da Prática Desportiva, do CO, a gente dava um plantão todo sábado e domingo. A gente era escalado para dar um plantão aqui, então, todo sábado e domingo, tinha um professor. Em parte, era válido, porque um probleminha que era pequeno, se tinha um professor para cuidar, morria por ali. O mesmo probleminha pequenininho e não tem com quem mexer se transformava em um grande problema. Então, a gente dava também esse plantão aqui no CO.

F.A.G.: Professor, o curso daqui da UnB foi o primeiro do DF?

W.P.: Foi o primeiro.

F.A.G.: Depois surgiu a Católica?

W.P.: Não, depois surgiu Alvorada, Dom Bosco... A Dom Bosco que se transformou na Católica. Eu não tenho muita certeza não, mas a Alvorada acho que foi antes da Dom Bosco, essa eu não sei, mas a UnB foi o primeiro. Teve a UnB, depois a Dom Bosco, que se transformou na Católica, porque funcionava ali no Colégio Dom Bosco. A Alvorada sempre funcionou aqui embaixo. Agora, não sei dizer... Inclusive, esse Cleber, que foi diretor aqui, foi um dos fundadores da Alvorada.

F.A.G.: Tinha intercâmbio entre as faculdades?

W.P.: Não, quase que nada. Tinha mais era uma rivalidade que (inint) [00:19:28]. Rivalidade esportiva e tudo.

F.A.G.: E discussões sobre o conselho na época da fundação da faculdade?

W.P.: Conselho? Não, nem se falava nisso. Não tinha conselho, não se falava em regulamentação da profissão, não tinha essa briga de conselho.

F.A.G.: Começou agora?

W.P.: Conselho é coisa recente. Na época da criação, não existia conselho.

F.A.G.: O senhor (inint) [00:19:59]?

W.P.: Eu sou favorável ao conselho. O forte de um conselho... Por que a Medicina é forte? Porque, se o conselho pegar uma pessoa clinicando lá, manda prender, dá ordem

de prisão por charlatanismo na hora. A Educação Física não tem isso. Todo mundo... Você jogou dois dias de voleibol, no outro dia você se intitula professor de Educação Física, professor de Voleibol. Eu acho que a titulação professor você tem que ir para um banco escolar para sair com a titulação de professor. Não por que você foi atleta, jogou dois dias de voleibol e no outro dia você é professor de Voleibol. Então, o conselho deve existir e deve ser prestigiado, mas essa briga de conselho não é o Conselho, é uma diretoria que não está levando as coisas como devem ser feitas. Então, você não deve menosprezar e tentar esvaziar o conselho. Fortalecer o conselho é o que responde. Por que a Advocacia é forte? Porque tem um conselho forte, a OAB. A Engenharia é forte, o conselho Crea é forte – ou prende ou manda prender, não deixa assinar. Então, o conselho da profissão tem que ser forte. Agora, essa briga que está aí não é por causa de conselho, é por causa de uma diretoria que está tomando posições não muito certas.

F.A.G.: No surgimento da faculdade, (inint) [00:21:23] licenciatura e bacharelado?

W.P.: Não, no início não. No início, entrou como licenciatura. As faculdades todas trabalhavam com licenciatura e o licenciado atacava em tudo como se fosse bacharel. Começava a se falar alguma coisa, mas não... Tiveram umas experiências não muito boas de bacharelado que não deram muito certo, então foco mesmo era em cima de licenciatura e não tinha essa desculpa: “Licenciado não...”. Licenciado podia fazer tudo. No início, não se discutiu muito (inint) [00:22:08].

F.A.G.: A UnB sempre teve esse lance das matérias do módulo livre?

W.P.: Sim. Quando iniciou, não era assim meio módulo livre. Nós tínhamos aqui o básico. Eles faziam o básico geral. Nós éramos o básico das Ciências Exatas. Humanidades e Exatas. Você fazia aquele básico, todo mundo fazia aquele mesmo básico. Você fazia junto com aluno da Medicina, da Engenharia... Cálculo I para todo mundo. Biologia, turma da Biologia, todo mundo fazia Biologia. Então, tinham determinados... O básico de Exatas: tinham seis ou sete disciplinas que todo mundo fazia. Então, durante aquele semestre, você estava no básico e, depois que você terminava o básico, é que você confirmava a opção: “Não, eu quero realmente a Educação Física”. Tinha a pré-opção, 175, e, quando você terminava o ciclo básico, você fazia a opção do curso. Você falava: “Eu estou no profissional. Agora, realmente eu estou cursando Educação Física”. Depois que você terminava o seu ciclo básico... Tinham dois ciclos básicos: um de Exatas e um de Humanidades. Parece que estão querendo voltar à velha história de anos atrás. Voltar com ciclo básico. Tem uma proposta universitária nesse sentido.

F.A.G.: Então, o pessoal passava mais pela área que queria, pela área de...?

W.P.: Isso, exatamente. Depois, você confirmava a opção. Confirmar a opção é sério, você estava no ciclo básico, você passava para o ciclo profissional. Então, se você queria Educação Física, você fazia para Educação Física. Se você queria Medicina, você ia para a Medicina. Se você queria Engenharia, você iria para a Engenharia.

F.A.G.: A prova física vinha depois disso, depois do ciclo básico?

W.P.: Não, a prova física vinha no início, quando você fazia o vestibular. Quando você ia fazer o vestibular, você fazia três opções, porque se você... Primeira opção, segunda opção, terceira opção, porque, se você não passasse na prova prática, você ia para aquela outra opção. No início, vinha muita gente para a Educação Física como terceira opção de Medicina. Ele não tinha aquela pontuação... Primeira opção Medicina, segunda opção isso, terceira opção Educação Física. Se não passava em Medicina nem em Odontologia, ele vinha para a Educação Física. Era um problema sério. Foi uma das razões de a gente ter... Porque ele era um aluno frustrado: “Entre na Educação Física, porque não passei na Medicina”. Agora, eram bons alunos, estavam acostumados a estudar, não vou dizer que o aluno de Educação Física não estuda, mas era um pessoal acostumado a estudar, então eram bons alunos, realmente bons alunos, mas eles não estavam querendo aquilo ali, eles estavam tentando ir para a Medicina. A gente tinha muita gente de segunda e terceira opção. Eram até três opções. Você se inscrevia no vestibular: a primeira opção quero isso; segunda, isso; terceira, isso. Para nós aqui (inint) [00:25:17], temos que ter um vestibular específico em cima disso. Pelo menos o pessoal que arrepiava de pegar uma bola não vai conseguir levar o curso. Tinha essa parte também das opções.

F.A.G.: Você acha que esses alunos que colocaram como terceira opção renderam bem depois?

W.P.: Passava um semestre, eles não conseguiam, passava outro semestre... Depois, eles iam levando o gosto pela Educação Física e alguns eram bons em termos de estudo, eles acabavam se tornando bons alunos. Então, a maioria deles ficava tentando mudar, fazendo outro vestibular, tentando pegar matérias de lá, pegando as matérias daqui e de lá, porque a ideia deles era voltar para o curso deles de primeira opção. Quando eles viam, estavam com seis, quatro, cinco semestres: “Mais três semestres deixam eu me formar em Educação Física”. No início, era isso: muita segunda e terceira opção.

F.A.G.: A grade curricular mudou muito com o decorrer do tempo?

W.P.: Não mudou muito não. A tal de mudança curricular muda, muda, muda, mas acaba voltando para o mesmo lugar. Essa luta é nossa, não vai sair disso. Todas essas disciplinas que nós iniciamos, nós continuamos com elas: Atletismo, Natação, Ginástica, as Biomédicas, as Psicopedagógicas. Então, não sinto muita mudança nisso. Um ou duas ou três mudanças curriculares. Outra coisa, esse sistema de crédito é quase que um crédito forçado: “Você pode fazer o que você quiser, mas os seus três primeiros semestres são essas matérias aqui”. No ciclo básico, você também já vinha matriculado: “Você passou no vestibular na opção tal, o seu ciclo básico é esse”. Você tinha que fazer aquelas cinco disciplinas. Você já vinha matriculado. Se você vencia ou não vencia, era problema de cada um, mas você já vinha matriculado naquelas disciplinas. Facilitava bem, não tinha essa briga. Até a Educação Física, apesar de ser sistema de crédito, até hoje ainda tem... Não tem aquele seu fluxograma? É um seriado quase que disfarçado. É crédito? Não, é mais seriado (inint) [00:27:48]. No primeiro semestre, tenta fazer essa disciplina, no segundo semestre,

tenta fazer essa, no terceiro... Aquele fluxograma que a gente tenta meter na cabeça do aluno é um seriado, é crédito, mas é um sistema seriado.

F.A.G.: Quando era o departamento ainda, tinha colegiado ou o colegiado era na FS?

W.P.: Tinha um colegiado no departamento, nós tínhamos reunião de colegiado. Só que, na reunião do conselho departamental, a gente tinha um representante no conselho departamental lá da FS, mas tínhamos a nossa reunião de colegiado. Não tinha reunião de conselho departamental. Quanto ao conselho, a gente tinha um representante lá na FS. Na FS tinha um representante da Medicina, um da Enfermagem, um da Nutrição... Só a Medicina tinha seis departamentos, então é isso que eu te digo, eles ficavam discutindo o tempo todo hospital, depois passavam para os departamentos deles da Medicina, depois tinha uma palavra da Nutrição, da Enfermagem, passava pela Odontologia para chegar na Educação Física, estava se esgotando o tempo, ninguém queria mais nada com nada. A gente era o cocô do cavalo do bandido.

F.A.G.: E a sucessão dos diretores daqui, dos chefes de departamento?

W.P.: Chefe de departamento nós começamos com o Bettero. Ele caiu de paraquedas, porque era a ditadura, era coronel, não sabia nada, mas era coronel. Pelo menos, no currículo dele ele era o coronel. Os demais foram eleitos. Só que a eleição era o seguinte: era uma lista sêxtupla. Nós já cansamos de... Os primeiros, que eram eu, o Renato... Nunca fomos chamados, porque nós éramos meio cortados. Eles puxavam daquela lista sêxtupla o último. Eles não respeitavam o primeiro da lista. Falavam que era eleição, a gente realmente elegia uma lista sêxtupla, mandava para a administração central e a administração central escolhia um daqueles nomes, mas nunca escolhia os primeiros.

F.A.G.: Os primeiros como assim?

W.P.: Da lista sêxtupla. Não tem lista tríplice para reitor agora? Escolhe um reitor sem lista tríplice agora para ver no que dá. Naquela época a gente engolia tudo. Tinham seis nomes e a administração escolhia um daqueles. Aí, foi a sucessão, não sei se eu me lembro... Foi o Bettero, que não foi eleito, os demais foram eleitos. Veio o Cantarino, o Renato duas vezes, depois o Cantarino de novo, a Solange, o Jake, o Riehl, a Maria Helena, todos esses já eleitos pela lista sêxtupla.

F.A.G.: Tinha um professor Vilmar...

W.P.: O Vilmar foi um dos primeiros professores que chegaram aqui com mestrado. Ele chegou de fora e a política de capacitação do Azevedo era muito cruel. O mais difícil era sair professor daqui para titulação, porque é o seguinte, a mentalidade era a seguinte: "Fica mais barato, para mim, trazer...". Aqui, nós começamos a ter condições de sair em 1989, quando saíram o Iran, a Solange e o Riehl. Para você ter uma ideia, saíram com a metade do salário, sem auxílio nenhum. A Solange, como eu trabalhava aqui, a Solange é minha esposa, saiu com 25% do salário. Iran e Riehl penaram adoidado, e o Alcir, para passar no mestrado, porque a política aqui é que era muito caro isso, não era um investimento, era uma despesa. Ficava muito mais barato para ele trazer o pessoal pronto de fora com mestrado.

F.A.G.: Não estimulavam a pesquisa, o governo?

W.P.: Não estimulava nada. Não estou te dizendo que cortavam e nem com salário integral você ia, você ia com metade do salário? O Vilmar chegou aqui com mestrado e entrou. Nós entramos aqui... Tinha até uma categoria que chamava professor colaborador. Vinha, fazia concurso e tudo, mas entrava como professor colaborador. Só depois de muito tempo que nós passamos... Não era só da Educação Física não, 70% dos professores da universidade eram professores colaboradores. Depois, nós passamos a ser aquele chamado professor enquadrado, que era do quadro. Então, veio esse Vilmar com mestrado. Um dos primeiros com mestrado aqui foi o Vilmar, que já veio com mestrado de fora. Ele era da Fisiologia, tinha mestrado em Fisiologia. Era professor de Educação Física, com mestrado em Fisiologia. Depois, também se desentendeu. O desentendimento dele era que a turma queria dar Prática Desportiva para ele e ele não queria dar Prática Desportiva e ele desentendeu.

F.A.G.: Também teve a professora... Mulher do Tubino.

W.P.: A Vera, mas ela já veio muitos anos depois. A Vera Lúcia já chegou aqui com mestrado também.

F.A.G.: Quais eram os cursos que ela oferecia?

W.P.: Oferecia Estágio, oferecia essas pedagógicas. Estágio, Didática.

F.A.G.: Depois que acabou...

W.P.: Em 1989, foram o Iran, a Solange, que é a minha esposa, o Riehl e o Alcir, que já vieram com o mestrado. Isso já em 1989, por aí. Fizeram na USP.

F.A.G.: Pede licença (inint) [00:34:07]?

W.P.: Precisaram de afastamento. Foi o mais difícil. Para você ter uma ideia, nós tivemos que assinar um termo de compromisso de que a gente não ia pedir professor para substituí-los, nós iríamos arcar com a carga deles. Nós arcamos. Até isso, nem substituição de professor a gente podia. Eles iam ganhando metade do salário e a gente tinha que arcar com a carga horária. Se eu estava com 20, eu ia passar para 26, 28 para liberar os professores. Eles deixavam claro para nós: quer mandar, manda, mas a responsabilidade é de vocês. Não pode ter professor substituto e não pode destruir a carga horária. Então, o que acontece? Mais carga no nome de quem está ficando. Agora, nós temos uma política totalmente diferente, que é a política de capacitação. O departamento assumiu isso. Inclusive, pela lei, só podia sair no máximo 10% ou 20%. Nós assumimos deixar sair quantos quisessem sair, quantos tivessem condições de sair. Hoje em dia, nós estamos muito bem, estamos quase todos doutores. Teve uma mudança radical nesse ponto.

F.A.G.: Eu acho que é isso, você quer falar mais alguma coisa?

W.P.: Não, foi isso. Agora, para você ver, eles falam: “Porque a turma não tinha (inint) [00:34:40]”. Não tinha (inint) [00:34:40], não tinha tempo de nada. Nosso era (inint) [00:34:42] mesmo. Para você ter uma ideia, agora nós estamos dando, no máximo, oito horas-aula. Naquele tempo, nós dávamos 20 a 24 horas-aula. Naquele tempo, ninguém dava 20 horas, era de 20 a 24 horas-aula por semana, fora as outras atividades comunitárias que (inint) [00:36:00]. Treinamento de equipes, (inint) [00:36:02], técnico de FAUnB, reunião

de colegiado, que era toda segunda-feira. Mesmo sendo departamento, nós tínhamos reunião de colegiado. Plantão sábado e domingo. Realmente, era complicado. A Educação Física também não tinha experiência de pesquisa, não tínhamos experiência em pesquisa, não tínhamos tradição em pesquisa. Realmente, a pesquisa nessa época... Nós tivemos também o Luiz dos Santos, um cara que (inint) [00:36:40] da Fisiologia. Ele era médico, mas também professor de Educação Física. Esse tentou fazer alguma coisa em pesquisa. Ele já tinha uma outra tendência. Fisiologista, médico e professor de Educação Física. Então, ele tentou umas pesquisas. O Vilmar Baldissera também, quando veio para cá, como ele tinha mestrado e tudo, ele abriu um curso de especialização em Fisiologia aqui. Também merece mérito. A Keila fez, o Paulo Silvestre fez esse curso de especialização em Fisiologia graças ao Vilmar, que já chegou aqui com o mestrado (inint) [00:37:24], animado e conseguiram fazer. Vilmar Baldissera.

F.A.G.: Já chegou a fazer alguma revista de Educação Física?

W.P.: Já chegamos a fazer uma revista aqui, mas foi bem simples e não foi muito para a frente. O Alexandre Rezende também batalhou bem nesse finalzinho. O outro que foi ex-aluno foi o Alexandre Rezende. Quando você perguntou dos ex-alunos, o Alexandre Rezende também foi ex-aluno. Então, são quantos ex-alunos? Vamos ver se a gente lembra: Alexandre Rezende, Luiz Cesar, Glauco, Keila, Jake, Zé Gustavo, o Juarez, Rosana... Então é todo mundo. Se você quiser até... O Jônatas chegou a fazer um semestre com a gente aqui. O Marcelo de Brito também. Bastante gente.

F.A.G.: A Rosana veio... Substituiu também o...

W.P.: O Rosana é dessa turma de professores cedidos. Eles não são professores substitutos, eles são professores cedidos pela Fundação. A Rosana, o Odiel, o Juarez, quem mais? Tadeu. São professores cedidos. Tadeu também foi ex-aluno. Todos os ex-alunos.

F.A.G.: O Tadeu é do Atletismo, certo? O Cantarino era do Atletismo, certo? Eles estão fazendo também porque deu retorno para a faculdade. A Rosana teve aula com o Iran (inint) [00:39:20]. O Alexandre também (inint) [00:39:22].

W.P.: Então, nós estamos com uns 10 ou 12 ex-alunos aqui. Outra coisa do Azevedo: ele não admitia isso. O ex-aluno não podia ser professor, era do regimento. Não admitia, por causa (inint) [00:39:41]. Ele era totalmente contra. Você não podia sair para qualificar e não podia ex-aluno ser professor aqui. Durante muito tempo. Até esse (inint) [00:39:52], ortopedista, médico famoso, lutou adoidado para ser professor aqui. Não conseguiu, porque foi ex-aluno nosso (inint) [00:40:04] da universidade. Eles não aceitavam ex-aluno da universidade ser professor.

F.A.G.: Qual que era o...?

W.P.: Quase ninguém sabe. (Inint) [00:40:16]. Um dos motivos deles era ter visões diferentes. Se você é daqui, tem aquela mesma visão. Visão do e você continua mantendo aquela mesma visão. Esse era um dos argumentos dele, mas não justifica muito não. Então, muitos anos atrás, ex-aluno não podia ser professor. Era impedido mesmo. Agora, eu estou achando que está até um pouco exagerado, porque senão, é sério, você começa a ter sempre

a mesma visão. Eu dou uma visão para meu aluno, ele continua com aquela visão e vai continuando com aquela visão. Realmente, se pensar bem, tem razão de ser. Mas nem lá nem cá. Primeiro era impedido e agora está ficando muito. Ia vir o André, ele foi aluno nosso.

F.A.G.: Está bom, professor, obrigado.

W.P.: Qualquer dúvida, pode perguntar.

Atividade de extensão – Ginástica Olímpica: Centro Olímpico (CO).
Crianças manipulando fita, arco e bola. Ao fundo, tabela de basquete e trave de gol. Quadra de esportes coberta.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-04>.

3. Professora Maria Rute Jácome de Campos Cavalcanti (M.R.J.C.C)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professora, onde foi a sua formação?

M.R.J.C.C.: Eu fui pioneira do Fundão. Então, eu me formei pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

F.A.G.: Em que período a senhora começou a ministrar aulas na UnB?

M.R.J.C.C.: Em março de 1973.

F.A.G.: A senhora saiu de lá quando?

M.R.J.C.C.: Eu saí no dia 7 de março de 1996.

F.A.G.: Como é que foi a história do curso na UnB? Como é que surgiu?

M.R.J.C.C.: Eu, quando aqui cheguei, já existia um grupo de professores trabalhando na Prática Desportiva no CO. O prédio ainda nem construído estava, só tinha aquela parte da piscina e do subsolo. Nós viemos para incrementar a Prática Desportiva, porque eram muitos alunos. A convite do Coronel Bettero, que me convidou. Eu estava no Rio. Eu, o professor Alexandre, acredito que os outros professores também de fora de Brasília, devem ter sido o Coronel Bettero, que foi uma pessoa que batalhou muito para a criação do curso de Educação Física. Então, teve o William, a Solange e o professor Renato, que já estavam aqui, mas o Cleber e os outros professores, que agora eu não me lembro, que quando eu aqui cheguei já não estavam mais, que batalharam para o curso de Educação Física. Quando chegou o segundo semestre de 1973, em agosto, estava chegando a primeira turma para fazer as disciplinas do básico, porque antes na UnB existia um básico obrigatório, que era Física, Química, Cálculo, Fisiologia Geral, e depois vinha Ginástica I, que não tinha professor. Então, eu, dentro dessa disciplina, fui a primeira professora. Quanto às outras, eu acho que cabe a cada um responder por si. Em Ginástica I, foi no segundo semestre de 1973 e, no final de 1973, teve o concurso de âmbito nacional para a contratação de mais professores para o curso de Educação Física e entraram professores pelo concurso, no qual eu fui a primeira colocada.

F.A.G.: A senhora estava lá e ainda fez o concurso.

M.R.J.C.C.: Fiz. Estudei muito para essa prova. Não passei com 10 não sei por que, mas a minha nota foi 9,90 alguma coisa.

F.A.G.: Que matéria a senhora ministrou? Ginástica I...

M.R.J.C.C.: A Ginástica I, em 1973, Ginástica Rítmica Desportiva, que antes era tida como Ginástica Feminina Moderna e no currículo era com o nome de Ginástica Feminina Moderna.

F.A.G.: Só era para mulher?

M.R.J.C.C.: Só mulher fazia. Os homens faziam Futebol. Depois não, ficaram abertas para homem e mulher ambas as disciplinas citadas. Eu dava Rítmica I, depois eu comecei a lecionar a Ginástica Olímpica e também Dança, sendo que eu fiz concurso para lecionar

Dança e lecionei isso tudo. Fora as Práticas Desportivas, que atendiam o fluxo de alunos da universidade toda...

F.A.G.: Eram obrigatórias?

M.R.J.C.C.: Eram obrigatórias, e eu dava Atletismo. Era uma espécie de rodízio, então a pessoa passava um mês no Atletismo, depois ia para o Basquete, depois passava mais um mês na Natação e terminava no Voleibol. Assim era o rodízio. Quem começava na Natação terminava no Basquete e assim ia, um mês para completar quatro meses de atividades, era obrigatório. Depois, as Práticas Desportivas mudaram e deixou de existir o rodízio, mas, a princípio, eu lecionava essas disciplinas, começando primeiro com a Ginástica I, Rítmica I e as Práticas Desportivas em forma de rodízio. Depois, houve uma mudança. Eu passei a lecionar ainda Ginástica I, Rítmica I e Ginástica Feminina Moderna. Conforme vinham chegando os alunos e iam passando, então o aluno ia para o outro semestre e precisava da outra disciplina. Então, basicamente foram essas que eu lecionei antes da mudança.

F.A.G.: Justamente, como é que estava o currículo quando a senhora chegou, como ele foi montado?

M.R.J.C.C.: Ele já veio montado para nós. Eu, quando cheguei, já tinha montado. A estrutura da UnB era outra. Tinha básico, existiam normas, existia um caderninho que a gente obedecia, tinha a figura do professor orientador que orientava, tinha um grupo de quatro alunos por professor, e eu me lembro que o Testa do karatê era meu aluno e o Julio Adnet, só que eles nunca apareceram, então eles foram jubilados. Tinha a figura do jubilação. O aluno que era reprovado duas vezes consecutivas na disciplina perdia o vestibular, perdia tudo. O aluno que fosse reprovado ou que não obtivesse um certo número de aprovações num semestre... Também tinha isso, somatório. Se você fosse reprovado não só em uma, mas... Também era jubilado. Isso mais de uma vez. Então, ele entrava com recurso e o orientador defendia ou não, conforme o histórico, porque ele tinha que procurar a orientadora que orientava em tudo: o que ele tinha que pegar, essa coisa toda. Então, essa figura do professor orientador, muitas vezes, o aluno se achava autossuficiente e não o procurava para ser orientado. Uma das mudanças na universidade em geral foi cortar o orientador. Criou-se, então, um coordenador de curso e vários professores coordenando. O aluno vai naquele horário e os professores que estivessem ali orientam o aluno a confeccionar o seu horário, mas a intenção do professor orientador é que o aluno sempre o procurasse – que nem orientador para a tese de mestrado – esse professor orientador para receber orientações para o seu semestre em geral, para as disciplinas, para que o professor desse dicas. Só que o professor tinha aquele horário de orientação e era raro o aluno que procurava, por isso terminou. Foi uma pena, porque eu achava interessante, eu tinha alguns alunos que procuravam e eu achava bacana esse contato do professor, da figura do professor com aluno orientando para evitar o jubilação em qualquer disciplina que fosse, do básico, lá na Sociologia, mas ele procurava o seu professor e ele orientava passo a passo como ele tinha que proceder dentro da universidade. Não o aluno chegar perdido

como chega: “Onde é minha faculdade?”. Procura ali e fica andando naquele minhocão feito um louco para baixo e para cima. Enfim, o curso mudou de uns tempos para cá e ele passou a ser... Os professores do departamento é que se reuniram, fizeram e dividiram o curso. Houve até mudança do nome das disciplinas. A Ginástica I passou a ser metodologia. Umás viraram metodologias. Metodologia do Atletismo, Metodologia da Ginástica e assim foi. Metodologia do Vôlei, Metodologia do Basquete. Acabou com o básico, não teve mais Física, Cálculo, Química, porque prendia muito o aluno. Para ele chegar no curso, ele era muito reprovado em Cálculo, em Química. Os alunos de Educação Física sofriam muito com isso, eram reprovados mesmo, eram até jubilados. Teve aluno que foi jubilado em Química, ia perder toda a faculdade. Eu me lembro de alunos que conseguiram fazer e terminar o curso e, finalmente, entraram no curso de Educação Física. Eles perdiam muito tempo no básico. Levavam três, quatro, cinco semestres fazendo o básico para pegar um. Era muita perda de tempo. O aluno levava anos para se formar. Como houve a mudança em que o aluno de Educação Física teria que fazer, no mínimo, três ou quatro anos e, no máximo, x anos, eu não me lembro agora, então houve essa mudança. Metodologias, acabou básico, acabou a figura do professor orientador e vieram as disciplinas tidas como optatórias, optativas obrigatórias, que a gente chamava, mas eram optativas. Depois, algumas disciplinas optativas passaram para o currículo como obrigatórias. É uma luta muito complicada e ficou bem dividido. Um terço para a parte técnica, um terço para a parte científica e um terço para parte didática pedagógica. O curso ficou dividido dessa forma.

F.A.G.: Foi mais ou menos em que período?

M.R.J.C.C.: Acho que na década de 1980, meados da década de 1980. Bem na década de 1980, no meio.

F.A.G.: Foi nesse período também que se tirou a prova física para entrar ou não?

M.R.J.C.C.: Tinha o tal vestibular específico. Não, eu acho que o vestibular foi mais no final da década de 1980. Visava-se muito, no curso de Educação Física, à performance, que o professor de Educação Física tinha que entender de performance em todas as áreas. Então, ele tinha que ser um excelente jogador de vôlei, excelente jogador de basquete, tinha que correr muito, tinha que nadar bem, tinha que ser um excelente ginasta. Isso é difícil, você não consegue. O próprio vestibular foi amenizando um pouco até ele ser eliminado. Nós exigimos... Eu sei, porque eu coordenei a parte de Coordenação. Eu acho muito importante essa parte de Coordenação... Um professor de Educação Física tem que ter um mínimo de coordenação possível, mas eu não sei até que ponto se tirou isso, porque eu senti, depois que acabou o vestibular específico, que os alunos que ingressavam na Educação Física, eu não sei se hoje é assim, mas não estão ingressando por vocação pela profissão, abraçando, vestindo a camisa, como a gente dizia. É uma profissão que não é por aí, porque eu acho que Educação Física, a pessoa... Eu sou um pouco adepta que você tenha que fazer, no mínimo, uma demonstração boa para os seus alunos, a começar que você tem que ter um físico bom. Não pode um professor de Educação Física pesando 120Kg, completamente descoordenado, sem conseguir um domínio de bola, qualquer que seja a bola – handebol,

vôlei, basquete, tênis, pingue-pongue, tênis de mesa, o que seja. Ele tem que demonstrar um pouco de habilidade e eu acho que a figura, o aspecto do professor é importante. Um professor de Educação Física, o homem, não anda de terno e gravata e a mulher não dá aula de longo e salto alto nem de vestido. Um professor de Educação Física veste short, camiseta, agasalho de atleta, tênis, ele tem que ter essa postura, o nome está dizendo, mesmo para ser um futuro educador. Ele pode ter mestrado em Psicomotricidade, em qualquer coisa, mas continuar respeitando a sua profissão de início, porque eu acho que, mesmo que você seja um técnico, que você seja um professor na academia, seja lá o que for, você teve toda essa base para chegar no mestrado. Então, eu sou contra um professor que tem mestrado e doutorado e diz assim: “Eu não vou dar mais aula para o curso. Só vou dar aula em pesquisa e não sei o quê”. E o curso, vai ter o que de professor? Quanto mais conhecimento ele tiver, melhor para a formação daquele futuro profissional de Educação Física. Eu acho que ele pode juntar muito bem o útil ao agradável, porque por mais doutorado que você tenha, mestrado, como eu fiz, eu não vejo que... Eles dão muito embasamento teórico, mas a prática... O profissional de Educação Física vai se formar realmente com a prática que ele tiver depois de formado ou durante mesmo curso que ele fizer – o estágio supervisionado ou se ele já leciona em alguma escola particular ou se ele é técnico em algum lugar. Cada dia é um dia, cada aula é uma aula e os acontecimentos daquela aula não se repetem. Eles são daquele dia, eles aconteceram e passou, e só o professor que lecionou tem essa experiência. Mestrado nenhum, doutorado nenhum dá isso.

F.A.G.: A senhora acha que esse conflito aconteceu lá?

M.R.J.C.C.: Muito, na minha época. Não vou citar nomes de colegas, porque não fica bem, mas tiveram colegas que não queriam mais dar aula. Eu mesma estava substituindo uns dois ou três deles, substituí muito, e, quando eles voltaram: “Não, eu não vou lecionar mais isso não, você continua.” Eu falei: “Como? Não é a minha área. Eu quebrei um galho para o aluno não ficar...”. Se você ficar quebrando o galho, a que nível fica esse curso? Eu me esforcei, eu dei o melhor de mim, pesquisei, lutei... O que aconteceu? As minhas disciplinas, que eu já estava calejada de dar, mas eu sempre gostava de ter uma novidade, de ter um artigo novo, uma coisa nova na minha disciplina. Eu então dava a disciplina por dar, porque eu já estava mais do que autômata nela, já dava a disciplina até dormindo, e me dedicava mais à disciplina que eu estava substituindo para não cair o nível, para sustentar, mas até quando você vai sustentar? Se não é uma coisa que eu gosto, se não é uma coisa que eu prestei o concurso para dar aula? Veja bem, eu levei 20 e tantos anos batalhando em uma sala de dança. Eu vim dar Metodologia da Dança mesmo, porque o professor Riehl fechou aquele negócio lá de lutas, de judô, porque não tinha uso algum, e ali puseram tábua corrida e tudo, a duras penas, eu não me esqueço disso. Osmar Riehl lutou para fazer uma sala de dança ali, consegui e me entregou, mas eu já estava para me aposentar. O que eu usufruí? Muito pouco da sala de dança e hoje causa-me tristeza ver que aquele chão que eu mantinha conservado, que eu não deixava ninguém entrar calçado, a não ser descalço, até aula de sapateado tem lá. Uma sala de dança, para mim, eu, como

professora de dança, sou um templo, e o chão a gente usa, deita-se no chão, rola no chão, faz exercícios de chão. Eu dava aulas com princípios de Martha Graham, a Graham vem aqui dar um espetáculo agora nesse final de semana no Teatro Nacional, vem o grupo dela. Você farpa, corta, machuca, então, por isso que a sala é tábua corrida lisinha, encerada, sem ter farpa para não machucar a pele da gente. Que pusesse linóleo para sapatear ou arrumasse um outro lugar que fosse batalhar para sapateado ou um tablado, montado para ter aula de sapateado que precisa de algum som. Essas coisas aconteciam, essas dificuldades. É uma luta muito grande para você implantar um curso e ver jogar assim pela janela. Eu presava muito pela qualidade das aulas. Eu era tida como uma professora dura, cascavel, mas eu me esforçava para dar as aulas e exigia isso dos alunos. Eu exigia, porque eu amava o que eu fazia, eu amava os corpos dos meus alunos com todo respeito e achava que eles deveriam amar os corpos dos futuros alunos deles e não fazer aquilo como liquidificador, que quebrou vai ali e troca, não é bem assim. Você tem que prezar o corpo, você tem que trabalhar bem o seu corpo para que ele não tenha problemas futuros, para que ele seja um corpo saudável. Eu batalhava nisso. As minhas aulas eram práticas, tinham teoria também e visavam muito à qualidade, muito mesmo, e sempre com novidades, para que o aluno pudesse usufruir disso e levar isso para o resto da vida e se aprimorar e se interessar sempre em pesquisar e em se aprimorar dentro da Educação Física, seja a área que for. Ele tem que estar sempre atualizado que nem um médico, porque nós trabalhamos com a saúde e o médico trabalha com a doença, mas ele tem que estar pesquisando, e o professor de Educação Física mais ainda.

F.A.G.: A senhora fez especialização?

M.R.J.C.C.: A minha área toda foi na área de dança, porque eu fui bailarina clássica. Eu fui parar na Educação Física por acaso, porque, no meu país, naquela época, não existia uma faculdade de dança. Então, eu fui para o exterior, voltei como mestre em dança. Como bailarina, eu fui formada pela escola de dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foram dez anos de escola, em que eu tive todas as aulas. O básico era o Balé Clássico, Dança Espanhola, Dança Folclórica, Dança Moderna, História da Dança, Teoria Musical, Didática da Dança, Anatomia, tudo isso eu tive e me formei com 15 anos de idade, porque você entra no balé com cinco, seis anos, então você se forma. Fiz corpo de baile no Teatro Municipal, estágio durante dois anos e, quando eu quis fazer uma faculdade no meu país, não existia. Como Margot Fonteyn e Nureyev estiveram aqui, eles me levaram para Londres, eu dancei com eles. Lá, eu fiz o meu mestrado em dança. Então, eu voltei muito cedo para o Brasil. Eu retornei ao Brasil com meu mestrado e o Conselho Federal de Educação não aceitou, porque, no nosso país, não existia ainda... Eu passei três anos fora. Durante esses três anos, não existia, ainda, uma faculdade superior de dança. Eu fui lecionar na Bahia, montei a estrutura toda da Ebateca, do Teatro Castro Alves. Tinha que montar para receber meu diploma de *master* em dança, então eu montei uma escola de dança que hoje é o *Ballet* Brasileiro da Bahia, a Ebateca, está lá na Bahia para todo mundo ver, é só ir lá. Montei e recebi então... Fui mandada para o foco do negro para montar balé

clássico. Eu montei voltado para o negro, para a nossa realidade. A escola clássica para a nossa realidade. Tanto é que o Ballet Brasileiro da Bahia só apresenta música brasileira, tudo brasileiro, mas toda a base é clássica. O que fazer? Consuelo Rios, que era professora da escola de danças, Carol, o Fábio e uma das minhas filhas falaram: “Maria Rute, faça Educação Física”. Na Bahia, estava se montando a estrutura – até com um professor alemão que veio da Alemanha para isso – da UFBA, da escola de dança da UFBA, que ficou com a Dulce Aquino a direção. Mas eu estava sedenta para fazer alguma coisa, não ia esperar isso, quantos anos da minha vida eu iria esperar por isso? Então, eu fui fazer Educação Física na UFRJ. Quando eu me formei em Educação Física, voltei ao Conselho Federal de Educação: “Nós não aceitamos, porque você fez Educação Física e não dança”. “Como é que eu vou fazer dança se nesse país não tem dança?” Então, em Educação Física, eu tenho especialização voltada para a dança. Imagina, depois do mestrado em dança, fazer especialização. Fiquei esperando sempre com a dança para fazer um doutorado e não consegui. Então, eu tentei fazer Psicologia na UnB na época do Todorov, que era diretor da Psicologia. Foi uma ocasião em que eu tirei a sabática e, durante a minha sabática, eu adiantei algumas disciplinas da Psicologia. Fiz inscrição como aluna na Psicologia e fui fazer as disciplinas, já adiantando, tendo base para fazer Psicologia. No entanto, tinham saído alguns professores para a USP, como Solange, Alcir, Iran, para fazer Desenvolvimento Motor, Psicomotricidade, eu não me lembro bem, e eu queria fazer na Psicologia. O meu departamento, que na ocasião era o Renato que era o diretor, em reunião, os colegas negaram, falo mesmo, me negaram de fazer Psicologia, porque Balthazar, não sei quem, era muita gente fazendo Psicologia e a intenção deles não era essa, mas não perguntaram qual era a minha intenção. Essa história toda que eu te contei era para quê? Para eu oficializar o mestrado que eu tinha feito lá atrás. Então, eu queria alguma coisa que pudesse me dar o direito de dizer que eu tenho um mestrado no Brasil, já que não aceitavam o inglês da *Royal Academy of London*. Eu já estava com tudo engatilhado, e Todorov cobrando de mim: “Vai começar”. Eu pedi ao professor Renato que eu ficasse liberada de umas Práticas Desportivas para fazer as disciplinas.

F.A.G.: Era disciplina do mestrado ou da...?

M.R.J.C.C.: Era do mestrado. Eu ia fazer o mestrado, mas foi negado para mim e me puseram, a tarde toda, disciplina uma atrás da outra, além da graduação, disciplinas de Prática Desportiva. A partir do momento que eles olharem a faculdade como faculdade, olharem o aluno como aluno, como discípulo, seguidor dos seus ensinamentos, as coisas vão melhorar, porque enquanto tiver naquela faculdade, não sei se ainda existe isso, briguinhas por vaidades, coisas pessoais, eu acho que a faculdade não cresce não, vai ficar marcando passo. Eu acho que o aluno, se tem voz lá, deve brigar como aluno, representante dos alunos, por melhoria disso. Para a faculdade crescer voltada para o aluno.

F.A.G.: A senhora acha que a formação foi voltada para a escola, para formar o professor desde o início ou tiveram algumas mudanças?

M.R.J.C.C.: Não. No início... Eu posso falar desde a minha época. Aqui em Brasília, até então, é voltada para o aluno sair como licenciado em Educação Física, único e simplesmente, porque só existia no mercado de trabalho a Fundação Educacional do Distrito Federal. Hoje em dia, já existem faculdades de Educação Física, então, além da Fundação, você pode formar um professor para dar aula em faculdade. Para ir para tal, há necessidade premente de que se tenha cursos de mestrado e doutorado na Faculdade de Educação Física, para poder sair o professor já com mestrado para poder lecionar com o mínimo de capacitação exigida para ser um professor de faculdade, que é um outro mercado de trabalho. Além disso, eu acho que se esquecem, dentro da profissão de Educação Física... Teve um seminário lá muito interessante, há anos luz, sobre mercado de trabalho em Educação Física. Foi um espetáculo, eu achei. O leque que tem de emprego para professor... Não professor, você pode trabalhar na área de Fisiologia, tendo a Professora Keila, que, para mim, não é por ela ter sido nossa aluna não, mas eu a acho uma senhora professora, uma pessoa interessada no que faz, uma pessoa dedicada à sua disciplina... Ela pode ser rígida, mas o que ela tem de conhecimento tem que se tirar o chapéu para a Keila, e o aluno tem que sugar até a última gota de sangue dela, se interessar e sugar mesmo, perguntar, se interessar, correr atrás, porque tem um mercado de trabalho muito interessante da área dela. O jornalismo em Educação Física é uma área que ninguém procura, é uma área interessantíssima e que ninguém toca. Está melhorando um pouco. Eu acho que os próprios atletas é que estão modificando um pouco, mas eu acho que o aluno tem que atuar nessa área. Na área de Direito de Educação Física, também é uma área muito interessante o Direito Esportivo. Então, eu acho que tem áreas que não são exploradas. Continua a mesmice. Forma-se para ser professor da Fundação, professor de faculdade, técnico em algum clube, *personal trainer* ou professor de academia. Estão esquecendo de se abrir, pegar esse mercado de trabalho, esse congresso, esse seminário que foi feito. É um mercado maravilhoso. A parte de deficiência física poucos alunos nossos... Que eu me lembre só tem dois alunos formados em Educação Física por nós que trabalham nessa área. Um é o Raimundo Nonato, que trabalha em Sobradinho na escola da Fundação, que é voltada para deficientes, e uma aluna, que eu não me lembro nome, que trabalha no final da W3 Sul, Fepad, Enap... É uma área que você vê que até nas Olimpíadas está tendo e que o aluno também não trabalha. Então, eu acho que o currículo, depois de um seminário desse, eu acho que vocês alunos – é um conselho, pega se quiser – devem procurar esse seminário e abrir essas áreas e exigir o maior entrosamento da Faculdade de Educação Física com as outras áreas da UnB, porque lá tem Direito, lá tem Jornalismo, lá tem tudo pra vocês ampliarem o mercado de trabalho e não ficarem na mesmice. Não verem um professor de Educação Física só nisso ou trabalhando burocraticamente. Você leva anos para trabalhar em um escritório, um professor de Educação Física trabalhar na parte burocrática das federações, confederações, na parte política da Educação Física, que tem também essa parte, essa área. Então, eu acho que a faculdade deve abrir mais espaço para a formação do profissional de Educação Física, não formar só o professor, como vinha sendo.

F.A.G.: Mas a senhora vê que sempre foi com essa a intenção?

M.R.J.C.C.: Sempre. Sempre foi voltado para escola, para ser professor da Fundação ou professor de academia, só.

F.A.G.: A partir das especializações, que vários professores trabalharam com alguns temas de Educação Física, a senhora vê que ainda assim (inint) [00:31:49]?

M.R.J.C.C.: Eu não vejo muita novidade, pelo que eu estou vendo por aí, porque uma coisa é o que eu sempre disse lá. Tem que parar...

F.A.G.: Na verdade, tem muito professor que está na UnB. Muitos alunos que se formaram estão na UnB agora. Acho que quase metade do corpo docente está lá dando aula.

M.R.J.C.C.: Quando eu saí, tinha o Glauco, o Marcelo, a Keila e o Jake. Agora já tem mais gente?

F.A.G.: Tem, porque teve um convênio com a Fundação Educacional, então muitos professores da Fundação estão dando aula lá.

M.R.J.C.C.: Eu, quando trabalhei na UnB, eu tinha um grupo experimental de dança da UnB conhecido no exterior, no Brasil e em Brasília, que vai sair até em nome de livro sobre dança em Brasília. O propulsor da dança moderna em Brasília foi o GEDUnB, fui eu. Cadê um projeto desse? Só fala nas escolinhas, só isso? Projeto da Professora Ana Maria? Cadê o resto? Vamos trabalhar com a comunidade da UnB, vamos trabalhar fora da comunidade, extramuros UnB, vamos alardear. Eu ganhava só, e ganho até hoje, uma miséria, porque hoje é uma miséria. Eu fazia isso tudo com salário da UnB. Eu não ganhava extra. Meu grupo de dança era com recursos da UnB, do meu bolso e “maritrocínio”. Muitas vezes, a minha viagem era patrocinada pelo meu marido ou eu conseguia pela embaixada. Ia para as embaixadas em que eu ia para o país, a embaixada me dava a passagem, eu me virava. Então, o que o professor tem que fazer é não esperar que papai do céu mande para ele ou que a reitoria mande pra ele. Professor tem que correr atrás. Quem quer vai, quem não quer manda. É o ditado mais antigo. Agora, ser professor acomodado não dá. Tem que pegar os seus alunos da graduação em Educação Física e injetar estímulo na veia desses meninos, botar essa turma junto com você, você ali do lado... É tão bom. Como eu conheci alunos. Ontem mesmo eu descii, fui ao Libanus, sábado, encontrar quatro ex-alunos meus. Ligaram: “Tia Rute, vem aqui”. Foi o maior carinho, e falando: “Que saudade que eu tenho das suas aulas. Que saudade. A chance que a senhora deu para a gente conhecer... Nós saímos da faculdade confiantes no nosso trabalho”. É isso que a gente tem que dar para o aluno, a confiança. Não é só botar o canudo debaixo do braço. Hoje, eu vejo que o aluno tem que correr atrás para ter confiança no que faz. Eu vou dizer que os meus alunos correram atrás, mas eles correram com uma orientação minha. Se alguma coisa desse errado, eu entrava pra mexer meus pauzinhos, para que ele sentisse... Você tem que dar um empurrão. Quando você começou andar, engatinhar, seus pais te ajudaram a engatinhar. A sua família não está por trás para te dar um embasamento para você enfrentar o mundo? Professor está por trás do aluno para ampará-lo, para ele ter confiança para enfrentar o mundo, dar instrumental a esse aluno, as armas para ele poder ir à luta. Ele não vai à luta sozinho e, se for sozinho,

eu tiro meu chapéu. Esse batalhou, suou, penou. Eu acho que tem que ser por aí, então está faltando no curso trabalhar as outras áreas, o tripé, a pesquisa, não ficar só na graduação. O que você está fazendo, por exemplo, eu não conheço essa professora, mas está incentivando você a uma pesquisa. Meus parabéns para ela e meus parabéns para você. Eu acho que é por aí. Isso que você está fazendo, o que a professora está fazendo não é ela sozinha que está fazendo, é o grupo. A faculdade tem que pensar em unidade. É um grupo em prol de alguma coisa e não uma professora batalhando sozinha, isso é um absurdo.

F.A.G.: Professora, o departamento se iniciou e era subordinado à Faculdade de Ciências da Saúde, como é que a senhora vê isso? Foi bom, foi proveitoso ser filial da Saúde, como é que foi esse debate sobre se a Educação Física é saúde, é educação? Onde ela deve estar...?

M.R.J.C.C.: O departamento era que... Algumas pessoas não falavam na reunião, ficavam meio caladas, mas eu sentia que tinham pessoas que, por omissão, acomodadas, achavam que deviam ficar na Faculdade de Ciências da Saúde, e umas pessoas – o Cantarino fez mestrado dele na Faculdade de Educação – achavam que estavam mais para a Educação do que para a Educação Física, quando se iniciou no nosso país, tinha que se apegar a alguma coisa, e eu creio que ela se apegou... Por esse método, pela faculdade da UnB se esmerar, copiar, a UnB nasceu de um exemplo americano de faculdade. O modelo da UnB é o modelo americano de faculdade. Eu creio que foi por aí, na ocasião foi a Faculdade de Ciências da Saúde. A gente nunca deve dizer que a experiência não foi boa. Eu acho que toda experiência é válida por pior que ela seja. Eu achei válida a vivência com a Faculdade da Saúde, porque foi tão válida que hoje existe a Faculdade de Educação Física. Conseguiu-se separar, cortar esse cordão umbilical com os professores, com a equipe dos professores, vendo que precisava separar, tinha que ter... Então, agradeço à Faculdade de Ciências da Saúde por nos permitir que cortássemos o cordão com ela. Eles mesmos queriam, nós éramos assim um apêndice, sei lá, um calo, uma pedra no sapato deles, até por motivos de verba era uma coisa... Nós damos mais verbas para eles, para a Faculdade de Ciências da Saúde, do que eles mesmos. Agora, vieram a ter hospital, perderam o hospital de Sobradinho, uma maravilha, mas porque era longe. O Hospital de Sobradinho era da UnB. Passou a ser da Fundação, ficaram sem hospital e a nossa verba era a maior da Faculdade de Ciências da Saúde, porque a gente tem piscina, o CO todinho, material esportivo é caríssimo, manutenção de pista. É lamentável que não... A piscina a duras penas... O tempo foi passando e aí entra no aspecto político também, porque, se nós formos pensar em Faculdade de Educação Física, ela depende do dinheiro da administração. A administração depende de um certo dinheiro também... Porque a UnB, aí vem um problema sério. Antes, quando eu entrei na UnB, a UnB devia mundos e fundos. Era Amadeu Cury o reitor. Entrou o professor José Carlos de Almeida Azevedo e eu me lembro da posse. Ele disse para nós na posse dele como reitor, porque ele era o vice: “Vocês me deem seis meses para colocar as dívidas da UnB”. Porque a UnB é uma Fundação e Fundação gera fundos próprios. A Asa Norte toda é da UnB. Aos poucos, foi dilapidando o patrimônio. O Azevedo falou isso. Nós recebíamos

cada dia num dia, nós não sabíamos quando íamos receber o nosso salário. Você não podia fazer compra, porque você não sabia quando ia ter o dinheiro, se você podia dividir, em que época você ia pagar. Em um mês de administração do Azevedo, nós começamos a receber correto, dia 28 de cada mês nosso dinheiro ali. Assim foi... Azevedo, falam dele, mas ele foi o melhor administrador financeiro da universidade. Ele teve esse lado bom. Pode ser que ele não tenha olhado com bons olhos os professores, porque ele não permitia que a gente saísse para fazer mestrado. Essa parte de aprimoramento docente foi a falha dele, digamos assim, mas, no que tange a dinheiro, o homem saiu deixando milhões nos cofres da UnB. A UnB não devia nada a ninguém, muito pelo contrário, deviam à UnB. Então, eu creio que, pelo o que eu estou te falando – eu quero justamente chegar na faculdade – das dificuldades que o atual diretor da faculdade deve encontrar para reconstruir uma pista ou até para comprar café, porque, na nossa época, já estava assim, papel higiênico eu levava de casa, cafezinho cada um levava um tanto, não tinha verba para comprar. Então, a questão administrativa e, depois do Azevedo, a UnB deu uma queda. Administrativamente, a parte financeira da UnB foi por água abaixo. Hoje, ela não tem verba para nada nem para o aumento dos professores, porque os melhores salários na época do Azevedo, nós ganhávamos muito bem. Ele dava aumento para a gente todo ano, não precisava nem pedir, porque tinha fundos para pagar.

F.A.G.: Professora, como é que a senhora vê a faculdade, a senhora acha que...?

M.R.J.C.C.: No início, o Iran fez milagre e melhorou muita coisa. Ajeitou. O que ele podia ajeitar, ele fez, mas as grandes obras, porque as obras pequenas não aparecem. Ele fez o laboratório, ele fez muita coisa no início, mas as grandes obras. Agora não sei se a piscina já ficou pronta, porque... Aqueceram a piscina, é aquecida a de 50m?

F.A.G.: Não, acho que não.

M.R.J.C.C.: Faz uma obra daquele tamanho e não aquece a piscina? Brincadeira. Essas obras grandes, como a pista de atletismo, uma piscina, umas coisas que aparecem, grandiosas, ampliação do prédio para mais salas de teoria e aumentar, coisas assim, isso é difícil, porque essa parte financeira engloba uma coisa maior, então eu acho que vai ser muito difícil conseguir. Como se pode conseguir? A não ser terceirizando, pedindo, não sei como é feito hoje em dia. Quanto à parte didática, eu acho que pode melhorar muito dentro daquilo que eu te falei, para o aluno. Melhorar a parte de campo de ação do aluno, distribuir melhor, fazer com que o aluno corra atrás, haver intercâmbio entre faculdades dentro da própria UnB, de algum professor incentivar a fazer trabalho de pesquisa ou trabalho comunitário junto com as faculdades de Comunicação, por exemplo, Jornalismo, com o Direito, defesas de coisas e tal, de esporte, enfim, procurar outros meios, juntando, unindo as faculdades e fazendo um trabalho só. Tornar disciplinas optativas para que o aluno possa fazer se ele se interessar por aquela área. Enfim, haver uma política de entrosamento entre as faculdades na UnB, porque geograficamente a faculdade está longe, os alunos vão lá para cumprir uma obrigação e voltam. Você não vê professor ir lá, você não vê faculdades irem lá, vê?

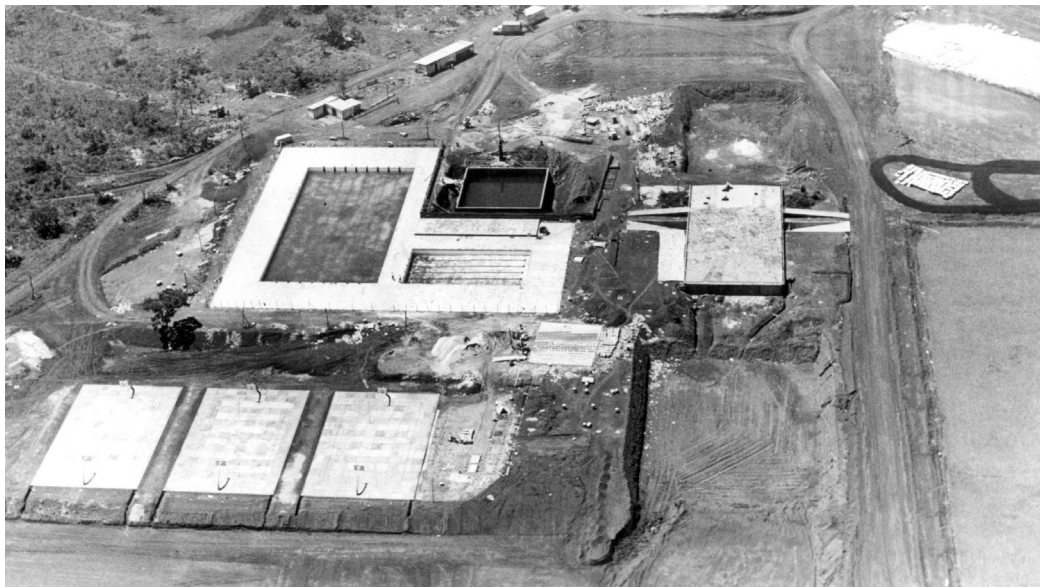
Já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé, então traz a faculdade de Educação Física para o minhocão.

F.A.G.: A senhora acha que a situação que a senhora explicitou sobre os professores que se especializaram e acabaram não querendo mais dar as aulas práticas e tudo mais, você acha que isso pode ter influenciado nessa questão de (inint) [00:17:56]?

M.R.J.C.C.: Eu não sei. Em Psicologia, quando você quer mudar o comportamento, Psicologia Comportamental... Existe uma história de um professor que ele só dava aula – não sei se algum professor de Psicologia de Aprendizagem disse isso para vocês ou de Comportamento, alguma disciplina que você tenha feito lá na Psicologia – em um canto da sala de aula. O que os alunos combinaram? Quando ele estivesse naquele canto, os alunos todos se viravam para o canto de cá, ninguém olhava para ele, todo mundo fazia assim. Ele percebia, então ele ia para cá, ele só ficava aqui, e os alunos se viravam para o canto de lá. Até um dia em que ele chegou e perguntou: “O que está havendo? Eu estou dando aula para vocês e praticamente vocês me dão as costas”. Um se levantou, isso era combinado, lógico, com os alunos, e falou assim: “Professor, é o seguinte”. Explicou a ele, mas com jeito, porque nenhum professor gosta de ser chamado a atenção assim, e teve-se uma conversa e o professor então mudou, e os alunos começaram a se sentar e a prestar atenção na aula dele. Então, é a mesma coisa. Agora, eu não estou mais lá dentro, eu não sei como estão os antigos colegas, os atuais, como está a situação lá dentro... Eu acho que vocês são inteligentes o suficiente para tentar modificar isso e, se quiserem modificar para melhor e não quiserem perguntar ao professor, peçam ajuda à Psicologia, peçam para observar as aulas. Eu tinha professor da Faculdade de Educação observando minhas aulas e me analisando para modificar a minha didática. Eu pedia isso. O professor João ia nas minhas aulas assistir à aula de Educação Física. Ele: “Eu não entendo muito bem”. Eu dizia: “Mas o senhor entende didática. Eu quero que o senhor... Eu quero melhorar”. Ele me deu um instrumental fantástico. Então, eu acho que... Eu não tenho vergonha de dizer isso. Eu pedia a um outro colega que não tinha nada a ver. Eu conheço um bocado de gente lá do minhocão, eu sempre procurei colegas de fora. Eu conheço colegas da Comunicação, da Sociologia, da Educação, da História, das Artes. Eu dei aulas nas Artes, eu fui emprestada ao Instituto de Artes. Então, eu acho isso muito importante. Eu coloquei o Marcelo para dar uma disciplina que era das Artes e eu trouxe para a Educação Física. Eu acho importante isso. A partir do momento em que o professor da Faculdade de Educação Física se inteirou com os professores lá, talvez eles não venham pela distância, por preguiça, mas um professor de Educação Física não tem preguiça. Mexe com o corpo. Se ele é interessado, vai atrás. Os alunos também. Já que o professor não vai atrás, o aluno vai e pede ao professor pra vir, convida a participar, faça um projeto, apresente... “O senhor não gostaria de dar aulas lá disso ou daquilo? Fazer um intercâmbio, assistir, participar. Venha jogar uma pelada.” Enfim, fazer a política de boa vizinhança. Vocês conseguem. Se não parte do professor, parte do aluno.

F.A.G.: Tá joia, terminado.

Construção e vista do Centro Olímpico (CO). Na parte inferior da imagem estão as quadras de basquete; no centro, as piscinas; à direita, o vestiário, ao redor deles, área descampada para a construção de mais obras.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-05>.

4. Professora Solange de Cássia Elias Passos (S.C.E.P.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Professora, onde foi a sua formação? Onde a senhora se formou?

S.C.E.P.: A graduação?

F.A.G.: Isso.

S.C.E.P.: Foi em Belo Horizonte, na escola de Educação Física de Minas Gerais que embora apresentasse as características de uma escola federal era vinculada à Universidade Católica. Ela nasceu mesmo na época do militarismo, então ela era toda dirigida por militares e médicos.

F.A.G.: Em que período a senhora entrou para a Educação Física na UnB?

S.C.E.P.: Em 1973, como técnica desportiva. Durante algum tempo, a gente ministrou aula na Prática Desportiva somente. Quando começou a surgir o curso de Educação Física, eu não me lembro muito bem a data, nós continuamos como técnicos desportivos, mas ministrando aula no posto de Educação Física. Era uma situação bem esdrúxula, porque você, como técnico, dando aula no curso de graduação, até que houve um concurso.

Eu passei e continuei ainda como técnica desportiva uma época. Era esquisita essa situação, não só para mim, mas para quase todos os professores do então Departamento de Educação Física. Depois, a gente passou a professor colaborador.

F.A.G.: Nem era departamento ainda quando a senhora chegou, certo?

S.C.E.P.: É isso mesmo.

F.A.G.: Que matéria a senhora ministrou?

S.C.E.P.: Eu comecei com Didática da Educação Física no curso de graduação. Eu dava aula na Prática Desportiva e trabalhava principalmente com Natação, mas, na graduação, que é o que te interessa, eu comecei com Didática da Educação Física e depois eu passei para Didática da Educação Física e Estágio Supervisionado. Fiquei muitos anos trabalhando com estágio, depois eu fui para São Paulo, fiz mestrado na USP e, quando eu voltei, passei a trabalhar com Aprendizagem Motora e Estágio.

F.A.G.: Como era a estrutura do currículo quando a senhora entrou? Como as matérias eram organizadas?

S.C.E.P.: Era por matéria mesmo. Tinha um currículo mínimo, que eu não me lembro mais qual era, mas você encontra em qualquer arquivo da universidade. A organização era essa. O currículo mínimo e depois uma série de disciplinas por semestre, onde eram incluídas as disciplinas optativas e as disciplinas obrigatórias. Ainda, como parece que é até hoje, as disciplinas eram feitas no Departamento de Educação Física e em outros departamentos da Universidade de Brasília. Parece que hoje é assim também. Por exemplo, Psicologia da Educação se fazia na Faculdade de Educação junto com os alunos da Educação e de outros cursos também.

F.A.G.: Havia, na época, alguma predominância, por exemplo, das matérias...?

S.C.E.P.: Havia uma predominância, de matérias como Voleibol, de Basquete, de Atletismo, de Natação... Havia uma predominância técnica, mas havia também um grupo que já trabalhava muito com essa questão pedagógica. Isso levou muitos de nós, como Cantarino eu Laura e outros professores a se envolverem com estudos dentro da própria Universidade. Eu, por exemplo, fiz várias matérias na Faculdade de Educação, fiz várias matérias já do mestrado como aluno especial na Psicologia, na Educação. Assim como o professor Cantarino e a Professora Laura. mas o conteúdo era esse. No início do curso, pode-se dizer que havia uma predominância técnica, mas eu acho que, logo em seguida – eu não me lembro muito bem datas, faz muito tempo –, já houve uma reviravolta na prática pedagógica do corpo docente para uma tendência pedagógica bem acentuada. Nessa época, a gente já entendia que não estava formando o técnico de desporto, não estava formando o jogador de voleibol, a gente estava formando o professor de Voleibol, o professor de Basquete...

F.A.G.: A senhora foi organizadora de um livro – *Educação Física e Esporte na Universidade*; qual foi a intenção de publicar esse livro? Porque reuniu vários nomes da Educação Física no Brasil (inint) [00:06:02] vários olhares diferentes, vários olhares sobre a Educação Física mesmo.

S.C.E.P.: Na época, a gente sentia, inclusive eu sinto até hoje, mas a gente sentia mais ainda uma falta de fundamentação teórica dos professores de Educação Física em geral. Eu fui requisitada para o SEED/MEC e surgiu então a oportunidade de desenvolver esse projeto. O objetivo foi exatamente o que parece que eu falo na introdução, oferecer um referencial teórico para que o professor de Educação Física pudesse explicar a sua prática pedagógica, para que ele soubesse o que, por que, onde, em que momento ele estava trabalhando e pudesse explicar aquele tipo de trabalho que ele fazia. Foi esse objetivo, parece que eu falo isso na introdução, nem me lembro mais.

F.A.G.: A senhora observa na UnB se houve alguma preferência por alguma abordagem da Educação Física, porque o conhecimento da Educação Física perpassa a tendência pedagógica escolar sobre ela, a senhora vê alguma opção do corpo docente?

S.C.E.P.: Eu vejo. Nessa época, já havia e, agora, eu percebo isso. Por exemplo, outro dia, eu fui a uma reunião de currículo e percebi muito evidente essa visão. A tendência da Psicomotricidade dominou muito tempo o departamento. Até hoje, tem os seguidores veementes dela. Com a nossa vinda de São Paulo, quando terminamos o mestrado, trouxemos a abordagem desenvolvimentista, que foi a que fundamentou nosso estudo. Naquela época, começou-se a ver a defesa dessas duas abordagens, e o social também predominou durante muito tempo. Então começou a discussão entre dois grupos no departamento. Naquela época, começou-se a ver a defesa dessas duas abordagens, e o social também predominou durante muito tempo. Eu acho interessante que a Educação Física, para mim, tem nitidamente umas épocas. Uma época em que o movimento, a performance e o resultado... Independentemente até do que poderia acontecer. Depois, revoltados com isso, surgiu uma corrente social, tudo pelo social. Nessa época, eu me lembro que, em uma reunião de colegiado, eu falei: “Gente, daqui a pouco vai ser um pecado mortal se falar em movimento dentre desse departamento, só se tem que falar no social”. Realmente, as pessoas delegavam o estudo do movimento a um plano muito secundário, era o movimento a favor de alguma coisa. Educação Física estava sempre a favor do social, a favor da educação, sempre como um meio em si, e veio a abordagem desenvolvimentista, que foi muito mal interpretada às vezes, porque começaram a dizer que nós estávamos voltando a defender o movimento a qualquer custo, resultado a qualquer custo, só preocupação com a performance, e não é, de maneira alguma, mas também incluindo Mas a proposta não era esta, e sim considerar o movimento humano como objeto de estudo da Educação Física. É um movimento humano e não um movimento para aprender Matemática, um movimento para aprender História, um movimento para aprender Geografia, mas o movimento como um fim da Educação Física, considerando todas as características de crescimento, de desenvolvimento do ser humano. Então, não é o resultado a qualquer custo, mas é o desenvolvimento da qualidade do movimento, levando em consideração todos esses aspectos de crescimento, de desenvolvimento, em que época o ser humano está, como a criança cresce, como ela se desenvolve em seu aspecto cognitivo, afetivo e motor.

F.A.G.: As primeiras especializações foram da senhora, do professor Iran?

S.C.E.P.: Bom, vamos dizer assim: pós-graduação, especialização, mestrado e doutorado. Especializações a gente tentava fazer onde estava, porque não tinha nada na UnB para a gente fazer. Eu me lembro que a minha primeira especialização foi em Ciências do Esporte. A ESEFEGO de Goiânia ofereceu, o curso foi dado no CEUB e eu fiz esse curso no CEUB, Ciências do Esporte. Depois, eu não me lembro outros professores que fizeram especializações, mas nós fomos procurando o conhecimento de qualquer forma, onde aparecesse nós estávamos, não só eu como todos os professores daquela época. Os primeiros que saíram para o mestrado fomos nós: eu, o Iran e, depois, o Alcir, o Riehl e, daí para frente, todo mundo. Aliás, o primeiro foi o Cantarino, ele fez na Faculdade de Educação, na UnB. Foi o único que conseguiu fazer na UnB, porque, naquela época, os mestrados, até da UnB e de todas as faculdades, universidades federais, eles, veladamente, eram montados para qualificar as pessoas do seu local. Por exemplo, a Faculdade de Educação montou o mestrado para qualificar os professores da Faculdade de Educação, e na USP também, a Faculdade de Educação Física montou mestrado para qualificar seus próprios professores de Educação Física. Então, era muito difícil alguém de fora entrar. A gente tentava, tentava... O Cantarino tentou várias vezes até conseguir entrar na Faculdade de Educação aqui na UnB. Depois, a gente começou a sair. Eu fui, fiz o concurso lá na USP, consegui passar, o Iran também. Fomos os primeiros que conseguiram passar na USP, porque eles já tinham até qualificado quase todos os professores. Eu e o Iran, que saímos primeiro, o Alcir acho que saiu logo em seguida, o Riehl, também, ou saímos todos juntos, não sei, não me lembro muito bem se fomos os quatro juntos ou se fomos o Iran e eu o primeiro e, depois, foram o Alcir e o Riehl, não me lembro muito bem, mas eu fui primeiro.

F.A.G.: De certa forma, era até difícil de os professores saírem, porque a grade horária deles era muito grande.

S.C.E.P.: Era difícilimo sair, porque, quando a gente saía, alguém tinha que assumir o nosso trabalho, então os professores tiveram um papel muito importante na nossa formação, que foi esse, eles assumiram a nossa carga horária para que nós pudéssemos sair. A outra dificuldade, para mim extremamente difícil, foi que, naquela época, cortava-se o salário do professor para ele poder sair. Castigo... Hoje, dá-se bolsa. A gente tinha o salário cortado. Eu me lembro que, nessa época, eu me lembro muito bem, eu ganhava seiscentos reais, era um dinheirão. Seiscentos reais não, seiscentos mil não sei o que, nem me lembro a moeda que era na época. Eu saí ganhando cento e pouquinho, então meu marido teve que assumir a família inteira com o salário dele na UnB que, naquela época, era até muito bom, ele teve que assumir todos os ônus da família para que eu pudesse sair para o mestrado. Então, o mestrado... A gente ficou devendo demais. Ficou devendo para os professores que assumiram a carga da gente, para a família, e foi muito sofrido mesmo nosso processo de qualificação. Era muito difícil fazer esse mestrado. Os professores exigiam demais, era um doutorado de hoje. As teses de doutorado da UnB hoje não chegam perto das teses da nossa época na USP, porque foi muito difícil nossa qualificação. A literatura

toda em língua estrangeira e, na minha banca, tinha um professor da Psicologia, Fernando Lomônaco, que disse para mim: “A sua tese não é de mestrado, é de doutorado”. É claro que respeitando todas as proporções da época, “1800 e antigamente”, quer dizer, 1980 e poucos, mas foi isso. Mas a gente só saiu com o mestrado mesmo.

F.A.G.: Lá na UnB, a senhora percebe que a escola é meio deixada de lado pelos professores? Ela é o principal objeto de estudo? Como a senhora vê a escola, os vários ramos que tem, que a Educação Física trata? A escola, você acha que ela...?

S.C.E.P.: Hoje? É difícil, para mim, ter uma visão, porque eu não estou lá dentro. Falar disso é meio complicado. Eu não sei como eu te responderia essa pergunta.

F.A.G.: Quando a senhora era professora da UnB, se a escola era o objeto de estudo, era o norte do currículo ou se... A formação dos professores...

S.C.E.P.: A formação dos professores ou se a escola de ensino básico era o norte do curso? Se os professores trabalhavam para colocar seus alunos na escola ou nas academias? Eu percebo que, na minha época, era muito para colocar na escola mesmo. A gente fazia um estágio supervisionado todo baseado na escola, fazia um estágio nas escolas mesmo – a gente ia para uma escola da Fundação e lá nós fazíamos o estágio. Eu, pelo menos, percebo, se considerar o estágio, que era para a escola.

F.A.G.: Havia uma intenção do corpo docente também nessa formação da escola?

S.C.E.P.: Parece que sim.

F.A.G.: Os acadêmicos também ou não?

S.C.E.P.: Na época em que eu trabalhava, os alunos tinham muito interesse pela escola. Eu sempre conversei muito com os alunos, e eles sempre se formavam pensando em fazer o concurso para, na época era a Fundação Educacional, hoje Secretaria de Educação, eles faziam o curso pensando em se formar e trabalhar na Fundação Educacional. É lógico que trabalhavam em academias também, trabalhavam onde houvesse o mercado para eles. O mercado era bem amplo, então eles trabalhavam em todos os lugares, mas o principal objetivo, do que eu me lembro, era fazer concurso para a Fundação Educacional e ser professor da Fundação Educacional. Se você fizer uma pesquisa hoje, vai ver que nossos alunos, não vou dizer todos, porque é muito comprometedor, mas os que eu conheço estão todos na Fundação Educacional. Os que estão fora de Brasília, os mais antigos, da minha época, estão nas escolas ou estão em cargos de direção da escola, como a Secretaria de Educação. Só complementando, interesse por academia também havia e não havia preocupação nenhuma em relação à formação específica, porque... Parece que agora está havendo um movimento de só trabalhar em escola e de só trabalhar na academia, aquela questão de licenciatura e bacharelado, a UnB está toda se movimentando para isso, mas, naquela época, não, os alunos não se preocupavam muito. Havia dentro do então Departamento de Educação Física as duas formações, porque havia uma linha forte também de Fisiologia Cinesiologia, Biomecânica, havia professores fortes nessas áreas também. Então, a gente não pode dizer que a formação era só... Eu digo isso, porque eu acho que o professor tem que ser formado em todos esses níveis. Não é porque ele está na escola que ele não

tem que saber Anatomia, que ele não tem que saber Fisiologia, que ele não tem que saber essas matérias. Ele tem que saber e muito. O professor, em qualquer situação que ele está, para mim, ele é professor. É uma discussão antiga, mas eu considero que em qualquer situação que ele esteja, ele é professor e ele tem que ter uma sólida formação não só na área pedagógica como também nessa outra área chamada Biomédica. Não é por que está na academia que tem que saber Fisiologia não, ele está na escola, ele tem que saber muito Fisiologia também.

F.A.G.: Dos vários professores que estão lá que foram ex-estudantes, muitos estão em caminhos diferentes também. O professor Juarez, o professor Ronaldo, professor (inint) [00:20:36], eles estão voltados mais para a escola, mas tem a Professora Keila, o professor Jake que estão mais voltados para...

S.C.E.P.: São os mesmos professores da minha época. Quer dizer, a Rosana foi minha aluna, o Juarez foi meu aluno... Quem mais que está lá?

F.A.G.: Jorge, Alexandre...

S.C.E.P.: O Alexandre foi meu aluno. Você vê que eles têm uma fundamentação teórica nas duas áreas, uns mais na área pedagógica, mas eles têm uma boa formação para atuar em qualquer mercado, eu acredito. É, por isso, que eu acho esse negócio de bacharelado e licenciatura, essa discussão ferrenha que já data de muito tempo, desde a minha época de mestrado. O professor José Guilmar Mariz, que até escreve no livro coordenado por mim, ele já discutiu a questão do bacharelado, mas eu acho uma discussão meio que vazia, porque, qualquer ambiente em que o professor esteja, ele é professor, isso parece meio chavão, porque eles vão falar: “Porque a Solange é antiga e está fora da universidade que está dizendo isso”. Não é, ele é professor, ele tem que ter a responsabilidade de professor e ele tem que saber tudo que diz respeito a movimento, interferências no movimento. Não é porque é na escola ou na academia que tem que ser diferente. Aprofundar mais o conhecimento. Se ele tem uma base teórica em Fisiologia, Anatomia, tudo que diz respeito à escola, quando ele vai para academia, ele vai se aprofundar, vai estudar, vai fazer uma especialização, como muitos estão fazendo. Aliás, os alunos hoje estão procurando. Como os professores de Educação Física do Departamento da UnB procuravam formação, especialização e aprofundamento, hoje eu vejo todos os alunos falando em se formar e fazer especialização, em se formar e fazer mestrado.

Construção e vista aérea do Centro Olímpico (CO): campo de futebol, pista de atletismo e operários, além de um caminhão. Ao fundo, cerca e árvores.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-14>.

5. Professor Alcir Braga Sanches (A.B.S.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

A.B.S.: Eu me formei na Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás no ano de 1972. Fiz licenciatura em Educação Física nessa escola em Goiânia.

F.A.G.: Como o senhor veio para cá?

A.B.S.: Então, na época, em 1973, a Universidade de Brasília realizou um concurso público de âmbito nacional, com o objetivo de fazer a contratação de professores para criar o Departamento de Educação Física na Universidade de Brasília.

F.A.G.: O senhor sabe como surgiu a ideia do concurso aqui?

A.B.S.: A Educação Física na universidade ingressou inicialmente por meio da prestação de serviços à comunidade feita pelo Decanato de Assuntos Comunitários. Havia também uma necessidade de atender à legislação que, naquele momento, tornava obrigatória a prática da Educação Física em todo os níveis e graus da escolaridade. Então, todas as escolas superiores e todas as universidades foram compelidas a criar a Prática Desportiva para atender a todos os seus alunos, até a Educação Física no terceiro grau. A partir daí, construíram o Centro Olímpico e veio a ideia de criar um curso de formação de professores na área de Educação Física. Para isso, precisavam contratar professores para criar um departamento.

F.A.G.: Tinha prova específica?

A.B.S.: Inicialmente, veio o grupo de professores, foi criado o departamento, implantou-se o primeiro currículo de Educação Física na universidade, o primeiro curso com o currículo de então. Os primeiros concursos... Para os primeiros vestibulares havia prova específica. O candidato, além da prova de conhecimento que ele tinha que fazer, fazia uma prova de habilitação específica.

F.A.G.: O primeiro currículo como foi montado, as matérias?

A.B.S.: O primeiro currículo tinha uma grande influência da Educação Física que era chamada de Educação Física tecnicista, muito em voga nos anos 1970, porque, se não me falha a memória, a resolução que regulamentava a Educação, a nº 69 de 1969, tinha essa ideia de currículo muito direcionada à formação de tecnicista, muito criticada nos anos 1980.

F.A.G.: Tinham mais matérias relacionadas ao esporte?

A.B.S.: Tinha matéria relacionada a esporte, não é que hoje tenha menos. Acontece que o método, o enfoque no curso de formação era realmente voltado para a formação não do professor, mas para ensinar a fazer. Fazer o quê? Executar habilidades esportivas. Com as avaliações dos cursos, os alunos tinham que nadar, correr, saltar – os alunos do curso de Educação Física, os futuros professores. Eles eram avaliados pelas habilidades que eles tinham, pelo desenvolvimento das técnicas, dos fundamentos esportivos, isso mudou muito.

F.A.G.: Você acha que tirar a prova específica foi consequência?

A.B.S.: Na época do processo de solicitação de retirada da habilitação específica – inclusive eu estava na coordenação de graduação, eu fui o relator do processo nos órgãos colegiados –, a argumentação da retirada da habilidade específica era exatamente que ela media habilidades que não eram habilidades próprias do professor. O que nós deveríamos fazer era ensinar a ensinar, a formação que nós tínhamos que dar era de ensinar ele a ensinar.

F.A.G.: O curso começou como faculdade?

A.B.S.: Começou como Departamento de Educação Física. Na verdade, antes da criação do departamento, a Educação Física começou na UnB como serviço vinculado ao Decanato de Assuntos Comunitários. Se não me engano, era serviço de recreação e esportes, lá no Decanato de Assuntos Comunitários, que ficava na Administração Central. Depois, foi criado o departamento, em 1974, e, em 1977, foi criada a faculdade.

F.A.G.: Como foi esse espaço de tempo de criação da faculdade que demorou esse tempo todo?

A.B.S.: A estrutura da Educação Física no país vai variando de acordo com o local e com as instituições. Então, ela começou, na maioria das instituições, como departamento e foi crescendo e se transformando. Em alguns lugares ainda, em algumas universidades federais, talvez eu dissesse que em poucas, eu não sei quantificar exatamente como fica essa questão de departamento e faculdade, não é em todo lugar que a unidade de Educação Física na universidade é uma faculdade, foi um pulo que nós demos. Por exemplo, na Universidade de São Paulo, que é um dos cursos mais importantes do país, lá é uma Escola de Educação Física, não é uma unidade maior, é uma escola, como se fosse uma espécie de departamento dentro da estrutura da USP, Universidade de São Paulo.

F.A.G.: Você foi diretor do departamento?

A.B.S.: Eu fui chefe do departamento em dois mandatos: em 1979 e em 1983.

F.A.G.: Foi tranquilo?

A.B.S.: Naquela época, era um período de muito movimento político dentro da universidade. Foi na época da ditadura. Um pouco complicado ser chefe de departamento, porque era um cargo vinculado à reitoria. O chefe era nomeado pelo reitor, então o chefe estava vinculado ao reitor. Era meio complicado, muito movimento, muita resistência, muita divergência interna.

F.A.G.: Os estudantes também?

A.B.S.: Os estudantes, principalmente. Muita greve, muita invasão do campus com polícia, a sociedade tinha uma razão muito forte que alimentava os argumentos.

F.A.G.: O curso chegou a ter monografia?

A.B.S.: Nunca teve monografia, esse é um problema.

F.A.G.: Você acha que deveria ter?

A.B.S.: Eu acho que deveria ter. É um exercício muito... Quando nós mudamos da formação tecnicista para a formação mais acadêmica, deveríamos ter, na época, incluído essa questão da monografia, trabalho final de curso, mas a Resolução nº 13/1987, que veio substituir a Resolução nº 69/1969, não obrigava. Alguns cursos incluíram o trabalho final de curso dentro dos seus currículos, mas nós não, permanecemos sem esse trabalho.

F.A.G.: Em 1987, teve a possibilidade de ter um novo currículo?

A.B.S.: Em 1987, foi implantado um novo currículo. Surgiu uma resolução nova, a Resolução nº 13/1987, que substituiu a Resolução nº 69/1969, e a Educação Física, inclusive, é pioneira no Brasil, porque essa Resolução nº 13/1987 foi considerada um avanço dentro do Conselho, o então Conselho Federal de Educação. Foi o primeiro curso que quebrou aquela ideia de currículo mínimo.

F.A.G.: E a posição da Educação Física da UnB?

A.B.S.: Em relação a...

F.A.G.: Monta um novo currículo, mantém?

A.B.S.: Não. Montou-se um novo currículo, de acordo com a Resolução nº 13/1987, e é o currículo que prevalece até hoje.

F.A.G.: Tem a opção do bacharelado também.

A.B.S.: A opção do bacharelado, na época, nasceu morta dentro da resolução, porque ela permitia ao licenciado tudo, e ao bacharelado só permitia que ele atuasse na área de formação dele. A licenciatura podendo tudo, qual a escola que iria montar um bacharelado?

F.A.G.: Agora, com essas novas diretrizes, você acha que vai poder?

A.B.S.: Com as novas diretrizes, vai poder, inclusive nós estamos no caminho de fazer uma reformulação, provavelmente com os dois campos de formação aqui na UnB. Essa proposta deverá surgir, nós temos o prazo até setembro do ano que vem para poder fazer essa alteração.

F.A.G.: Em relação aos outros cursos daqui da área de Brasília, tinha muita...?

A.B.S.: Inicialmente, nós tínhamos só a Faculdade Dom Bosco, que tinha o curso de formação de professores que começou um pouquinho depois do nosso. Durante muito tempo, foram só esses dois cursos. Agora, a partir de 1998, depois de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nova LDB, com o estímulo do governo federal à ampliação de vagas no curso superior, começaram a surgir muitos cursos, outras instituições oferecendo o curso de Educação Física. Agora, nós temos Alvorada, Unip, Católica – antiga Dom Bosco que virou Católica –, um outro curso agora que está me falhando o nome, mas temos quatro ou cinco cursos de formação de professor só dentro do Distrito Federal.

F.A.G.: Você acha que está atendendo à demanda?

A.B.S.: A demanda, quer dizer, está cada vez mais difícil para o formando conseguir emprego. Está muito além da demanda. Houve um tempo, no começo, nos anos 1970, em que era muito mais fácil ter concurso com mais frequência feito pela Fundação Educacional, porque era um bom empregador ainda, em termos do Distrito Federal, e essa coisa vai se fechando cada vez mais. O pessoal hoje está muito voltado para a prestação de serviços em instituições privadas de várias naturezas e, especialmente, nas academias, que é uma grande ilusão para o formando. Para mim, é um mercado muito restrito em oportunidades.

F.A.G.: No começo do curso, para onde que iam os formandos?

A.B.S.: A maioria ia para a Fundação Educacional ser professor em escola. O *boom* das academias veio nos anos 1990.

F.A.G.: Também aconteceu o retorno de muitos estudantes que voltaram a ser professores aqui na UnB.

A.B.S.: No nosso caso aqui, hoje, professores que não são os mais novos, jovens, a maioria é de ex-alunos nossos, formados aqui por nós.

F.A.G.: Como foi essa abertura? Porque antes, acho que até na UnB, tinha uma política de convidar os professores. A Educação Física abriu concurso?

A.B.S.: O que aconteceu foi o seguinte: nós começamos a abrir concursos. A grande dificuldade de um concurso é atrair gente de fora, porque, a partir de um determinado momento, todas as universidades do país, em termos de salário, foram todas igualadas, a chamada “paridade”. A paridade igualou todo mundo. Então, o sujeito não vai sair da sua cidade, do local onde se formou, onde vive, para vir a Brasília, que é uma cidade onde o custo de vida é muito elevado, para ganhar o mesmo salário que ganharia lá, e a universidade não oferece nenhuma vantagem. Então, o que aconteceu? Os nossos ex-alunos passaram a fazer os concursos e a serem aprovados nos concursos e a entrarem na instituição, passando a ser nossos professores.

F.A.G.: Professor, a produção científica aqui da Educação Física no período da ditadura, como era?

A.B.S.: No período da ditadura, a formação na Educação Física era muito mais ligada realmente ao esporte, e não havia uma cultura de pesquisa nos cursos em geral. A partir da Resolução nº 13/1987, de 1987 para cá, é que passou a se exigir, na formação do aluno, uma iniciação à ciência, científica, mudando aquela ideia daquele que faz e executa

a habilidade esportiva para aquele que pensa em como ele deve trabalhar, pensa em querer conhecer o meio, querer fazer pesquisa, em suma, desenvolvendo a curiosidade no formando de Educação Física. Agora, no início dos anos 1980, foi formado um grande número de professores brasileiros no exterior – os primeiros que saíram foram para doutorado – e, quando retornaram, no início de 1983, por aí, começaram então a se formar os cursos de mestrado e doutorado pelo país, os primeiros na Universidade de São Paulo, em Santa Maria, e começaram a proliferar os cursos de mestrado e doutorado, que era exatamente a forma como a Educação Física encontrou para produzir, produção acadêmica e científica, que estava muito concentrada nos cursos de pós-graduação.

F.A.G.: O senhor identifica que, a partir de 1987, começaram a vir os alunos para dar aula?

A.B.S.: Foi por aí, em 1986, 1987, com Jake, Keila, essa turma. A partir daí começou então (inint) [00:19:21].

F.A.G.: Aqui na UnB, já tinha o espaço físico para o curso?

A.B.S.: O espaço sempre foi esse. O Centro Olímpico já foi criado, houve uma melhora muito boa na administração do professor Iran, a partir de 1994, mas esse Centro Olímpico inclusive tem uma história a se confirmar – eu ouvi, mas não vi papel nenhum –, de que a ideia do governo militar, na época, era criar em Brasília um Centro Nacional de Treinamento para trazer para Brasília o treinamento de todas as equipes representativas do Brasil para Olimpíadas, competições internacionais, mas essa ideia acabou não vingando e eles começaram a construir o Centro Olímpico. Eles tinham intenção de vincular isso a uma universidade. Era época do milagre econômico – 1971, 1972 e 1973 –, então construíram o Centro Olímpico, essa pista de atletismo que nós temos abandonada já foi uma das melhores do país. Aqui, nós vimos competições em âmbito nacional e internacional, na década de 1970 – 1975, 1976 – até o início dos anos 1980, muito importantes.

F.A.G.: Os alunos acompanhavam, nesse período, e praticavam mais, o esporte era mais representativo para os alunos.

A.B.S.: É porque, no começo, nós tínhamos poucas instituições de ensino superior em Brasília. Realmente, nós tínhamos aqui a elite do esporte na Universidade de Brasília. Os meninos, os melhores jogadores das diferentes modalidades, a maioria deles era aluno aqui da universidade. Então, jogos, no Distrito federal, a gente ganhava todos. Agora, a gente precisa ganhar alguma coisa.

F.A.G.: Os professores eram vinculados à Atlética da universidade?

A.B.S.: O que aconteceu é que, no começo, nós tínhamos uma federação aqui que era a Federação... A FAUNB atual – o “n” do UnB, que no começo era minúsculo – então era Federação Atlética Universidade de Brasília (FAUnB). Depois, quando começou a aumentar muito o número de instituições, essa federação necessitou fazer mudança para que ela representasse o Distrito Federal. Virou Federação Atlética Universitários de Brasília, alguma coisa assim, manteve a sigla, o “n” ficou grande. Então, havia uma vinculação dos professores da faculdade com a Federação Atlética, tanto é que nós chegamos aqui

e todos éramos treinadores das equipes da universidade, dentro daquela visão de professores treinadores. Nós treinávamos as equipes, levávamos para as competições nacionais em universidades brasileiras, universidades do Distrito Federal... A federação funcionava aqui dentro da universidade.

F.A.G.: Professor, você está aqui há...?

A.B.S.: Trinta anos, quase 31.

F.A.G.: Como é que você vê o curso, essa trajetória?

A.B.S.: Olha, todos nós fomos crescendo aqui dentro, inclusive os mais antigos, e os mais novos trouxeram sangue novo e vieram também com uma bagagem e uma formação muito boa. Dentre os alunos que nós tínhamos, nós realmente selecionamos os melhores entre os que se candidataram às vagas. Todos eles que estão aqui dentro sempre foram alunos destaque dentro do então Departamento de Educação Física. Agora, eu acho que a gente tem que... É um caminho, é um processo, a gente tem que melhorar sempre, está sempre faltando alguma coisa. Eu acho que, na medida em que a gente vai associando o ensino, a extensão e a pesquisa, na medida em que a gente vai amadurecendo esse projeto, é uma coisa que, de médio a longo prazo, a gente vai melhorando cada vez mais. No país, nós não temos a tradição (inint) [00:24:42].

F.A.G.: No começo do curso, eram trabalhadas pesquisa e extensão?

A.B.S.: Não. Era mais ensino, dentro daquela ideia da formação tecnicista, e os professores foram melhorando a sua formação, a sua qualificação e a coisa foi, aos poucos, crescendo. A partir do início dos anos 1990, os mesmos professores que saíram para mestrado e doutorado começaram a voltar. Agora, mais recentemente, voltou o Cesar, o Iran foi e voltou em 2004 – 2004 não (inint) [00:25:47] –, e nós também começamos a implantar as pós-graduações *lato sensu*, os professores começaram a atuar muito na orientação de alunos e em monografias de cursos de especialização. Isso poderia estar bem melhor se nós já tivéssemos adotado o trabalho final de curso desde sempre, lá em 1987, 1988, 1989. Esse currículo que nós estamos (inint) [00:26:23] foi implantado em 1988, 1989, por aí.

F.A.G.: O senhor disse que teve uma época em que o pessoal da Educação Física foi para fora fazer mestrado e doutorado. A UnB foi contemplada com algum desses professores?

A.B.S.: Não, nenhum, porque não saiu nenhum daqui na época. Poderia até ter saído, mas não saiu. Eu sei que houve umas tentativas por parte de alguns professores, na época, de sair, mas não conseguiram. Como sempre, tem aquela impressão de que as Regiões Sudeste e Sul foram privilegiadas no primeiro momento e foram então mais professores de São Paulo, do Rio Grande do Sul. Na época, foi um aqui de Brasília que não pertencia à UnB e, hoje em dia, não é nem professor universitário. Não foi ninguém daqui da UnB. Isso, provavelmente, retardou um pouquinho esse processo nosso.

F.A.G.: O professor Vilmar...

A.B.S.: O Vilmar entrou aqui em 1989.

F.A.G.: Ele já tinha uma especialização?

A.B.S.: Não. O Vilmar foi o primeiro professor de fora, pós-graduado, contratado por nós. Ele era da área de Fisiologia e ele fez um mestrado na universidade em Pernambuco e veio para cá em 1979. A vinda dele foi muito importante, porque, inclusive, nós criamos o primeiro curso de especialização em 1983, o que foi muito bom naquela época, e ali surgiram os primeiros trabalhos de pós-graduação feitos aqui, por professores aqui da faculdade. Eles fizeram o curso, inclusive eu fiz o Curso de Especialização em Fisiologia do Exercício na época, aqui oferecido por nós.

F.A.G.: Tem a Professora Vera (inint) [00:29:17].

A.B.S.: A Professora Vera teve um papel muito importante aqui conosco. Ela também já era pós-graduada – ela veio um pouco mais tarde, era da época de 1985, 1986, acho que ela esteve conosco aqui entre 1986 e 1989, 1990, no máximo. Foi ela – inclusive, na época, era coordenadora de graduação – que fez essa reforma curricular que deu um grande salto, baseada nessa resolução de 1987, uma grande contribuição. Na época, nós tivemos bastante... Houve uma mexida boa, porque ela trouxe sangue novo, ideias novas, instigou muito e estimulou o pessoal a se mexer, a trabalhar nessa área de pesquisa, então foi importante a atuação dela, marcante.

F.A.G.: A professora que recentemente faleceu, a Laura...

A.B.S.: A Professora Laura era uma pioneira, uma fundadora, muito querida. Uma professora que foi muito importante para nós, porque ela era muito querida pelos alunos e ministrava uma disciplina de início de curso, a Ginástica, e, na época, ela abria a porta do curso para os alunos. Dava, inclusive, noções muito boas para a atuação profissional dos ingressantes e dava umas pinceladas de iniciação para despertar a curiosidade acadêmica dos estudantes.

F.A.G.: Quem o senhor identifica como os primeiros que vieram dar aula?

A.B.S.: São realmente os pioneiros... (inint) [00:32:00]. Tudo isso que nós temos aqui agora.

F.A.G.: No primeiro concurso, quais foram os professores que vieram para cá?

A.B.S.: Na época? Eram sete professores. Veio o Cantarino, que é nosso primeiro, o líder de pessoal de fora, o Riehl, a Maria Rute, eu, a Maria Helena, a Laura e o Sílcio. Eram sete professores os primeiros.

F.A.G.: O professor Iran...

A.B.S.: O Iran também veio junto, logo em seguida desses, questão de dias. O processo do professor Iran foi um pouco diferente, mas ele veio na mesma época.

F.A.G.: Vocês tinham o curso pronto ou vocês começaram a formar?

A.B.S.: Não, o curso não estava... Antes desse grupo que chegou, tinha um grupo aqui dentro, exatamente esse pessoal de 1969 vinculado à DAC. Ainda temos hoje, como remanescentes desse período, o professor William, professor Renato, Professora Solange, todos professores novos, a Professora Maria Rute... Todos esses fizeram concurso, mas quem obteve classificação para ser contratado inicialmente como professores colaboradores foram esses primeiros, que depois então passaram a ser professores do quadro e não

professores assistentes. Os outros foram o pessoal que começou esse processo ministrando aulas de Prática Desportiva para a universidade no então Serviço de Recreação e Desporto, no Decanato de Assuntos Comunitários.

F.A.G.: Vocês vieram para cá e continuaram o processo de formar o curso?

A.B.S.: Esse grupo veio aqui exatamente para criar... A primeira coisa que eles tinham que ter era um corpo docente, formar um grupo de professores, porque esse pessoal aqui era considerado um pessoal técnico administrativo. Precisava de um corpo de professores. Criaram o corpo de professores e abriu-se a condição de ser criado o então Departamento de Educação Física.

F.A.G.: Professor, tem algo que queira falar sobre o curso?

A.B.S.: Não. Eu diria que, ao longo desse tempo todo, nós tivemos algumas lideranças muito importantes, como a do Cantarino. Nosso primeiro chefe foi o Coronel Bettero, que era então militar do Exército e, depois, foi chamado à Universidade de Brasília. Na época, o governo era militar, o reitor era militar e então trouxe um militar para poder... Ele estava vinculado à reitoria e tinha, vamos dizer assim, o apoio da reitoria para fazer esse trabalho. No primeiro momento, ele recebeu apoio dos professores – que eram professores, mas que eram técnicos administrativos –, mas que, com o decorrer do processo... Eles começaram a fazer algumas coisas no caminho de apresentar um projeto de formação de professores, mas, nesse caminho, teve o concurso. O concurso então contratou os professores e esses professores assumiram esse trabalho, essa tarefa. O primeiro líder que surgiu no grupo foi o professor Cantarino, que liderou tudo.

F.A.G.: O Coronel Bettero foi o primeiro chefe e depois veio o Cantarino. O que aconteceu com ele, saiu?

A.B.S.: O Cantarino teve dois mandatos e não podia ser reconduzido a mais um mandato, aí eu entrei de 1979 a 1983.

F.A.G.: Eu digo o Coronel Bettero, ele saiu?

A.B.S.: O Coronel Bettero resolveu ir embora. Na época, ele foi para a reserva, tinha que tratar de interesses familiares e foi para o Espírito Santo. Ele abandonou... Está vivo e produz até hoje.

F.A.G.: Pode-se dizer que ele teve alguma (inint) [00:06:17] com o que os professores faziam?

A.B.S.: Ele tinha um projeto em mente. O projeto dele estava de acordo com... O projeto da Educação Física na universidade era um projeto que pertencia à Universidade de Brasília sob comando da Reitoria. Havia uma visão tecnicista muito forte, era a visão da época mesmo. A ideia da Educação Física é exatamente que é uma fábrica de sorrisos. Ele, inclusive, usava uma expressão desse tipo (inint) [00:07:06]. Não havia essa ideia mais acadêmica. Essa ideia acadêmica é mais recente.

Construção do Centro Olímpico (CO). Vista aérea da entrada do vestiário do CO durante construção, com operários trabalhando. Ao fundo, campo de futebol.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00038-13>.

6. Professora Maria Helena Siqueira (*in memoriam*) (M.H.S.)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

F.A.G.: Onde foi o seu curso de formação, professora?

M.H.S.: Foi em Goiás, em 1962, 1965. Fiz Educação Física.

F.A.G.: Em que período a senhora começou na UnB?

M.H.S.: Em 1974. Foi um concurso da época.

F.A.G.: Que matérias a senhora ministrou?

M.H.S.: Voleibol, um pouquinho de Basquete e depois Estágio. Todos nós trabalhamos na Prática Desportiva.

F.A.G.: Como era a estrutura curricular na época, (inint) [00:00:56] a maioria das disciplinas?

M.H.S.: No começo, em todo o Brasil, eram matérias mais práticas. Muita prática e algumas disciplinas da área biológica, didática, mas pouca coisa. Na UnB, já tinha mais conteúdo, (inint) [00:01:23] outros departamentos... O conhecimento era muito pouco da Educação Física, no mundo todo. Alemanha, França já tinham um conteúdo mais profundo, mas o resto do mundo tinha muito pouco conteúdo. Então, não tinha como você buscar,

não tínhamos livros no Brasil e os militares ainda, para atrapalhar, proibiram a importação, acho que de modo geral, mas atingiu os livros também, porque a gente buscava livros, a gente traduzia. Quando eu vim para Brasília, não tinha um único livro no Brasil escrito por brasileiros, tinha um único livro de um militar que eu esqueci o nome dele agora, Luiz Gonçalves, mas era só definição das qualidades físicas e acho que, no mundo, tinha muita pouca coisa para ler, coisas que nós não tínhamos acessos, acredito que, em alguns países, um pouco mais. Então, era mais em cima da prática.

F.A.G.: A senhora deu aula até que período?

M.H.S.: Até 1991, no início de 1991.

F.A.G.: A senhora viu algumas mudanças em alguns períodos?

M.H.S.: Não. Houve muita mudança, porque quando... Essa parte que eu descrevi agora foi quando entramos. Depois, nós mesmos já começamos a valorizar, buscar dentro da própria universidade, em outros departamentos, oferecer as outras disciplinas para complementar. O professor Cantarino foi muito dedicado a estudar essa parte. Depois, houve uma proposta de mudança de currículo e, quando eu saí, era o primeiro ano em que se estava implementando. Foi um currículo muito avançado, pelo menos teoricamente, eu mesma achei que ele era muito avançado para o nosso conhecimento na época. Não sei como funcionou, porque a gente já viu, daquela ideia de muita prática (inint) [00:03:42], a gente começou a ver a necessidade de conhecimento de Filosofia, de Sociologia, um embasamento, uma fundamentação mais ampla e realmente mais verdadeira, porque tudo que a gente faz, a gente às vezes não sabe, mas fazemos dentro de um princípio. De princípios, aliás, que às vezes a gente nem vê que está trabalhando com eles. Isso, para nós, era ainda, no início, muito desconhecido. Depois que nós começamos a refletir também com esse lado político que a universidade passa muito, a gente começa refletir mais, e essa ideia dessa mudança de currículo veio de um grupo de professores que estavam também muito imbuídos da necessidade de ter um ponto de partida mais filosófico. Começou a circular no Brasil essa proposta de mudança, até que conseguiram que realmente fosse discutida uma mudança. Nós fizemos a discussão, montamos um currículo e não sei como funcionou depois. O último ano que eu lecionei foi o ano de começar a entrar nessa ideia desse novo currículo.

F.A.G.: Professora, como você viu as primeiras especializações do corpo docente, os professores que saíram e voltaram com mestrado?

M.H.S.: Olha, era muito complicado fazer alguma coisa nova dentro da universidade. Nós éramos muito limitados, porque, no período militar, as coisas eram muito simplificadas em termos de gastos. Nós tivemos um professor que demorou muitos anos para conseguir dar um curso, o professor Vilmar, mas eu acompanhei a grande luta dele, uma extrema luta para conseguir dar um curso de especialização. Depois, os outros foram voltando, mas em uma época muito tumultuada pela política. Até quando eu saí, houve muita pouca coisa de retorno. Houve um grande retorno na mudança pela divisão da Educação Física pelos próprios professores, mas, em termos de ampliação, de mais cursos, de mais trabalhos,

eu reconheço que era uma coisa muito difícil. Hoje, depois que eu saí, parece que houve muito trabalho com a comunidade. Até essa época, era difícil, porque você tinha que ter um funcionário, tinha que ter mais alguma coisa e não tinha jeito. Então, às vezes, você queria oferecer alguma coisa para a comunidade e não tinha como, porque era tudo muito cercado. Mas eu acredito que depois, eu estou afastada há mais de dez anos, os professores como o Alcir, a Solange, que depois também se aposentou – Solange aposentou pouco depois de mim, mas, de qualquer forma, não interessa (inint) [00:07:04] a Educação Física em um outro local –, tenham realmente dado novo rumo, pelo menos tentado.

F.A.G.: Havia alguma área que, de certa forma, a senhora foi tentada por esses mestres, alguma área da Educação Física?

M.H.S.: O conhecimento talvez mais forte, pelo que eu via em conversas com colegas, que foi uma coisa nova (inint) [00:07:32] Brasil veio como uma coisa muito simples, tentando com dificuldade buscar o conhecimento de outros países, mas veio o conhecimento de uma fundamentação. A gente trabalhava muito em cima de métodos, esporte, mas sem conhecer muito o ser humano, e aí veio a parte que somente o Alcir é especialista e todo esse trabalho em cima da atividade física infantil, (inint) [00:08:07] motora e essa parte também, com toda essa parte política que o Brasil atravessou, a gente começou a ver que a gente sempre trabalha sobre umas determinações que, às vezes, a gente não percebe. Acho que isso também abriu muito a cabeça dos professores, porque foi uma época em que se começou a pensar muito. Mesmo não tendo grande conhecimento de Educação Física, a gente era levado pelo todo a refletir, porque a Educação Física, até então, era de origem militar com todo mundo (inint) [00:08:45] e obedecia a aquela formação. Preocupava-se muito com a parte de morfologia do corpo, tinha uma parte grande da aula que era dedicada a isso, e alguns aspectos também psicológicos que acho que até hoje eles menosprezam e esqueceram, mas que eu vejo o valor dele lá atrás, que era o companheirismo, toda essa parte humanizadora da atividade física, mais socializadora... Aqui, depois partiu muito para a Educação Física em cima do esporte. Com a história das Olimpíadas, ficou muito em cima do esporte, mas, de qualquer maneira, não adianta a gente lutar contra o modismo. Está aí um outro modismo, que é a musculação, a perfeição física.

F.A.G.: A Educação Física, ela sempre formou o licenciado na UnB, até porque não tinha outra carreira a ser feita na universidade. Só depois de 1987 que surgiu um bacharelado. A senhora vê que a escola sempre foi o norte da UnB ou a questão de ter mais disciplinas – de Fisiologia, (inint) [00:10:04] – acabava fazendo com que o acadêmico fosse para outras áreas?

M.H.S.: Não. Eu acho que os nossos alunos sempre valorizaram. Tivemos uma época em que, de modo geral, os alunos fugiram da universidade. Tínhamos pouca procura em vários cursos da UnB, mas acho que os nossos alunos sempre valorizaram. Só que o aluno também valoriza de acordo com o que está presente para ele no mundo. Se é o esporte, é o esporte. Agora, tem todo esse modismo de fazer musculação. Então, de um modo geral, acho que nossos alunos sempre tiveram bastante o idealismo, que eu acho que é o principal.

Não adianta você ter uma boa formação, uma boa escola, se você não tiver essa molinha do idealismo para servir ao seu aluno e fazer o melhor por ele.

F.A.G.: Por parte dos docentes, a senhora percebe que tinham a intenção de formar o professor para a escola?

M.H.S.: Tinha sempre. Até quando eu saí de lá, era em cima de formar o professor para a escola. Era uma discussão grande... Eu era favorável, houve muita resistência a ter principalmente essa separação entre a formação do professor e as outras possíveis formações, porque assim como o mercado... Surge um mercado em um determinado trabalho, surge um interessado, e o aluno vem, não quer nada com aquilo, fica ali se aborrecendo com determinadas disciplinas, com determinadas colocações dos professores, porque ele veio buscar aquele outro conhecimento. Hoje, nós trabalhamos muito em cima da coisa do futuro material. A minha geração foi uma geração mais idealista, porque o jovem também não se preocupava muito com roupas, com carros, era um outro ideal, uma outra cabeça, tinha aquelas preocupações de casar, formar uma família, ter uma profissão, e não havia muito essa busca, pelo menos no meu meio, de muita coisa material. Hoje, não, todo jovem quer ter um carro, um casaco de couro, quer ter muito dinheiro pra gastar nas boas... Então, a gente não via muita profissão com isso, era uma coisa mesclada nos seus ideais de vida: casar, ter a sua moradia, seus filhos, aquela coisa mais simples, pelo menos em... Acho que em todo Brasil, mais nessa parte aqui, Goiás, ainda na época interiorana. Hoje, já acho que o jovem pensa muito no que representa a profissão como retorno material na busca daquelas coisas que hoje tem muito valor para ele. Para você ver, eu fui ter carro depois dos 30 anos, então não estava nem um pouco preocupada em ter carro, só fui buscar um carro quando houve necessidade dele e, até hoje, para mim, um carro só serve para me levar de um lado para o outro, não tem nenhum outro valor além desse, diferente de hoje.

F.A.G.: Professora, como é que a senhora vê... Como surgiu o curso na UnB?

M.H.S.: Na UnB... a Solange talvez tenha falado, porque ela estava lá antes. Me parece que a ideia que eles passaram para nós... Primeiro, eles montaram a Prática Desportiva e, depois que já tinha um grupo de professores fazendo a Prática Desportiva, eles partiram para montar o curso. Foi quando houve o concurso, então sete professores: eu e o Alcir viemos de Goiás; o Lira e outros de Minas; Cantarino, um pouco mais à frente, do Espírito Santo. Trazíamos também um pouquinho de diferença de formação. Essa formação em Minas era uma formação boa. Laura foi uma pessoa muito importante em uma nova ideia de Educação Física para aquela época. A gente ainda vinha muito... Cabeça bem simplificada de esporte, os métodos antigos e ficamos de... Reunimos, o Cantarino era o cabeça, a pessoa que tinha realmente mais competências, mais interesse de buscar o currículo de outras escolas, montou-se um currículo e trabalhamos bastante tempo, até que depois começamos a discutir... O mais importante que eu acho que houve dentro da UnB é que você tinha liberdade de trabalho, apesar de tudo, é interessante dizer isso, nós tínhamos muita liberdade. Por exemplo, na escola de Goiás, você tinha até as épocas marcadas: tal dia é o dia de uma prova prática, tal dia é o dia de uma prova teórica. Então, o

seu conteúdo também obedecia a uma sequência obrigatória, porque senão você chegava naquele período e não podia... Aqui na UnB, não. Foi uma surpresa para mim. Você tinha liberdade de fazer as provas, as avaliações quando você quisesse, com conteúdo também você tinha liberdade de trabalhar, o seu trabalho era seu. Sempre houve muita liberdade e isso permitia a gente explorar novos métodos, novas ideias, mesmo quando você não tinha embasamento teórico vindo de outros lugares, você podia experimentar. A gente ia a alguns cursos internacionais que tinham naquela época em Santos e trazia ideias de professores que vinham de outros países, e, na universidade, você tinha liberdade de experimentar. Eu fui uma grande experimentadora e também muito criticada. Experimentar coisas novas... Mas eu acho assim: não é importante aquilo que está no papel, o conteúdo, as disciplinas... O importante é a forma como você é, como vê o ser humano e como trabalha. Acho que houve uma grande evolução nossa. A gente começou do jeito que nós éramos na verdade, em uma sociedade mais contida, mais cheia de regras e, depois, dentro da universidade, nós vamos evoluindo nisso também. Não adianta você falar, falar, falar, se posicionar de uma forma filosófica muito bonita, teórica, mas a prática ser outra. Não adianta a sua mãe, por exemplo, se for dar uma aula, vamos supor que ela seja professora, e defenda (inint) [00:18:05] e, lá na sua casa, ela é totalmente diferente na forma como conduz a educação dos filhos, o comportamento dela. Isso, pra mim, é a coisa principal. Eu tive a oportunidade... Meus filhos foram educados em uma escola muito moderna (inint) [00:18:22], eles foram de uma época também, acredito, talvez muito inovadora, a diretora tinham uma cabeça muito livre, muito idealista, muito segura do que ela queria, e eu comecei a ver a diferença, a comparar e ver a diferença... Porque, às vezes, o método chegava a dar um contraste com a forma como eu tratava meus filhos e aquilo eu comecei a perceber que não é a teoria, não é o que você faz naquele momento, mas é você na vida. Inclusive, eu mudei muito com os meus filhos em função do que eu tinha vivido, porque eu vim de uma família, de uma formação, como era em toda minha época, muito autoritária. A gente tinha um sistema de conduta. As mulheres, então, não podiam sair daquilo, e os homens também tinham suas grinhas de conduta. A sociedade, enfim...

F.A.G.: As próprias matérias da faculdade.

M.H.S.: Sim, todo comportamento da gente com os professores, dos professores com a gente... Depois, quando os meus filhos foram estudar lá, eles faziam reuniões quando percebiam que havia um certo choque, faziam reuniões com os pais. Fui começando a perceber o quanto é importante esse nosso dia a dia. Então, eu acho que verdadeiramente é isso, aquilo que nós realmente temos no nosso dia a dia como nossa política – nós estamos vendo. As pessoas estão lá, porque nós votamos nelas, nas cinco mil prefeituras do Brasil, aquelas pessoas que votaram naqueles prefeitos e naqueles outros representantes conhecem aquelas pessoas, eles sabem que elas são desonestas e eles continuam votando nelas. Nós continuamos votando neles, então, quer dizer, isso tudo é nossa expressão e isso ocorre em tudo, também na nossa prática, na nossa prática diária de atividades, assim como professor, como pais, como comerciantes, como profissionais.

F.A.G.: Professora, a senhora foi chefe do departamento. Como foi esse período em que vocês eram da Faculdade de Saúde, como era essa disputa?

M.H.S.: A minha época foi terrível. Primeiro, eu não tinha nem talvez perfil para ser chefe de departamento e nem desejo. Eu sou exatamente o oposto dessa coisa, mas eu fui empurrada para amenizar uma situação de um grupo. Formaram-se dois grupos e aquilo foi muito ruim, e fui empurrada porque eu não era, até então, (inint) [00:21:30]. Foi muito tumultuado, porque foi a época do final da ditadura e eu já tinha dentro de mim umas posições um pouco diferentes, mas os meus colegas estavam comungando com essas posições e a gente tomou uma posição diferente. Não é que eu tenha liderado, era a vontade da maioria, e eu tive coragem de me posicionar como representante deles. A Faculdade de Saúde tem uma filosofia diferente. Os médicos têm uma formação – acho que até hoje não deve ter mudado muito –, têm um posicionamento e acho que eles também não entendiam a gente. Às vezes, até notava boa vontade deles quererem nos inserir, discutir nossos assuntos, mas eles não conseguiam capitar e tinham muitos problemas também. Nas poucas reuniões que eu fui... Foi uma época muito tumultuada e nossa formação de Educação Física no Brasil, em vários lugares ou em quase todo mundo, ela, até então, era a mesma da área da Educação e isso fugia totalmente do conhecimento e do interesse deles. A parte política, então, estava fervente... Eles eram da posição, pelo menos o pessoal que dirigia. Foi muito tumultuada a minha época e eu tomei umas posições assim também muito... Para mim, não estranhas nem radicais, mas talvez aos olhos de outros. Eu já tinha todo esse posicionamento, já tinha passado toda essa história que estou contando para você, já eram reflexões de muito tempo. Eu só fui aprender um pouco de política, entender o quanto a política influencia nosso dia a dia, dentro da UnB. Eu não tinha essa formação, fui formada para me casar, ter filhos, fui uma das primeiras mulheres da família a estudar, trabalhar, tudo dentro daquela época em que as mulheres começaram a mudar de posição, fui dessa época. Então, minha formação era toda diferente, e comecei a ver tudo, a ver como nós somos influenciados por coisas que a gente não tinha conhecimento (inint) [00:24:26], como muito brasileiro está tomando conhecimento agora do quão é importante você vacinar o boi. Você não pode nunca ter pensado em criar um boi e ter uma fazenda, mas não vacinar o boi vai ter uma repercussão na sua família, nos seus problemas do dia a dia. Isso foi muito positivo para nós todos, eu acredito.

F.A.G.: Tinha algum interesse do corpo docente em sair da Faculdade de Ciências da Saúde?

M.H.S.: Tinha, sempre teve, sempre fomos corpos estranhos, tanto nós para eles quanto eles para nós, mas havia sido colocado lá dentro. Na verdade, eu acho que a gente funcionava lá independentemente e eles também não sabiam como opinar. Eu sentia isso nas reuniões. Quando a gente colocava um problema nas reuniões, eles ficavam assim... É como você estar aqui em uma discussão importantíssima dos seus problemas de vida e vem outra coisa totalmente diferente, e você nem pode parar, porque está cheio de problemas. A meu ver, foi se empobrecendo tudo, materialmente, e cada vez mais tolhida foi ficando a

universidade, quando chegou no final da ditadura militar. Então, isso trazia uma série de problemas. Eu me lembro de um dia, de vez em quando eu me lembro disso eu fico rindo, estava faltando tanto dinheiro que eles não estavam tendo dinheiro para o Biotério. A discussão foi engraçada. Eu, de fora, via aquilo como que numa tela, igual você vê num filme. Eles discutiam: “Meu Deus, como vamos fazer com os animais?” Um disse assim: “Soltar, matar os animais? Ninguém vai querer matar os animais? Soltar os animais? Às vezes, o animal está infectado.” Agora você veja essa discussão tão particular e tão estranha. Não é sobre não ter dinheiro para manter os bichinhos do Biotério e o que fazer com os bichinhos. O respeito deles com aqueles animais e com o que fazer. Se não tinha como tratar, morriam de fome, seria difícil para eles ver os bichinhos morrer de fome, assim como matar os bichinhos também seria difícil. Quando me lembro disso, da ironia da situação... Havia muitos problemas, fora outros problemas... Por isso, a gente não conseguia sair muito do lugar, porque as cabeças não estavam lá, não tinham conhecimento da problemática e não estavam interessados, ainda mais no final. Estavam interessados em saber como é que iam sair da situação, como iam ficar. Imagina a mudança que foi, como é sair de um sistema político para outro. Foi muito tumultuado meu período lá, muito sujeito a críticas. Acho que grande leque foi o político mesmo, o resto... Os professores receberam convites e eu falei: “Vamos que (inint) [00:27:46] sem chefe.” Era uma sistemática complicada para um professor sair. Era discutido aqui, discutido ali e, no final, recebia a mesma informação de que só podia sair 2% do corpo docente – 2% era 1,5%. Não podíamos contratar professor para cobrir, não tínhamos dinheiro, era inadmissível gastar dinheiro... Então, tinha que um assumir a carga horária de outro. Não é nem essa questão de quantidade de aulas, mas é que, às vezes, até os horários não têm jeito de você compor com poucos professores. Eu sei que vários professores foram admitidos, a USP prestigiava muito a UnB. Foi o primeiro mestrado do Brasil e eles queriam que todos da UnB fizessem mestrado. Eu tinha uma grande amiga lá que estava liderando – ela fez no exterior e voltou –, talvez um nome no Brasil que puxou essa área para evolução, a Ana Maria Pelegrino. A ideia desse (inint) [00:29:03] era que todo mundo fizesse um mestrado em Educação Física na USP para poder crescer o Brasil com sua Educação Física. Eu sei que, nessa época, vários professores quiseram ir, foram admitidos, e eu dizia: “Então vai”. Não tinha como discutir, estava acéfalo, e isso foi uma coisa de muita crítica. Eu falei: “Enquanto está em tumulto, vai. Se depois voltar ao normal e eles não aceitarem tantos afastamentos...”. Isso empobreceu o ensino em si, mas eu via mais à frente. Fui muito criticada e espero que tenha valido à pena. Eu mesma não pude fazer mestrado, porque eu tinha uma situação de vida muito difícil, fiquei sozinha com os filhos, e o salário nosso era talvez metade do que é hoje. Eu sempre fui muito apegada aos filhos. Esse meu filho que adoeceu, estou grudada nele dia e noite. Esse ano ele está bonzinho. Nisso, eu desisti. Eu também tinha bens, tinha fazenda, gado, então eu decidi encerrar com a Educação Física e me dedicar a isso. Mas eu acho assim... Era o meu sonho profissional, e acredito que era o sonho de todos nós, evoluir, mesmo aqueles que não... Quando surgia uma oportunidade, eu achava que nós tínhamos que vencer tudo, desobedecer mesmo,

porque era uma coisa assim de obediência terrível e aquilo me irritava terrivelmente. Eu não sou muito careta nessa parte não. “Não, é só 1,5%”. Aí eles conseguiam... Já que não pode partir um no meio, dois. Mas aconteceu que um dia eu encontro uma colega da Psicologia, estava começando o curso de Psicologia na UnB e era muito fraquinho. Passaram-se os anos, e eu nem liguei mais para a Psicologia, enquanto a chefe, a gente se via nos debates (inint) [00:31:30] da Psicologia. Por acaso, paramos para bater um papo informal e ela me disse: “Como está o crescimento lá?” Eu falei: “Estamos tentando, vai um, vai o outro, e da Psicologia?” Ela falou assim: “Olha, agora estamos partindo para o doutorado, porque queremos ser...”. Eles já eram uma faculdade, eu acho, e queriam passar a ser um instituto. Aquilo foi um choque para mim, pois nós começamos muito mais forte... (inint) [00:32:00]. Na Alemanha... Eu falei: “Mas como sem dinheiro?” Ela falou assim: “À convite, para ficar hospedado na casa de outros colegas. Quando eles percebem que nós... A nossa necessidade, a nossa precariedade, eles convidam”. Então, todos já tinham feito mestrado e estavam partindo para o doutorado. Eu fiquei: “Como estamos atrás”. Aquilo foi um choque para mim. Quando surgiu essa oportunidade de fazer loucura, todo mundo... Mesmo sabendo... Isso foi muito criticado, mas falei assim: “Tem que ser como eles, fazer tudo”. Imagina o professor sair daqui sem dinheiro, imagina o nosso dinheiro na Alemanha? Passar até necessidade para crescer. Foi assim uma história...

Atividade de extensão: Atletismo (Cooper) – Centro Olímpico (CO) Em primeiro plano, dois homens em trajes esportivos caminhando num campo em sentidos contrários cumprimentam-se. Em segundo plano, mais pessoas fazem caminhada/Cooper. Três pessoas recostadas no alambrado que delimita o campo; arquibancada à direita; bonita paisagem ao fundo.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtOM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00036-08>.

7. Professor Mário Ribeiro Cantarino Filho (*in memoriam*) (M.R.C.F)

Entrevistador: Fábio de Assis Gaspar (F.A.G.)

M.R.C.F.: Bom, eu fiz meu curso de Educação Física na Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Eu entrei em 1959, 1960 e, em 1961, eu me formei. Hoje, essa instituição passou para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas o nome inicial dela era exatamente Escola Nacional de Educação Física desde a Universidade do Brasil que foi criada em 1939.

F.A.G.: Com o esforço do Gustavo Capanema?

M.R.C.F.: Na época do Gustavo Capanema, exatamente.

F.A.G.: Como que o senhor veio para a UnB?

M.R.C.F.: Houve um concurso público em âmbito nacional para formação do corpo docente do curso de Educação Física que estava se iniciando na Universidade de Brasília. Então, diante desse edital, vários professores de vários cantos do Brasil se inscreveram e fizeram esse concurso. Eu me lembro até do próprio Nuno Cobra, hoje famoso e que foi preparador físico do Ayrton Senna, um dos companheiros e participantes desse concurso.

F.A.G.: Ele não passou?

M.R.C.F.: Não. Dentro desse concurso houve análise de currículo e planejamento de uma aula prática. Então, nós ministramos aula prática. Todos nós fizemos esse concurso e formou-se o quadro para o Departamento de Educação Física. O mais curioso disso tudo, e que eu não sei responder o porquê, é por qual razão a UnB fez um concurso público, já que a prática da UnB na época era a contratação, não havia concurso. Você apresentava um professor, o currículo do professor ia para análise em uma reunião de colegiado e era aprovado ou não. Então, não havia essa ideia de concurso público. A ideia de concurso público só surgiu depois que a UnB foi equiparada às outras universidades, porque ela era como uma fundação, ela tinha certa autonomia, e o professorado era CLT, não era estatutário, então não tinha registro de carteira. Então, qual a verdadeira causa desse concurso para a Educação Física? Eu não alcancei até hoje a razão de ser isso. Tenho minhas dúvidas e minhas hipóteses, mas não tenho nada comprovado. Houve um concurso, fomos aprovados, foram aproveitados, uns aprovados não vieram por isso ou por aquilo, outras pessoas que foram aprovadas não se interessaram, porque teriam que sair de sua cidade para vir para Brasília, então com outras implicações, e os outros que vieram pegaram o curso que já tinha iniciado no semestre anterior. Não sei responder se foi no primeiro de 1971 ou no segundo de 1972, o Alcir pode informar melhor.

F.A.G.: Então, o senhor ficou desde o início do período da...?

M.R.C.F.: Sim, houve o concurso e chamava-se Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde. A ideia de faculdade foi muito depois que começou a se discutir o problema de faculdade, mas isso já nos anos 1980, quando se começou a discutir isso, até que se conseguiu transformar em faculdade agora no final dos anos 1990 ou

mesmo no início dos anos 2000, a data não sei por que eu já não estava mais lá. Então, esse departamento pertencia à Faculdade de Ciências da Saúde.

F.A.G.: Qual o período que o senhor lecionou lá mesmo?

M.R.C.F.: Eu trabalhei lá de 1974 até 1991, quando me aposentei, mas, depois disso, ainda voltei algumas vezes como professor substituto – ou como professor de cursos de especialização ou como professor substituto.

F.A.G.: O espaço físico do curso, como que é o CO?

M.R.C.F.: Tudo que nós chamamos de CO, Centro Olímpico, toda aquela área física, sempre pertenceu ao Departamento de Educação Física. No início, havia ali duas administrações: uma da parte do CO e uma do Departamento de Educação Física. Depois, nós conseguimos unificar tudo em uma coisa só. Mais tarde, eu já estava fora, é que houve uma subdivisão, não sei como segue isso hoje, mas houve um momento em que existia ali o serviço de recreação, William trabalhou nesse serviço de recreação, William, Renato e Solange, se não me falhe a memória, o Cleber. Depois, esse serviço, que pertencia ao Decanato de Assuntos Comunitários, foi extinto, então toda a área física ali pertencia ao departamento.

F.A.G.: Então passaram com o senhor... Que está até lá agora...

M.R.C.F.: O Alcir foi aprovado na minha época, o Riehl foi aprovado, não sei da história do William, não me lembro, e do Iran não me lembro, sei que eles fizeram a prova... Do Iran, eu não sei bem a história, quem sabe a história do Iran é o Alcir, eu não tenho memória nesse sentido.

F.A.G.: A Professora Solange, não?

M.R.C.F.: A Professora Solange, sim, mas não está mais lá, eu digo dos que estão atualmente lá.

F.A.G.: O curso foi instaurado no período da ditadura militar?

M.R.C.F.: Foi exatamente nesse período.

F.A.G.: Como foi essa relação da Educação Física?

M.R.C.F.: O chefe do departamento era um coronel do Exército, Coronel Bettero, aliás uma pessoa muito boa. O Bettero não era homem de perseguir ninguém, era um homem trabalhador, apesar de ser militar, apesar de estar trabalhando na cúpula do Ministério, mas o Bettero não fazia nenhuma injunção política em cima dos professores, absolutamente. Ele não cerceava nenhum passo da gente. Havia, em um nível superior, uma certa vigilância em cima dos professores de toda a universidade. Então, os professores que tinham alguma pendência, alguma linha socialista ou comunista, esse pessoal era, de certa forma, vigiado. Alguns até saíram da universidade. Mas, dentro da Educação Física, não teve nada nesse sentido. Apesar de alguns professores terem pensamento de esquerda, não sofreram, pelo menos publicamente, nenhuma represália.

F.A.G.: A escola incentivava alguma prática de esportes?

M.R.C.F.: Sim, havia um envolvimento muito grande dos professores com a parte esportiva da universidade. As equipes representativas, tanto da UnB quanto do Distrito Federal, eram sempre administradas por professores ali de dentro. Uma época eu fui

o responsável; outra época, foi o Riehl; no Voleibol feminino, tinha a Professora Maria Helena; na Natação, o William; no Futebol, o Alcir. Havia um envolvimento muito grande dos professores do Departamento de Educação Física com as competições universitárias. Era uma linha de trabalho do Bettero, em que ele fazia questão de que a associação... Na época, ainda não existia a Associação Atlética Acadêmica. Ela foi criada depois com muita dificuldade. Havia, da parte do reitor, uma certa aversão à criação da Associação Atlética Acadêmica. Essa associação foi criada muito depois, mas ainda nos anos 1980, ainda no período da linha militar da Presidência. Então, havia uma dificuldade muito grande nesse sentido. Depois, nós conseguimos criar, inclusive eu fui um dos que participou da Associação Atlética Acadêmica, mas havia uma representatividade esportiva da universidade e o Departamento de Educação Física e os professores tinham um envolvimento muito grande. Mais tarde eles começaram a se afastar e ficou tudo na mão dos estudantes, sendo que um professor era sempre o orientador, de acordo com a lei. Um professor era o orientador da associação, mas não mais com um envolvimento maior dos professores. Então, quando tinham os Jogos Universitários Brasileiros, em muito desses jogos, nós íamos com a equipe do Distrito Federal, quer dizer, estávamos envolvidos com a FAUnB, Federação Universitária de Esporte, e com o desporto interno da universidade. Então, havia um interesse muito grande, um envolvimento muito grande do professor Bettero nesse sentido. Posteriormente, isso foi mudando e os professores não deram mais assistência à Associação Atlética Acadêmica, porque, pela legislação vigente na época, cabia às escolas de Educação Física, por meio dos seus professores, monitores e estagiários, dar assistência ao desporto universitário. Então, houve realmente uma... O que não existe hoje. Houve realmente um envolvimento muito grande do corpo docente do Departamento de Educação Física com o desporto dentro da universidade.

F.A.G.: Qual foi a linha filosófica que o curso seguia?

M.R.C.F.: O curso seguia o currículo mínimo vigente, que era o currículo de 1969, então ele seguia a linha que estava ali dentro daquele sistema. Ele só foi alterado com o currículo de 1987, com a resolução de 1987. Então, de 1969 até 1987, o currículo não teve grandes diferenciações porque ele seguia o currículo mínimo. O currículo mínimo já tinha um rol de disciplinas. Você tinha dentro da universidade a possibilidade de apresentar outras disciplinas que eram as disciplinas optativas, mas as disciplinas obrigatórias já vinham pelo currículo mínimo então vigente. Era a formação do licenciado, mas as disciplinas esportivas tinham uma visão muito técnica. Então, um exemplo: o que é o Atletismo Básico 1 era o Atletismo dado na época. Todas as disciplinas eram muito técnicas. A partir de 1987, com o currículo novo, não vinha mais o rol de disciplinas, e sim quatro campos do conhecimento. Então, nós criamos as disciplinas dentro desses campos de conhecimento e orientamos o Atletismo, o Basquetebol, o Futebol, a Natação, enfim, com uma visão de metodologia – metodologia da Natação, do Atletismo, do Voleibol – com a ideia de um desporto mais no nível de escolas, mais de iniciação, de aprendizado, e não com a preocupação de técnica. Então, houve uma mudança do pensamento nesse sentido. Agora, o Atletismo 1,

o Atletismo 2 continuaram como optativas, já com uma visão técnica, como é hoje, mas já houve uma mudança grande nesse sentido. A visão foi de preparar o profissional, o professor, o licenciado para o magistério, não para trabalhar em academia, em comunidade, nada disso, mas a formação do professor do magistério. Essa foi a linha maior com essa visão nova a partir de 1987. Antes era, mas era muito técnica, nós seguíamos os modelos antigos da Escola Nacional, então, quando eu fui, por exemplo, eu fiz Basquetebol, era técnica de Basquetebol, era técnica de Voleibol. Já a partir de 1987, com essa mudança do currículo, o departamento passou a ter uma visão mais de licenciado, aquele que tem uma licença para trabalhar na escola, que é mais uma função de educador, de pedagogo. Então, houve uma mudança nesse sentido.

F.A.G.: Esse período também apresentou prova física para entrar?

M.R.C.F.: Nós tivemos prova física durante muito tempo, depois houve uma reunião no departamento para discutir se manteria ou não se manteria o exame físico e, por incrível que pareça, houve um empate. O chefe de departamento tinha o direito de dar o voto de minerva, mas preferiu aguardar novos estudos para retornar ao exame prático e não retornou nunca mais. Aí morreu o vestibular prático. Não sei hoje como está, se existe mais. Então, o que aconteceu foi realmente... Se procurar nos documentos e atas passadas, nós vamos encontrar exatamente nesse sentido, que houve um empate: um grupo era a favor e o outro grupo era contrário à prova.

F.A.G.: Os colegiados no curso sempre existiram?

M.R.C.F.: Sempre existiram. Na estrutura da faculdade, você tinha os colegiados do departamento e colegiados superiores na Faculdade de Ciências da Saúde. Então, na Faculdade de Ciências da Saúde, eram dois colegiados. Havia o chefe do Departamento e um representante que participaram desses colegiados da Faculdade de Ciências da Saúde, era um nível maior nosso. Havia outros colegiados dos decanatos, mas eram ordens superiores. Nosso vínculo com a Faculdade de Ciências da Saúde... A gente participava de dois colegiados, não me lembro o nome dos dois no momento, e os problemas eram tratados lá. Mas, na realidade, no início, nós íamos para as reuniões da Faculdade de Ciências da Saúde, reunião do colegiado acadêmico, e tratava-se mais era de assuntos da Medicina. Então, na hora de votação, o presidente da mesa não pedia nem voto para o pessoal da Educação Física, estávamos ali como verdadeiras figuras decorativas, não havia nenhuma... Mais tarde, isso mudou, houve uma mudança nesse sentido, mas, no início, a gente estava ali igual papagaio de pirata, estávamos ali só assistindo às coisas, não tínhamos muita palavra não. Posteriormente, houve alteração nesse sentido, e nós começamos a ter processos para relatar, participação mais ativa. Alguns professores da Faculdade de Ciências da Saúde – principalmente do corpo médico, e depois foram criando outros cursos – viam a gente como apêndice, a gente estava ali sem grande valor, o departamento não tinha uma força muito grande dentro da Faculdade de Ciências da Saúde. Sempre existiu a parte de colegiado. Isso você vai encontrar no estatuto e no regimento da época, no Regimento da Universidade de Brasília.

F.A.G.: Daí que veio a luta para formar uma faculdade ou não?

M.R.C.F.: Não, a ideia da formação da faculdade surgiu no momento – não sei exatamente em que momento foi – em que nós discutíamos se nós deveríamos estar como um departamento da Faculdade de Educação ou como um departamento da Faculdade de Ciências da Saúde. Havia um pensamento nesse sentido, havia uma discussão até ali dentro sobre isso. Na Faculdade de Educação, certa vez conversando lá, eles não viam a Educação Física como uma possibilidade de ser um departamento da Faculdade de Educação. Eles tinham uma outra visão de Educação Física, não viam a Educação Física como fenômeno educacional. Então, nós não tínhamos nada a ver com aquilo lá. O pessoal da Medicina também achava que nós não tínhamos mais nada a ver com aquilo lá. Houve um momento, até o diretor era o professor Eduardo, em que ele abriu, até mesmo por meio de documentos, a possibilidade de nós sairmos como um departamento e surgirmos como uma faculdade. Então, para aonde a gente ia? Nós seríamos um departamento da Faculdade de Ciências da Saúde ou um departamento da Educação? Havia discussões nesse sentido e nós éramos rejeitados pelas duas faculdades, nós não tínhamos nem pai nem mãe. Mais tarde, já na época do Iran, conseguiu-se então criar a Faculdade de Educação Física, mas é um pleito antigo, não é um pleito novo. Dentro da estrutura da UnB, eles não queriam abrir muitas faculdades, eles queriam mais... Os departamentos ligados às faculdades iam criar várias faculdades, então havia, dentro da própria estrutura, uma amarração nesse sentido. Houve muita discussão, tanto interna quanto externa, para poder surgir como faculdade e então foi criada, mais recentemente, como faculdade, mas isso foi uma luta. Quem conhece a história vai ver que é uma luta que não foi só agora, vem lá de trás, vem já de alguns anos uma discussão nesse sentido.

F.A.G.: O senhor foi diretor da faculdade duas vezes?

M.R.C.F.: Eu fui chefe de departamento duas vezes, nem me lembro o ano. Eu, primeiro, fui subchefe do Bettero, fiz um trabalho bom ali dentro. O Alcir, nesse ponto, é que pode falar sobre a minha participação na organização do departamento. Depois, fui chefe, por duas vezes, tem até o meu retrato lá com a estátua. O Alcir esteve comigo também como subchefe e depois foi o chefe. Depois, o Jake também esteve comigo no mesmo período, então eu estive lá exatamente dentro dessas mudanças que a gente ia batalhando dentro da faculdade.

F.A.G.: Foi proveitoso esse período, então?

M.R.C.F.: Foi uma experiência bastante interessante. Dentro da faculdade, a gente procurava... Dentro das reuniões, nós criamos algumas metas para serem atingidas tanto na área administrativa quanto na área da formação profissional. Na área de pesquisa, nós criamos alguns projetos nesse sentido e procuramos trabalhar ali dentro. Para você ter uma ideia, o professor, naquela época, para sair para fazer o mestrado, foi o caso do Alcir, do Riehl, da Solange e do próprio Iran, eles não recebiam o ordenado total da universidade, eles eram penalizados financeiramente, então eles deixavam de receber uma parte dos seus recebimentos para poder estudar lá fora. Não existia dentro da UnB

uma política de capacitação docente, porque, se ela queria um doutor, ela trazia um doutor, se ela queria um mestre, ela trazia um mestre, porque não precisava de concurso na época, era só convidar. Apresentavam o currículo e, com base no currículo, a pessoa era contratada de modo que a universidade sempre teve interesse por grandes nomes para toda a universidade, então ela ia trabalhando dentro dessa linha e não havia uma política de formação do corpo docente. Depois que ela entrou na isonomia e que ficou no mesmo nível de todas as universidades federais, aí sim, começou a vir uma política nesse sentido.

F.A.G.: Então, os primeiros mestrados demoraram a aparecer?

M.R.C.F.: Exatamente. Ali dentro nós não tínhamos... Ou a gente fazia o mestrado dentro da própria universidade, que foi o meu caso e de muitos companheiros, ou então ia para a USP, porque os primeiros cursos de mestrado em Educação Física foram em Santa Maria e na USP, em São Paulo. Então, o Riehl, a Solange, o Alcir, todos eles foram para lá. Foram os primeiros mestres que o departamento teve.

F.A.G. O seu mestrado foi em que ano?

M.R.C.F.: Meu mestrado foi na Faculdade de Educação, terminei no ano de 1982. Eu tinha minha carga horária reduzida, não zerada, não total. Eu tinha aulas no Departamento de Educação Física e tinha aulas na Faculdade de Educação, então fiz paralelamente as duas atividades. Hoje não, chegou-se ao ponto em que o professor está só por conta do mestrado ou do doutorado, mas, naquela época, havia dificuldade nesse sentido. Eu dava aula, saía correndo e ia para a aula lá em cima e voltava correndo para continuar a aula. Tinha uma carga meio reduzida, mas não zerada. Não havia política nesse sentido. Agora não, agora as coisas mudaram muito. Nesses últimos anos, houve muito avanço nesse ponto.

F.A.G.: O curso de Educação Física fez com que os alunos retornassem para a faculdade para dar aula?

M.R.C.F.: Quando eles terminaram seus cursos? Não. A política do reitor, na época, era o não aproveitamento dos próprios alunos da universidade, então havia uma política em que você terminou o seu curso de Educação Física você não era contratado para trabalhar na universidade. Teria que buscar professor de fora. Essa foi uma política adotada pelo reitor, na época, Azevedo, e, só mais tarde, que isso veio a ser alterado. Então, não havia contratação do professor... Por exemplo, a Keila, o Jake, essa turma toda, eles foram alunos lá, foram meus alunos. Ou posteriormente, com a mudança de política, essas pessoas entraram para a faculdade ou por meio de concurso eles entraram na faculdade. Houve um momento em que a política da Universidade era não contratar docente saído dos seus quadros. Era uma visão da época. Na minha opinião, errônea, mas era uma visão da administração da época. Hoje, tem professores como a Keila, o Jake... Esses meninos que estão hoje lá – chamo meninos porque são mais novos do que eu – são da Fundação Educacional por meio de um convênio e estão trabalhando dentro da universidade, não como professores do quadro da universidade, são professores externos que estão trabalhando lá. A Keila não sei se ela foi

contratada ou se ela fez concurso público, não sei, não tenho memória para lhe responder esse caso. Na época em que era CLT, que você podia convidar e fazer a contratação tanto do funcionário como do professor, você contratava... Dizia: “Eu tenho aqui um primo que é professor, um amigo que é professor...” “Traz o currículo dele, coloca o currículo na mesa e vamos analisar”. Depois disso, não, com a isonomia teve que ser por concurso público.

F.A.G.: O professor Vilmar foi um caso desses ou não?

M.R.C.F.: O professor Vilmar fez concurso... Não sei. Quem pode lhe responder é o Riehl e o Alcir. Podem te dar uma resposta mais segura. Eu não me recordo como é que alguns entraram. Eu não sei se ele foi contratado ou se foi por de concurso, não sei responder.

F.A.G.: O senhor acha que isso tem a ver com o período militar (inint) [00:29:01]?

M.R.C.F.: Não. Era a política da UnB, independentemente do próprio regime. Era uma linha da... Não vejo nada nesse sentido. Contratavam-se as pessoas que o colegiado achava que tinha competência. Tinha até um diretor da Faculdade de Ciências da Saúde que, na hora de analisar um processo desses, ainda brincava: “Deixa eu ver o retrato dele para ver se ele é bonito”. Ele brincava nesse sentido, mas era realmente pelo convívio. “Aqui estou apresentando fulano de tal, aqui está o currículo”. Alguém fazia uma análise do currículo e fazia a proposta para ser contratado. Então, a política na época era não contratar aluno da universidade, mas não vejo nisso nenhuma conotação com o regime, era mais mesmo uma política acadêmica. Eles queriam sempre gente de fora para mudar a visão da própria universidade.

F.A.G.: A UnB foi a primeira em relação aos outros cursos de Educação Física?

M.R.C.F.: De Brasília? De Brasília, foi o primeiro. Depois, veio a Dom Bosco, depois vieram as outras. Depois, em Brasília, você tem a Alvorada, a Católica, que é a antiga Dom Bosco, você tem uma nova agora que se chama Albert Einstein, você tem a do Objetivo... Você tem alguns cursos novos de Educação Física, agora o primeiro realmente foi o da UnB.

F.A.G.: Tinha contato entre os cursos e as pessoas?

M.R.C.F.: Não, você tinha conhecimento, conhecia os professores... Por exemplo, o segundo curso que apareceu foi o da Dom Bosco... Era mais uma coisa de relacionamento pessoal. Vou dar um exemplo do Atletismo. Lá na Dom Bosco, houve um momento em que teve o Feijão, o Deia e o Miro. Pelo relacionamento pessoal nosso, a gente tinha um contato maior com eles. Quando eu vim pra cá, eu comecei a trabalhar também na Dom Bosco de noite, só que me alertaram que eu não podia trabalhar, porque o meu contrato com a UnB era de dedicação exclusiva. Eu não poderia ser professor da UnB e da Dom Bosco, então fiquei lá só um semestre, logo no início do curso deles, e depois eu saí exatamente em razão disso. Depois que os professores foram para lá, depois que eu saí, tinham um contato muito grande com eles na parte de competição, mas mais nesse sentido. Então, o Miro é um grande conhecido meu, o Feijão, a Deia... Agora, em termos acadêmicos oficiais, não, não havia nenhum tipo de contato, era muito pessoal, até hoje. Cada escola de Educação Física, cada Faculdade de Educação Física no Distrito Federal, cada um faz o seu inferninho

à parte, não há uma conjugação nesse sentido. Tentou-se fazer algumas reuniões para se discutir, mas cada um tem uma linha de pensamento diferente. Às vezes, um discurso em que, na prática, o discurso não batia com a prática. Houve uma feita em que eu presenciei um discurso do diretor da faculdade Dom Bosco e que não tinha nada a ver com a realidade prática. Ele defendia um posicionamento, uma filosofia do curso, usando exatamente a formação do pedagogo, mas a atividade de campo tinha nada a ver com a filosofia dita. Por que eu digo isso? Porque eu tinha convivência com o pessoal de lá, eu sabia como é que as coisas eram, eu sabia como era ministrada a Natação, como era ministrado o Futebol, então aquelas palavras não estavam de acordo com a realidade.

F.A.G.: Cantarino, quando o senhor voltou desses últimos períodos como professor substituto, você percebeu alguma diferença da linha do curso, foi mais para uma área, alguma área ficou pendente?

M.R.C.F.: Perfeitamente. Primeiro, eu vi o seguinte: eu senti o alunado totalmente diferente do alunado do ano passado, uma outra cabeça, uma outra maneira de ver o mundo completamente diferente. O curso muito voltado para a teoria e pouco para a prática. Tanto que eu costumo dizer que o curso da UnB virou – há anos que eu venho dizendo isso – curso teórico da Educação Física prática. Você tem muita aula de assistir à disciplina em sala de aula, com vídeo e com teoria, e pouca vivência de campo. Isso foi uma coisa que eu percebi. Segundo o alunado com pouca participação no campo. Eu estou falando do Atletismo – ouvia alguns comentários de outras disciplinas –, mas com pouca participação de campo. Estavam mais habituados à atividade de sala de aula do que à de campo. Então, essas foram as diferenciações que eu vi. Turmas grandes demais, outra coisa também. Eu peguei uma turma de Fundamentos da Educação Física com 65 alunos, foi uma miséria, foi uma dificuldade muito grande. Esses foram os pontos, digamos assim, os principais que eu senti dentro do curso. Pouca vivência em Educação Física escolar do aluno que foi fazer o curso de Educação Física por pouca vivência de campo. A Educação Física escolar falha, pequena, então, quando você vai fazer um trabalho de campo, o aluno tem dificuldade de coordenação, de habilidade motora, e esse foi um ponto que eu senti bastante dentro do curso. Dentro da minha visão, uma disciplina que, na prática, entre aspas, tem que ter uma carga teórica e uma carga prática, não só uma carga teórica. Vou ter cuidado com algumas palavras. Em quatro aulas de uma certa disciplina – 4h de aula –, três eram em sala de aula e uma era no campo, e essa no campo poucos vivenciavam prática no campo, muitos assistiam, poucos praticavam. Então, conversando uma vez com um aluno sobre isso, ele falou assim: “Eu, para ensinar Futebol, não preciso saber chutar uma bola”. Para mim, isso é difícil. Eu acho que o básico... Você não precisa ser um campeão, mas o movimento básico você deve ter esse domínio para, inclusive, você, na sua atividade, na hora de fazer uma demonstração, você saber fazer uma demonstração. Não só teorizar com palavras para o aluno como é que ele vai chutar uma bola. Então, esse foi um fato que eu vi. Outro fato... Quem me chamou atenção disso foi o Alcir. O Alcir disse que o atual currículo da Faculdade de Educação Física é uma árvore de Natal, é como uma árvore de

Natal cheia de bolinhas coloridas, quer dizer, muitas disciplinas optativas que não estão voltadas para a linha de licenciatura. Você tem um conhecimento vasto, você pode fazer flauta lá no curso de Música, você pode fazer a pintura lá no outro curso, quer dizer, você tem uma visão de mundo maior, mas você está perdendo vivência na sua área. Disciplinas voltadas para outro tipo de mercado. Em vez de estar predominando a filosofia do curso, que é a formação de um pedagogo, de um licenciado, você está formando profissional para trabalhar em todos os setores. Então, você tem como disciplina optativa Atividade Física para o Idoso. Na minha visão, isso poderia entrar como um curso de extensão, mas não como uma disciplina, porque se você está procurando trabalhar na formação do magistério, primeiro e segundo graus, idoso não faz primeiro e segundo graus, então, por isso, que essa mistura, esse rol enorme de disciplinas optativas que você vai ter que escolher para fazer não coadunam com a licenciatura, coadunam com a formação de um profissional. É como jogar nas 11, eu sou um jogador que joga nas 11 posições. A formação do indivíduo fica uma formação eclética, não fica uma formação visando à área do curso, porque o curso é de licenciatura. Nós não criamos... Quando em 1987 houve a proposta no currículo do curso de licenciatura e do curso de bacharel, nós trabalhamos em cima do curso de licenciatura. Criou-se uma comissão para fazer uma proposta para a formação do bacharelado e, no entanto, essa comissão não andou, não apresentou uma proposta para a formação do bacharelado. Então, com isso, com essas mudanças internas do currículo com base na 87, foram colocando uma porção de disciplinas para atender ao bacharel, mas nós não temos o bacharel dentro hoje da Faculdade de Educação Física. No entanto, em 1987, teve uma proposta, teve uma comissão. Foi constituída uma comissão – não vou dizer o nome do presidente, porque ele está vivo –, tinha um presidente e essa comissão não funcionou até hoje. Então, nós temos a licenciatura e não temos bacharelado e, a partir de 1987, poderia ter as duas coisas, dois cursos diferenciados. Então, para poder atender a esse mercado que está alterando, procurou-se colocar as disciplinas do... Ginástica voltada para academia, para musculação... Começou-se a dar valor à atividade física para idoso, começou a colocar umas outras disciplinas nesse sentido. Agora, isso, na minha visão, em detrimento da formação do licenciado.

F.A.G.: A licenciatura ficou em segundo plano, o senhor acha?

M.R.C.F.: Não, não ficou em segundo plano, ele se misturou, ele perdeu, por que o que é um licenciado então? Ele tem que entender o que é um licenciado. Licenciado é um indivíduo que tem licença para o magistério. Ora, se ele tem licença para trabalhar no primeiro e segundo graus, ele tem que ter uma linha de formação pedagógica. Então, você vai fazer uma série de musculação, não tem nada a ver com a formação pedagógica. Atividade física para o idoso não tem nada a ver com seu trabalho no primeiro e segundo graus. Eu acho que aí tem alguma coisa que não está funcionando bem. Foi aquela pergunta que você fez sobre a filosofia. Naquela época, nós tínhamos uma preocupação na formação do licenciado. Hoje não, hoje nós estamos formando o eclético, um sujeito capaz de jogar nas 11. Já há bastante tempo, eu disse para Professora Keila, que era a coordenadora da graduação: “Keila, aluga

os campos e vamos passar vídeo e trabalhar em sala de aula. Vamos fazer curso teórico de Educação Física prática.” Eu tive problemas com as turmas de Atletismo exatamente por isso, porque eles estavam vindo de uma linha dentro da faculdade que era mais sala de aula do que campo, e eu estava no campo, minha sala de aula é o campo.

F.A.G.: Os estudantes, de certa forma, acomodaram-se com essa ideia também?

M.R.C.F.: Começaram com essa ideia, então você via que os estudantes não estavam muito afeitos a fazer a prática em si. Antes de eu voltar, assisti algumas aulas lá dentro da faculdade. Então, a turma saía da sala de aula, alguns faziam uma demonstração e outros ficavam vendo, conversando e não participavam... Perdiam essa vivência de campo. Eu cansei de ver. Por isso que eu falei dessa maneira, da formação teórica. Então, eu acho que as coisas... Eu posso não ser um exímio nadador, mas, para poder ensinar, eu acho que eu tenho que vivenciar aqueles movimentos. Eu não preciso ser um perfeccionista, não sou um campeão de natação, mas vivenciar, ter essa experiência motora. Como é que eu vou querer botar na cabeça de alguém ter experiência motora, ter uma história de movimento se eu não tenho uma história de movimento, se eu não sou capaz de andar em cima de uma trave, subir uma escada, se eu não tenho esse tipo de vivência? Para mim, isso é complicado.

F.A.G.: Dá para enxergar o motivo pelo qual tomou esse rumo tanto professores quanto estudantes?

M.R.C.F.: Não. Não sei o que houve, não sei a cabeça de cada professor para haver desse tipo de mudança. Tem professores lá que vão para o campo, exigem, querem frequência, participação – tem professores que exigem a participação, tem outros professores que não exigem participação, participa da prática quem quer. Agora, o porquê que está na cabeça deles essa visão eu não sei lhe responder, mas eu vi claramente – isso para mim ficou bastante claro lá nos três semestres que eu fiquei ali dentro. Eu tive dificuldade, eu me senti fora do meu ninho dentro daquele trabalho. Eu vi professores dando aula prática na Prática Desportiva, alunos com a roupa que vão ao shopping, com a mesma roupa que vão ao shopping estão fazendo atividades físicas, e o próprio professor está com a roupa do shopping, dando uma atividade física, isso é fácil de você observar, é só ir ali para área de fora que você vai ver na PD. Na minha época, não. Tênis, calção, short, camiseta e vamos lá, vamos ver. Eu cansei de ver alunos fazendo determinadas aulas, tudo com a roupa do shopping. Foi quando alguém perguntou: “O senhor é militar? Porque está exigindo uniforme”. Eu não sou militar, não se trata disso, mas você tem que fazer atividade física com uma roupa adequada para atividade física, não é com a roupa que você vai ao cinema, vai ao shopping, vai passear, vai namorar, que você vai fazer uma atividade física, não é nesse sentido. Não é a obrigatoriedade do uniforme, mas uma roupa, uma indumentária adequada à atividade física. Você observa isso. Se você andar lá, vai observar. O professor está vestido com a roupa do *shopping*, dando aula de PD, e os alunos estão fazendo a mesma coisa. Tem uma coisa que não está batendo. É muita aula teórica de disciplinas de campo, é muita teoria, muito vídeo... Você tem a facilidade, o vídeo realmente é um grande recurso que você tem, mas não é só ele. Você vai ver ali o salto em altura, o jogo

de basquetebol e nunca vai vivenciar aquilo. Você está vendo, está passando um vídeo e você está vendo como ele usa bola, como faz os lances... Então, eu acho que isso é uma falha que eu vi dentro desses três meses, três semestres em que estive lá dentro. É uma falha que eu vi dentro do curso nesse sentido. É o curso teórico de Educação Física prática, essa é a minha definição.

F.A.G.: O senhor tem entendimento de que a Educação Física é o aprendizado da cultura corporal?

M.R.C.F.: Você tem... Se você está querendo dar à criança uma vivência gestual grande – correr, nadar, jogar bola, jogar peteca, subir em uma árvore, saltar um riacho –, se você tem essa visão para que amanhã esse indivíduo faça sua atividade física para o seu próprio bem-estar social, saúde etc., então você tem que ter uma vivência nesse sentido. Se você tem uma ideia de que desse grupo de alunos que você está trabalhando, ganhando essa experiência, você pode orientar alguém interessado, alguém com potencialidade para ser um campeão, então ele vai ter que passar por isso tudo. Você vai ter que ter uma formação básica, não especializada, com uma criança, vai vivenciar tudo. Eu vejo o Atletismo como uma disciplina boa nesse sentido, porque você tem corridas, saltos e arremessos, cada um de uma maneira diferente. Então, você vai vivenciar. Não precisa saltar xis metros de altura no salto em vara, mas você tem aquela sensação de correr e de saltar, você ganha uma vivência nesse sentido. Você tem uma experiência de saltar obstáculos e vai procurando depois aperfeiçoar o movimento, mas você vai correr e saltar vários obstáculos – não precisam ser barreiras atléticas, caixas de papelão que você vai correndo e saltando –, e então vai formando uma história de movimento. Como você teria? Qual a visão maior que eu vejo? Você teria na escola, nas primeiras séries, uma atividade física lúdica. Mais adiante, já entrando no final do segundo grau, você já entra em uma fase mais pedagógica, um movimento mais pedagógico de nadar, de correr, de lançar uma bola de basquetebol... Depois, você tem o seu padrão de vida. Ou você usa esses conhecimentos como um campeão, como atleta ou como uma pessoa que tem o prazer de chegar em uma praia e saber nadar, saber jogar um voleibol, não precisa ser um campeão, mas para a sua atividade. Se você prega hoje que o indivíduo, para o seu lado de saúde, deve ter uma atividade física, tanto pela saúde mental quanto pela saúde física, se eu não sei nadar, eu não vou entrar na praia, não vou entrar no lago, não vou entrar no rio. Mas, se eu sei nadar, eu posso usufruir daquele lago, daquela praia, daquele rio. Se eu sei jogar um voleibol, eu posso chegar e jogar um voleibol, uma peteca. É o meu bem-estar. Então, você tem uma fase de aprendizado, lúdica, como criança; uma fase mais pedagógica, como adolescente, para ter um padrão de vida. Se eu não sei pedalar uma bicicleta, se não aprendi quando garoto, eu não vou andar de bicicleta nunca. Então, você tem o quê? Uma história do movimento e a escola que te dá isso. Uma boa Educação Física na escola vai te dar essa história de movimento. Você vai vivenciar... Rolamento para frente, rolamento para trás, um *Flip-flap*, uma roda, coisas que você pode fazer, o salto mortal... Se é coisa gostosa você chegar numa piscina, sair correndo, bater os dois pés na borda da piscina, dar um salto mortal e cair dentro

d'água? É gostoso. Agora, se você não tem essa vivência orientada, como você vai fazer isso? Você vai quebrar o pescoço. Essa é a minha visão, a Educação Física na escola com essa visão educacional, não com essa preocupação de só procurar os talentos. Não é por aí, os talentos vão surgir, eles estão aí, estão na música, na poesia, no romance, na arte, os talentos estão aí, o negócio é descobrir e orientá-los. Então, não é só fazer a Educação Física na escola, buscando os talentos, e os pernas-de-pau ficam para o canto. “Você não joga, você é perna de pau”. Não, deixa a perna-de-pau jogar com o perna de pau, deixa perna de pau jogar com bom também, ele tem que vivenciar aquilo. Agora, se ele vai ser campeão amanhã ou não, isso os bem-dotados, os talentosos vão ser campeões. Eu posso ser talentoso e não querer ser atleta. Não estou interessado em ser atleta. Jogo bem bola, nado bem, tenho potenciais, mas não quero ser atleta. Agora, eu quero ser atleta, então vamos explorar. Mais adiante, vamos explorar aquele camarada, vamos mandar para um clube para ele poder ser aproveitado nesse sentido. Então, eu acho que essa vivência, essa experiência do curso de Educação Física, em que você tenha também essa experiência que você não teve anteriormente, que você tenha essa experiência dentro do curso, que você saiba bater uma bola de basquetebol, que você saiba jogar voleibol, handebol, essa vivência maior, essa história de movimento é o que eu vejo por aí. Quem é a melhor pessoa para fazer isso? Professor de Educação Física na escola. Academia é outra coisa, você está preocupado com o seu físico, com o seu bem-estar. “Vou tomar bomba para ficar mais forte que o outro” e acontecem essas desgraças que nós estamos vendo, então é outra coisa, outra visão. Por exemplo, hoje, temos um debate muito grande sobre essa visão de que a Educação Física é da área de saúde. Vamos devagar. A atividade física na área de saúde e os princípios de Educação Física pedagógica na escola são duas coisas diferentes, não vamos misturar. O Conselho Federal de Educação Física hoje defende que a Educação Física é saúde. Eu não penso assim. A atividade física, sim. Você vai correr sozinho 15min, 20min, 30min, 1h não tem nada a ver com a parte pedagógica, é uma coisa exclusivamente pessoal para você ganhar capacidade aeróbica, para ter seu organismo bem preparado, para evitar uma série de coisas, mas não tem nada a ver com o lado educacional. Então, eu vejo a diferenciação nesse sentido.

F.A.G.: O conselho não está ajudando a sanar...

M.R.C.F.: Isso aí caberia ao curso de formação de bacharel, mas vamos fazer a diferenciação. Eu vou formar um eclético, camarada que sabe jogar nas duas áreas e eu não vejo assim. Ou eu formo um indivíduo para trabalhar como *personal trainer* na academia, musculação, *spinning*, coisas assim ou o outro que é o trabalhador, o profissional que vai trabalhar na escola como educador. São duas coisas diferentes para mim. Eu vou fazer um eclético, então você pega as duas coisas, mistura, coloca no liquidificador e fica a árvore de Natal do Alcir, cheia de bolas coloridas.

F.A.G.: A discussão sobre o Conselho é antiga?

M.R.C.F.: A formação do Conselho? Não. A proposta da regulamentação da profissão é coisa antiga. Se a gente for procurar, tem vários projetos bem antigos nesse sentido com

algumas barreiras. Havia um projeto do deputado Adail de Almeida, eu acho, de regulamentar o magistério, não passou. Como é que você vai exigir lá no Piauí, em uma cidadezinha, que o professor de Biologia tenha um curso de Biologia? Quem vai dar aula é o médico local, que vai dar aula de Biologia. Quem vai dar aula de Português é o advogado, quem vai dar aula de História é o advogado, porque não tem profissional para atender à área. Então, você começa a esbarrar... A professora de primeiras letras da escolinha da fazenda tem o beabá, então ela ensina o beabá, não tem curso de nada. Estudou, fez o primeiro grau e aquilo que aprendeu ela ensina para a criançada, ela alfabetiza a criançada, só que ali. Aí você vai exigir que ela tenha um curso de magistério? Isso não passou, porque uma coisa é você pensar na realidade de uma grande cidade, uma coisa é você pensar na realidade do interior, em que crianças andam quilômetros e quilômetros para poder ter uma aula dentro de uma escola que é uma classe mista. Você tem em uma classe garoto de 10 anos, 11 anos, 12 anos, 15 anos, todo mundo aprendendo a mesma coisa ou a professora procurando orientar individualmente cada um. Isso existe se você andar no interior do Brasil – não precisa ir muito longe – você vai encontrar as escolas que ficam dentro de uma fazenda, uma casinha simples e modesta com meia dúzia de cadeiras e a professora dando aula ali mesmo. Aí você vai dizer: “Tem que ter de curso de Filosofia, tem que ter curso Normalista”. Agora nem é mais normalista, agora é curso superior. Como? Não tem como.

F.A.G.: E na Educação Física?

M.R.C.F.: Você vai ver as pessoas que... Ou é ex-jogador ou ex-atleta ou militar, você vai encontrar dentro dessa área. O meu professor de Educação Física era um militar, um sargento, e era o que predominava no Brasil. Depois que foram surgindo as escolas, mas a predominância nos anos 1940 era mais de militares do que de civis. A Escola Nacional é de 1939 e a escola militar é de 1931, 1933, então, naquela época, nos anos 1940, você tinha mais militares do que civis trabalhando na Educação Física escolar, e esse pessoal foi reconhecido por leis dos anos 1940. Quem fez um curso na Marinha tinha equiparação àquele que fez um curso de licenciatura, então havia os militares que faziam os cursos de monitor, os sargentos... Os tenentes faziam curso de instrutor e os sargentos faziam o curso de monitor. Era esse pessoal que trabalhava na área. Então, você tem umas coisas complexas, umas coisas difíceis de você ver. Você vai no Gama e tem um camarada que tem uma garotada que ele ensina futebol. “Não, o senhor não pode ensinar futebol, o senhor não tem o CREF”. Quem vai botar no lugar dele? O que ele faz socialmente com esses garotos? Isso tem que ser pensado. A regulamentação está discutindo determinadas coisas. Uma moça aqui na AABB que ensina Vela, ensina velejar, então o CREF foi em cima dela: “Você não tem um curso de Educação Física.” Qual é o curso de Educação Física que ensina alguém a... Tem uma disciplina de Vela no curso de Educação Física? Não tem, não existe. Você tem no Brasil hoje mais de 100 modalidades desportivas registradas. Qual escola tem capacidade para formar 100 modalidades desportivas, ter 100 disciplinas? Não tem. Esse é um problema que tem que ser discutido. A formação do treinador... Como é que nós vamos fazer a formação do treinador? São coisas que... Tentou-se, em 1987, tirar a formação do

técnico desportivo do currículo, procurar uma outra forma, porque você não vai ver em cada professor de Educação Física um técnico, você não vai ver, são coisas diferentes, são perfis profissionais diferenciados. Então, seria um trabalho diferente. O próprio trabalho da academia seria através do curso de bacharel, que a faculdade até hoje não fez.

F.A.G.: Existiram essas discussões dentro da universidade?

M.R.C.F.: Hoje, nós temos dentro da faculdade a licenciatura. Você vai receber o título de licenciado em Educação Física, esse é o título que você tem. Você não tem o título de técnico desportivo, nem de bacharel. Agora que está surgindo um novo currículo está se discutindo a formação pedagógica, como é que vai ser o bacharelado, então já está se discutindo nesse sentido, mas, no momento, vocês são licenciados em Educação Física para jogar nas 11, formação eclética. A faculdade tem que... Foram assuntos que já foram discutidos. Em momentos de reuniões, discutia-se dentro da faculdade, só que não houve avanço nesse sentido.

Aos mestres, com carinho

História e memória da Educação Física na Universidade de Brasília

O livro expõe uma produção historiográfica acerca da Faculdade de Educação Física, tendo como objetivo desenhar uma linha do tempo com acontecimentos que marcaram o período que antecedeu sua criação. Além disso, buscou mapear os professores de Educação Física pioneiros, assim considerados porque participaram dos primeiros anos de atividade da UnB.

A trajetória histórica da educação física, esporte e lazer na UnB é fruto de um empreendimento coletivo de mais de 50 anos, em que os professores pioneiros tiveram protagonismo. A presente obra é dedicada a eles, tendo sido composta por entrevistas realizadas primeiramente em 2005 e, posteriormente, entre 2018 e 2019. Visite o site <https://cemefef.unb.br/> e acesse outras fontes históricas.

EDITORA
UnB 60

